

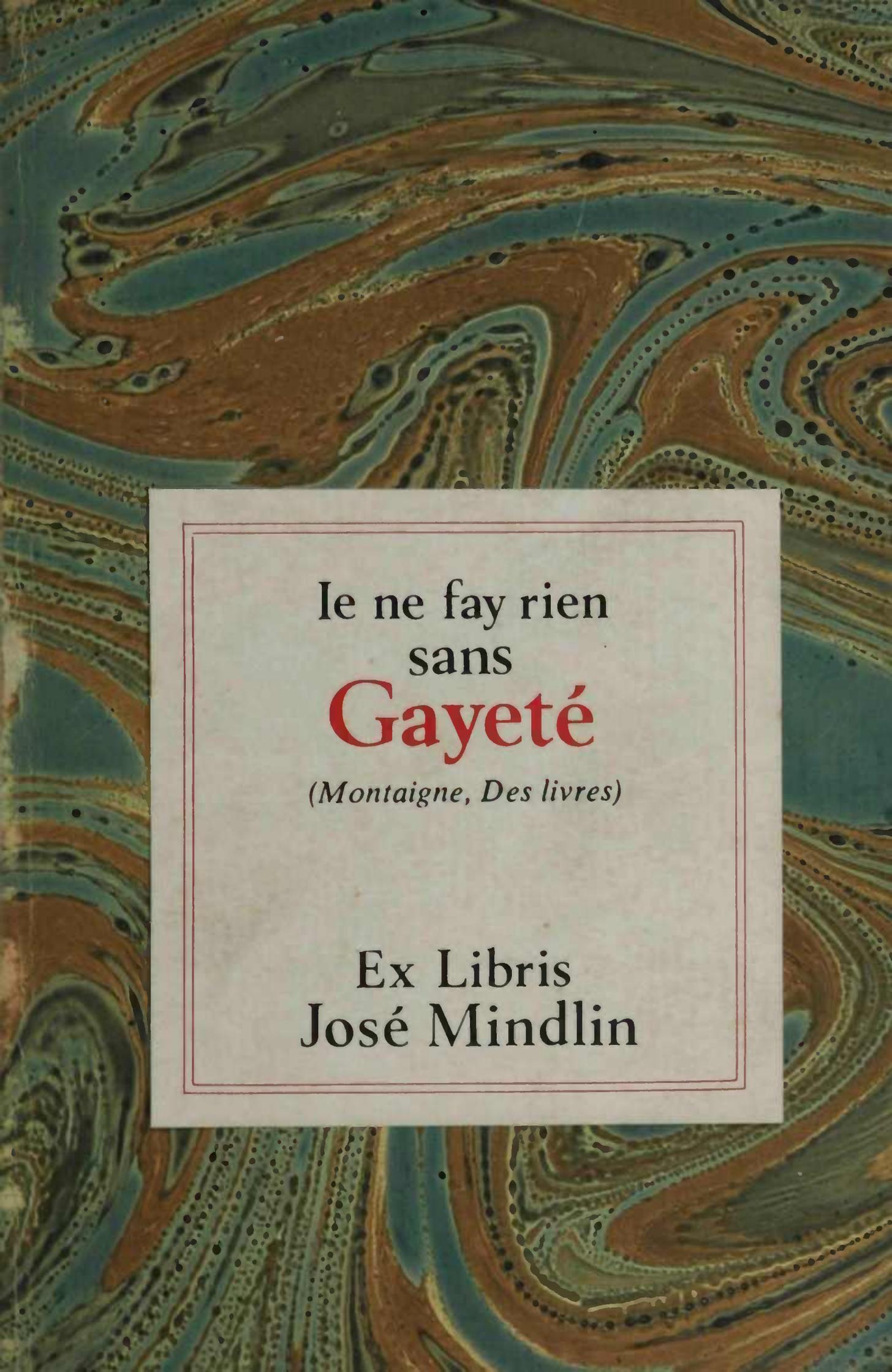


RECTE
PONERE
OTIA



EX LIBRIS
JOÃO MARINHO

J.C.



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A

MORNING.

POR

Joaquim Manoel de Macedo.

**Trop occupé pour corriger,
Je vous livre mes rêveries.**

...

**J'en fais pour me désennuyer.
GRESSET.**



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA FRANCEZA, RUA DE S. JOSÉ N. 64.

—
1844.

Benedicto Pessa

DUAS PALAVRAS.

Eis ahí vão algumas paginas escritas ás quaes me atrevi a dar o nome de —romance.— Não foi elle movido por nenhuma dessas tres poderosas inspirações, que tantas vezes soem aparar as pennas dos authores: gloria — amor —, e interesse: deste ultimo estou eu bom a coberto com meos vinte tres annos de idade; que não é na juventude, que pôde elle dirigir o homem; a gloria, só se andasse ella, cahida de suas alturas rojando de azas quebradas, me lembraria eu, tão pela terra que rastejo, de pretender ir apanhal-a; a respeito do amor não fallemos; pois se me estivesse o buliçoso a fazer

cocegas no coração, bêm sabia eu, que mais proveitoso me seria gastar meia duzia de semanas aprendendo n'uma sala de dança, do que velar trinta noites garatujando, o que por ahi vai. Este pequeno romance deve sua existencia somente aos dias de desenfado, e folga, que passei no bello Itaborahy durante as ferias do anno passado. Longe do bulicio da Côrte, e quasi em ócio, a minha imaginação assentou lá com sigio, que bom ensejo era esse de fazer travessuras, e em resultado dellas sahio— a Moreninha. —

Dir-me-ão que o ser a minha imaginação traquinas não é um motivo plausivel para vir eu maçar a paciencia dos leitores com uma composição balda de merecimento, e cheia de irregularidades e defeitos; mas o que querem?... quem escreve, olha a sua obra como seo filho, e todo mundo sabe, que o pay acha sempre graças e bondades na querida prole.

Do que vem dito, concluir-se-á, que a Moreninha é minha filha : exactamente assim penso eu. Póde ser, que me accusem por não tel-a conservado debaixo de minhas vistas mais tempo para corrigir suas imperfeições, e mostral-a depois digna do amor dos leitores : esse era meo

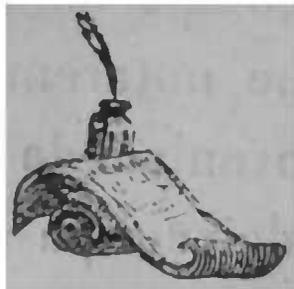
primeiro intento : a Moreninha não é a unica filha, que possuo ; tem tres irmãos que pretendo educar com esmero; o mesmo faria a ella; porem esta menina sabio tão travessa tão impertinente que não pude mais soffrel-a no seo berço de carteira , e para ver-me livre della venho deposital-a nas mãos do publico, de cuja benignidade e paciencia tenho ouvido grandes elogios.

Eu pois conto, que , não esquecendo a fama antiga, o publico a receba e lhe perdôe seos senões máos modos e leviandades. É uma criança, que terá, quando muito, seis mezes de idade : merece a compaixão que por ella imploro; mas se lhe notarem graves defeitos de educação, que provenhão da ignorancia do pay, rogo, que não os deixem passar por alto : accusem-os ; que d'ahi tirarei eu muito proveito criando, e educando melhor os irmãosinhos que a Moreninha tem cá.

E tu, filha minha, vai com a benção paterna, e queira o Ceo que ditosa sejas : nem por seres traquinas, te estimo menos e como prova vou em despedida dar-te um precioso conselho : recebe, filha, com gratidão a critica do homeni

instruído; não chores, se com a unha marcarem
o lugar em que tiveres mais notavel senão; e
quando te dicerem, que por este erro ou aquella
falta não és boa menina, jamais te arripies, antes
agradece e anima-te sempre com as palavras
do velho poeta :

Deixa-te reprehender, de quem bem te ama,
Que ou te aproveita, ou quer aproveitar-te.



I.

Aposta imprudente.

— Bravo! exclamou Felippe entrando, e despindo a cazaca, que pendurou em um cabide velho; bravo!..... interessante scena; mas certo que des-honroza fôra para caza de um estudante de medicina, e já do sexto anno, a não valer-lhe o adagio antigo: « o habito não faz o monge. »

— Temos discurso!.... attenção!..... ordem!..... gritarão a um tempo trez vozes.

— Coiza celebre! acrescentou Leopoldo, Felippe sempre se torna orador depois de jantar.

— E dá-lhe para fazer epigrammas, dice Fabricio.

— Naturalmente, acudio Leopoldo, que por dono da caza maior quinhão houvera no cumprimento do recém-chegado; naturalmente, Bocage, quando tomava carraspanas, descompunha os medicos.

— *C'est trop fort!* bocejou Augusto espreguicando-se no canapé, em que se achava deitado.

— Como quizerem, continuou Felippe pondo-se em habitos menores; mas por minha vida que a carapana de hoje ainda me concede apreciar devidamente aqui o meu amigo Fabricio, que talvez acaba de chegar de alguma vezita diplomatica, vestido com esmero, e alinhado; porém tendo a cabeça encapuzada com a vermelha e velha carapuça de Leopoldo; este ali escondido dentro do seo robe de chambre côr de burro, quando foje, e sentado em uma cadeira tam desconjuntada, que para não cair com ella põe em acção todas as leis do equilibrio, que estudou em Pouillet; acolá emfim o meu romantico Augusto em ceroulas com as fraldas a mostra, estirado em um canapé em tão bom uzo, que inda agora mesmo fez, com que Leopoldo se lembrasse de Bocage. (*) Oh!... VV! SS.^{as} tomão caffè?!... ali o Senhor descança a chicara azul em um pires de porcelana.... aquelle tem uma chavana com bellos labores doirados; mas o pires é côr de roza.... aquelle outro nem porcelana, nem labores, nem cores azul, ou de roza; nem chicara... nem pires;.... aquillo é unia tigella n'um prato....

(*) Allude ao tam conhecido epigramma de Bocage:

• Quando a velha antiguidade
 • Por estas casas entrou,
 • Dice a aquelle canapé
 • Sua benção meo avô.

— Carraspana!.... carraspana!.... gritarão os trez.

— Oh moleque! proseguio Felippe voltando-se para o corredor, traze-me caffè; ainda que seja no puearo, em que o côas; pois creio, que a não ser a falta de louça já teu senhor me-teria offerecido.

— Carraspana!.... carraspana!.....

— Sim, continuou elle, eu vejo que vocês.....

— Carraspana!.... carraspana!.....

— Não sei de nós, quem mostra.....

— Carraspana!.... carraspana!.....

Seguirão-se alguns momentos de silencio: ficarão os quatro estudantes assim a modo de moças, quando jogão o sizo: Felippe não fallava por conhecer o proposito, em que estavam os trez de lhe não deixar concluir uma só proposição; e estes, porque esperavão vel-o abrir a boca para gritar-lhe « carraspana! »

Emfim foi ainda Felippe o primeiro, que fallou, exclamando derrepente:

— Paz! paz!....

— Ah! já?.... dice Leopoldo, que era o mais influído.

— Felippe é como o gallego; dice um outro, perderia tudo para não guardar silencio uma hora.

— Está bem: o passado, passado: protesto não fallar mais nunca na carapuça, nem nas cadeiras, nem no canapé, nem na louça de Leopoldo..... estão no caso..... sim.....

— Em?..... olha a carraspana.....

— Basta: vamos a negocio mais serio: onde vão voces passar o dia de S. Anna?...

— Porque?... temos patuscada?... acudio Leopoldo.

— Minha avó chama-se Anna.

— Ergo?....

— Estou habilitado para convidal-os a vir passar a vespera e dia de S. Anna com-nosco na ilha de.....

— Eu vou, dice promptamente Leopoldo.

— E dous, acudio logo Fabricio.

Augusto só guardou silencio.

— E tu Augusto?.... perguntou Felippe.

— Eu?.... eu não conheço tua avó.

— Ora sou seo criado; tambem eu não a conheço, dice Fabricio.

— Nem eu, acrescentou Leopoldo.

— Não conhecem a avó; mas conhecem o neto, dice Felippe.

— E demais, tornou Fabricio, palavra de honra, que nenhum de nós tomará o trabalho de lá ir por causa da velha.

— Augusto, minha avó é a velha mais patusca do Rio de Janeiro.

— Sim?..... que idade tem?

— Sessenta annos.

— Está fresquinha ainda.... ora.... se um de nós a enfeitiça, e se faz avô de Felippe!.....

— E ella que possue talvez seos duzentos mil cruzados, não é assim Felippe?..... olha, se é assim, e tua avó se lembrasse de querer cazar comigo, dice Fabricio, juro que mais depressa diria o meu « recebo a vós » aos cobres da velha, do que a qualquer das nossas « toma-larguras » da moda.

— Porquem são deixem minha rica avó , e tratemos da patuscada : então tu vás Augusto?

— Não.

— É uma bonita ilha.

— Não vou.

— Reuniremos uma sociedade pouco numerosa ; mas bem escolhida.

— Melhor para voces.

— No domingo a noite teremos um baile.

— Estimo , que se divirtão.

— Minhas primas vão.

— Não as conheço.

— São bonitas.

— Que me importa?.... deixem-me. Voces sabem o meu fraco , e caem-me logo com elle : moças!.... moças!.... confesso , que dou o caváco por ellas ; mas as moças me tem posto velho.

— É porque elle não conhece tuas primas ; diçe Fabricio.

— Ora.... o que poderão ser , senão demoninhas , como são todas as outras moças bonitas.

— Então tuas primas são gentís?.... perguntou Leopoldo a Felipe.

— A mais velha , respondeo este , tem dezeseite annos , chama-se Joanna , tem cabellos negros , bellos olhos da mesma côr , e é pallida.

— Em?... exclamou Augusto pondo-se de um pulo duas braças longe do canapé , onde estava deitado : então ella é pallida?....

— A mais moça tem um anno de menos : loira ,

de olhos azues, faces côr de roza.... seio de alabastro.... dentes....

— Como se chama?

— Joaquina.

— Ai meos peccados!.... dice Augusto.

— Vejão como o Augusto já está enternecido....

— Mas Felippe tu já me diceste, que tinhas uma irmã.

— Sim : é uma moreninha de quatorze annos.

— Moreninha diabo?.... exclamou outra vez Augusto dando novo pulo.

— Está sabido.... Augusto não relaxa a patuseada.

— É que este anno já tenho pagodeado meo *quantum satis*, e assim como vocês, tambem eu quero andar em dia com alguns Senhores, com quem nos é muito preciso estar de contas justas no mez de novembro.

— Mas a pallida?.... a loira?.... a moreninha?...

— Que interessante terceto! exclamou com tom theatrical Augusto; que collecção de bellos typos!.... uma joven de dezeseite annos pallida.... romantica... e portanto sublime: uma outra loira..... de olhos azues.... faces côr de roza.... e...., não sei que mais, enfim classica; e por isso bella. — Por ultimo uma terceira de quatorze annos.... moreninha, que ou seja romantica ou classica, prozaica, ou poetica, ingenua ou misteriosa, hade por força ser interessante, travêssa, e engraçada, e por consequencia qualquer das trez, ou todas ao mesmo tempo muito capaz de fazer de minh'alma petéca, de meo coração p

ra!... — Está tratado... não ha remedio... Felippe, vou vizitar tua avó. Sim; é melhor passar os dous dias estudando alegremente nesses trez interessantes volumes da grande obra da natureza, do que gastar as horas, por exemplo, sobre um celebre Velpeau, que só elle faz por sua conta e risco mais citações em cada pagina, do que todos os meirinhos reunidos fizerão, fazem e hão de fazer pelo mundo.

— Bella consequencia! é raciocinio o teo, que faria iuveja a um caloiro, dice Fabricio.

— Bem raciocinado.... não tem duvida; acudio Felippe; eutão conto contigo, Augusto.

— Dou-te palavra.... e mesmo porque eu devo vizitar tua avó.

— Sim.... já sei.... isso dirás tu a ella.

— Mas voces não tem reparado, que Fabricio tornou-se amuado e pensativo, desde que se fallou nas primas de Felippe?.....

— Dizerão-me, que elle anda enrabixado com minha prima Joaninha.

— A pallida?... pois eu já me vou dispendo a fazer meo pé de alferes com a loira.

— E tu Augusto, quererás por ventura requestar minha irmã?.....

— É possível.

— E de qual gostarás mais da pallida, da loira, ou da moreninha?.....

— Creio que gostarei principalmente de todas.

— Eil-o ahi com a sua mania.

— Augusto é incorrigivel.

— Não , é romantico.

— Nem uma coiza , nem outra ; é um grandíssimo velhaco.

— Não diz o que sente.

— Não sente o que diz.

— Faz mais do que isso ; pois diz o que não sente.

— O que quizerem : serei incorrigivel , romantico , ou velhaco ; não digo o que sinto , não sinto o que digo , ou mesmo digo , o que não sinto ; sou emfim , máo e perigoso , e voses innocentes , e anjinhos ; todavia eu a ninguem escondo os sentimentos , que ainda a pouco mostrei : em toda parte confesso que sou voluvel , inconstante e incapaz de amar trez dias um mesmo objecto : verdade seja , que nada ha mais facil , do que me ouvirem um — eu vos amo — ; mas tambem a nenhuma pedi ainda , que me desse fé ; pelo contrario digo a todas o como sou , e se , apesar de tal , sua vaidade é tanta , que se suponhaes inesqueciveis , a culpa certo que não é minha. Eis o que eu faço , e vós , meos caros amigos , que blazonaes de firmeza de roxedo , vós juraes amor eterno cem vezes por anno a cem diversas bellezas..... vós sois tanto ou ainda mais inconstantes , que eu ; mas entre nós ha sempre uma grande differença : — vós enganaes , e eu desengano : — eu digo a verdade , e vós , meos Senhores , mentís !..... —

— Está romantico !. .. está romantico !.... exclamarão os trez rindo as gargalhadas.

— A alma , que Deos me deo , continuou Augusto é sensivel de mais para reter por muito tempo uma

mesma impressão. Sou inconstante ; mas sou feliz na minha inconstancia ; porque apaixonando-me tantas vezes , não chego nunca a amar uma vez.

— Oh!... oh!.... que horror!.... que horror!....

— Sim ! esse sentimento que vóttó ás vezes a dez jovens n'um só dia , as vezes n'uma mesma hora , não é amor certamente. Por minha vida , interessantes Senhores , meos pensamentos nunca tem dama ; por que sempre tem damas , eu nunca amei.... eu não amo ainda.... eu não amarei jamais.

— Ah!... ah!... ah!... e como elle diz aquillo?!!

— Ou , se querem , precizarei melhor o meo programma sentimental ; lá vai : affirmo , meos Senhores , que meo pensamento nunca se occupou , não se occupa , nem se hade occupar de uma mesma moça quinze dias.

— E eu affirmo , que segunda feira voltará da ilha de.... loucamente apaixonado de alguma de minhas primas.

— Pode bem succeder . que de ambas.

— E que todo resto do anno lectivo passarás pela rua de... duas e trez vezes por dia , somente com o fim de vê-la.

— Assevero que não.

— Assevero que sim.

— Quem?... eu?... eu mesmo passar duas e trez vezes por dia por uma só rua por causa de uma moça?.. e para que?... para vê-la lançar-me olhos de ternura , ou sorrir-se brandamente . quando eu para ella olhar . e depois fazer-me caretas ao lhe dar as costas?..

para que ella chame as vezinhas, que lhe devem ajudar a chamar-me tollo, pateta, basbaque, e namorado?.... não; minhas bellas Senhoras da moda!... eu vos conheço bastante: amante apaixonado, quando vos vejo, esqueço-me de vós duas horas depois de deixar-vos: fóra disto só queimarei o insenso da ironia no altar de vossa vaidade; fingirei obedecer a vossos caprixos, e somente zombarei delles: ah!.... muitas vezes alguma de vós, quando me ouve dizer «sois encantadora» está dizendo comsigo «elle me adora» em quanto eu digo tambem comigo: «que vaidozza!»

— Que vaidozo!... te digo eu: exclamou Felippe.

— Ora esta não é má!... então voces querem governar o meo coração?....

— Não; porém eu torno a affirmar, que tu amarás una de minhas primas todo o tempo, que for da vontade della.

— Que mimos de amor que são as primas deste Senhor!....

— Eu te mostrarei.

— Juro que não.

— Aposto que sim.

— Aposto que não.

— Papel e tinta: escreva-se a aposta.

— Mas tu me dás muita vantagem, e eu regeitaria a menor: tens apenas duas primas; é um numero de feiticeiras muito limitado: não sejam só ellas as unicas magas que em teu favor invoques para me encantar: meos sentimentos offendem talvez a vaidade de todas

as bellas ; todas as bellas pois tenham o direito de te fazer ganhar a aposta , meo valente campeão do amor constante !

— Como quizeres ; mas escreve....

— E quem perder?....

— Pagará a todos nós um almoço no Pharoux , dice Fabricio.

— Qual almoço ! acudio Leopoldo , pagará um camarote no primeiro drama novo , que representar o nosso João Caetano.

— Nem almoço , nem camarote , concluiu Felippe ; se perderes escreverás a historia da tua derrota ; se ganhares escreverei o triumpho da tua inconstancia.

— Bem ! escrever-se-ha um romance : e um de nós dous , o infeliz , será o author.

Augusto escreveu primeira , segunda , e terceira vez o termo da aposta ; mas depois de longa e vigorosa discussão , em que qualquer dos quatro fallou duas vezes sobre a materia , uma para responder , e dez ou doze pela ordem ; depois de se offerecerem quinze emendas , e vinte artigos addictivos , cahio tudo por grande maioria , e entre bravos , apoiados , e aplausos foi approvedo , salva a redacção o seguinte termo.

« No dia 20 de Julho de 18.. na'salla parlamentar
 « da caza n.º.... da rua de.... sendo testemunhas os
 « estudantes Fabricio e Leopoldo , accorderão Fe-
 « lippe e Augusto , tambem estudantes , que se , até
 « o dia 20 de Agosto do corrente anno , o segundo
 « accordante tiver amado a uma só mulher durante
 « quinze dias , ou mais , será obrigado a escrever um

« romance, em que tal acontecimento confesse; e
« no caso contrario, igual pena soffrerá o primeiro
« accordante. Salla parlamentar 20 de Julho de
« 18.. Salva a redacção. »

Como testemunhas — Fabricio, e Leopoldo.

Accordantes — Felippe e Augusto.

E erão oito horas da noite, quando se levantou a
sessão.



II.

Fabricio em apuros.

A scena, que se passou, teve lugar n'uma segunda feira: já lá se forão quatro dias: hoje é sexta-feira; amanhã será sabbado; não um sabbado como outro qualquer; mas um sabbado vespera de S. Anna.

São dez horas da noite: os sinos tocarão a recolher. Augusto está só sentado junto de sua meza, tendo adiante de seos olhos seis ou sete livros, e papeis, pennas, e toda essa serie de coizas, que compõe a familia do estudante.

É inutil descrever o quarto de um estudante: ahi uada se encontra de novo: ao muito acharão uma estante onde elle guarda os seos livros; um cabide, onde pendura a cazaca, o moringue, o castiçal, a cama, uma até duas canastras de roupa, o chapeo, a bengalla, e a hacia, a meza onde escreve, e que só

apresenta recommendavel a gaveta cheia de papeis, de cartas de familia, de flores e fitinhas mysteriosas: — é pouco mais ou menos assim o quarto de Augusto.

Agora elle está só: as sete horas desse quarto sahirão trez amigos, Felippe, Leopoldo, e Fabricio: tratarão da viagem para a ilha de.... no dia seguinte, e retirarão-se descontentes; porque Augusto não se quiz convencer de que deveria dar um ponto na Clinica para ir com elles ao amanhecer: Augusto tinha respondido: — Ora vivão! bem basta que eu faça gazeta na aula de Partos: não vou se não as dez horas do dia. —

E pois despedirão-se amuados. Fabricio queria ainda demorar-se, e mesmo ficar com Augusto; mas Leopoldo e Felippe o levarão consigo a força. Fabricio fez-se acompanhar do moleque, que servia Augusto; por que, dizia elle, tinha um papel de importancia a mandar.

Erão dez horas da noite, e nada de moleque. Augusto via-se atormentado pela fome, e Rafael o seu querido moleque não apparecia... o bom Rafael que era ao mesmo tempo o seu cosinheiro, limpabotas, cabelleireiro, moço de recados e... etudo mais, que as urgencias mandavão que elle fosse.

Com justa razão portanto estava cuidadoso Augusto, que de momento a momento exclamava « Vejão isto!.. já tocou a recolher e Rafael está ainda na rua! se cahe nas unhas de algum belleguim não é de certo o Sr. Fabricio quem hade pagar as despesas da casa de correccão... e pobre do Rafael! que

cavaco não dará, quando lhe raparem os cabellos!—

Mas neste momento ouviu-se tropel na escada. — era Rafael, que trazia uma carta de Fabricio, e que foi apromptar o chá enquanto Augusto lia a carta. Eil-a aqui: « Augusto. Demorei o Rafael, porque era longo o que tenho de escrever-te: melhor seria, que eu te fallasse; porém bem viste as impertinencias de Felippe, e Leopoldo: Felizmente acabão de deixar-me: que macistas!.. Principio por dizer-te, que te vou pedir hum favor. do qual dependerá o meu prazer e socego na ilha de... Conto com a tua amizade, tanto mais, que forão os teos principios, que me levárão aos apuros, em que ora me vejo: eis o caso: —

« Tu sabes, Augusto, que concordando com algumas de tuas opiniões a respeito de amor. sempre entendi, que uma namorada é traste tam essencial ao estudante, como o chapéo, com que se cobre, ou o livro, em que estuda: concordei mesmo algumas vezes em dar batalha a dous e tres castellos a um tempo; porém tu não ignoras, que a semelhante respeito estamos discordes no mais: tu es —ultra-romantico— e eu — ultra-classico.

« O meo systema era este.

1.º Não namorar moça de sobrado. D'aqui tirava eu dous proveitos; a saber: não pagava o moleque para me levar recados, e dava socegalmente, e a mercè das trevas meos beijos por entre os postigos das janellas.

2.º Não requestar moça endinheirada. Assim eu

não hia ao theatro para vel-a, nem aos bailes para com ella dançar, e poupava os meus cobres.

3.º Fingir ciumes, e ficar mal com a namorada em tempo de festas e barracas no campo. E por tal modo livrava-me de pagar docês, festas, e outras impertinencias.

« Estas são as bazes fundamentaes do meu systema.

« Ora tu te lembrarás, que bradavas contra o meu proceder, como indigno da minha categoria de estudante; e apesar de me ajudares a comer bellas empadas, quitutes apimentados, e finos doces com que as bellas pagavão por vezes minha assiduidade amante-tica, tu exclamavas:

« Fabricio! não convém taes amores ao joven de letras, e de espirito. O estudante deve considerar o amor, como um excitante, que desperte, e atée as faculdades de sua alma: pôde mesmo amar uma moça feia, e estúpida com tanto, que sua imaginação lh'a represente bella, e espirituosa. Em amor a imaginação é tudo: é ardendo em suas chammas, é elevado nas azas de seus delirios que o mancebo se faz poeta por amor.

« Eu então te respondia:

« Mas quando as chammas se apagam, e as azas dos delirios se desfazem, o poeta por amor não tem como eu nem quitutes nem empadas.

« E tu me tornavas.

« É porque ainda não experimentaste, o que nos prepara, o que se chama — amor platouico — paixão romantica! — Ainda não sentiste, como é bel-

lo derramar-se a alma toda inteira de um joven na carta abrazadora, que escreve á sua adorada, e receber em troco uma alma de moça derramada toda inteira em suas letras, que tantas mil vezes se beijão.

« Ora esses derramamentos de alma bastante me assustavão; porque eu me lembro que em Pathologia se trata mui seriamente dos derramamentos.

« Mas tu proseguias.

« E depois como é sublime deitar-se o estudante no solitario leito, e ver-se acompanhado pela imagem da bella, que lhe vella no pensamento, ou despertar ao momento de ver-se em sonhos sorvendo-lhe nos labios voluptuosos beijos.

« Ainda estes argumentos me não convencião sufficientemente; porque eu pensava: 1.^o que essa imagem, que vella no pensamento não será a melhor companhia possível para um estudante, principalmente, quando ella lhe vellasse na vespera de alguma sabatina: 2.^o porque eu sempre acho muito mais apreciavel sorver os beijos voluptuosos por entre os postigos de uma janella, do que sorvel-os em sonhos, e acordar com agoa na boca: beijos por beijos antes os reaes que os sonhados.

« Além disto, no teu systema nunca se falla em empadas, doces, petiscos, etc., e no meu elles apparecem, e tu apezar de romantico nunca viraste as costas, nem fizeste má cara a esses despojos de minhas batalhas.

« Mas enfim, maldicta curiosidade de rapaz! eu

quize experimentar — o amor platónico — . e dirigindo-me certa noite ao theatro de S. Pedro de Alcantara, disse entre mim « esta noite hei de entabolar um namoro romantico. »

« Entabolei-o, Sr. Augusto de uma figa, entabolei-o; e quer saber como?.. Sahi fóra do meu elemento, e espichei-me completamente. Estou em apuros.

« Eis o caso :

« Nessa noite fui para a superior: eu ia entabolar um namoro romantico; não podia ser de outro modo: para ser tudo á romantica consegui entrar antes de todos; fui o primeiro a sentar-me; ainda o lustre monstro não estava acceso; vi-o descer, e subir depois brilhante de luzes; ví se irem enchendo os camarotes; finalmente eu, que tinha estado no vacuo, achei-me no mundo: o theatro estava cheio. Consultei com os meus botões, como devia principiar, e conclui, que para portar-me romanticamente, deveria namorar alguma moça que estivesse na quarta ordem; levantei os olhos, e ví uma que olhava para o meo lado, e então pensei comigo mesmo: « Seja aquella; não sei se é bonita, ou feia; mas qu'importa? Um romantico não cura dessas futilidades.

« Tirei pois da casaca o meu lenço branco para fingir, que enxugava o suor, abanar-me, e emfim fazer todas essas macaquices, que eu ainda ignorava, que estavam condemnadas pelo romantismo; porem, oh infortunio! quando de novo olhei para o camarote, a moça se tinha voltado completamente para a tribu-

na : toci, tomei tabaco , assuei-me , espirrei , e a pequena..... nem caso : parecia , que o negocio com ella não era. Começou a ouvertura..... nada : levantou-se o panno , ella voltou os olhos para scena sem olhar para o meu lado :—representou-se o primeiro acto..... tempo perdido : veio o panno finalmente a baixo.

« Agora sim , começará o nosso telegrapho a trabalhar , disse eu comigo mesmo erguendo-me para tornar-me mais saliente.

« Porém , nova desgraça ! mal me tinha levantado , quando a moça ergueu-se por sua vez , e retirou-se para o interior do camarote sem dizer porque , nem porque não.

« — Isto só pelo diabo ! » exclamei eu involuntariamente batendo com o pé com toda a força

« — O Senhor está doido?.. — disse-me gemendo , e fazendo uma careta horrivel o meo companheiro da esquerda.

« — Não tenho que lhe dar satisfações , respondi-lhe amuado.

« — Tem , sim Senhor - retorquiu-me o sujeito empinando-se.

« — Pois que lhe fiz eu então !.. acudi eu alterando-me.

« — Acaba de pisar-me com a maior força no melhor callo do meo pé dircito.

« — Oh ! Senhor . queira perdoar !..

« E dando mil desculpas ao meo homem sahi para fóra do theatro pensando no meo amor.

« Confesso que deveria ter notado, que a minha paixão começava debaixo de máos auspícios; mas a minha má fortuna, ou melhor os teus máos conselhos me empurrarão para diante com força de gigante.

« Sem pensar no que fazia subi para os camarotes, e fui dar comigo no corredor da quarta ordem; passei junto do camarote de minhas atenções; era o n.º 3 (numero symbolico, cabalístico, e fatal! repara que em tudo segui o romantismo): a porta estava cerrada; fui ao fim do corredor, e voltei de novo: um pensamento esquisito, e singular acabava de me brilhar na mente: abracei-me com elle.

« Eu tinha visto junto á porta n.º 3 um moleque com todas as apparencias de ser bellissimo — cravo da India—: ora lembrava-me que nesse camarote a minha querida era a unica, que se achava vestida de branco, e pois eu podia muito bem mandar-lhe um recadão pelo qual me fizesse conhecido. E pois avancei para o moleque.

« Ah! maldicto crioulo; estava-lhe o todo dizendo o para que servia!.. Pinta na tua imaginação, Augusto, um crioulinho de 16 annos, todo vestido de branco, com uma cara mais negra e mais lustrosa, do que um botim envernizado, tendo dous olhos bellos, grandes, vivissimos, e cuja esclerotica era branca como o papel em que te escrevo, com labios grossos, e còr de nacar, occultando duas ordens de finos e claros dentes, que farião inveja a uma Bahiana, dá-lhe a ligeireza, a inquietação, e rapidez de

movimentos de um macáco, e terás feito idéa desse diabo de azeviche, que se chama Tobias.

« Não me foi preciso chamal-o: bastou um movimento de olhos, para que o Tobias viesse a mim rindo-se maliciosa e desavergonhadamente. Levei-o para um canto.

« — Tu pertences áquellas senhoras, que estão no camarote a cuja porta te encostavas?... perguntei.

« — Sim Senhor, me respondeu elle, e ellas morão na rua de.... n.º.... ao lado esquerdo de quem vai para cima.

« — E quem são?..

« — São duas filhas de uma Sra. viuva, que também ahí está, e que se chama a Illma. Sra. D. Luiza: o meu defunto Senhor era negociante, e o pai de minha Senhora é padre.

« — Como se chama a Senhora que está vestida de branco?..

» — A Sra. D. Joanna: tem 17 annos, e morre por casar.

« — Quem te disse isso?..

« — Pelos olhos se conhece quem tem lombrigas, meu Senhor.

« — Como te chamas?...

« — Tobias, escravo de meu Senhor. crioulo de qualidades: fiel como um cão, e vivo como um gato.

« O maldicto do crioulo era um classico a fallar Portuguez! eu continuci.

« — Has de levar um recado á Sra. D. Joanna.

« — Prompto, lesto, e agudo, respondeo-me o moleque.

« — Pois toma sentido.

« — Não precisa dizer duas vezes.

« — Ouve: das duas uma: ou poderás fallar com ella hoje, ou só amanhã....

— Hoje ... agora mesmo.

— Como diabo?...

— Nestas coisas o Tobias não cochila: com licença de meo Snr., eu cá sou doutor nisto: meos parceiros me chamão orelha de cesto, pé de coelho, e boca de taramela. Vá dizendo o que quizer, que em menos de dez minutos minha Senhora sabe tudo: o recado de meo Senhor é uma carambolla, que batendo no meo ouvido vai logo bater no da Senhora D. Joanninha.

— Pois dize-lhe, que o moço, que se sentar na ultima cadeira da 4.^a columna da superior, que assoarse com um lenço de seda verde, quando ella para elle olhar, se acha loucamente apaixonado de sua belleza etc. etc. etc. etc.

— Sim Senhor: eu já sei o que se diz nessas occasiões: o discurso fica por minha conta.

— E á manhã ao anoitecer espera-me na porta de tua caza.

— Prompto, lesto, e agudo; repetio de novo o crioulo.

— Eu recompensar-te-hei, se fores fiel.

— Mais prompto, mais lesto, e mais agudo.

— Por agora toma estes cobres.

— Oh meo Snr. promptissimo, lestissimo, e agudissimo.

Voltei á salla do theatro não sem admirar a viveza, experiencia, e talento do maldicto crioulo:

Ignoro de que meios se servio o Tobias para excutar a sua commissão; o que sei, é, que antes de começar o 2.^o acto já eu havia feito o meu signal: e então comecei a pôr em acção toda a mimica aman-tetica, que me lembrou: o namoro estava entabola-do; embora a moça não correspondesse aos signaes do meo telegrapho, concedendo-me apenas amiuda-dos, e curiosos olhares: isso era já muito para quem a via pela primeira vez.

Finalmente, Senhor Augusto dos meos peccados, o negocio adiantou-se, e hoje tarde me arrependo, e não sei como me livre de similhante entaladela; pois o Tobias não me sahe da porta. Já não tenho tempo de exercer o meo classismo, a tres mezes que não como empadas, e apesar de minhas economias ando sempre com as algibeiras a tocár matinas. Para maior martyrio, a minha querida, é a Snra. D. Joanna prima de Felippe!

Para comprehenderes bem o quanto soffro, aqui te escrevo algumas das principaes exigencias da minha amada romantica.

Primo. — Devo passar por defronte de sua caza duas vezes de manhã, e duas de tarde. Aqui, vês bem, principia a minha vergonha; pois não ha pela visinhança gordurento cacheirinho nenhum, que se não ria nas minhas barbas quatro vezes por dia.

Secundo ; devo escrever-lhe pelo menos quatro cartas por semana em papel bordado de custo de 400 rs. a folha. Ora isto é detestavel : porque eu não sei onde vá buscar mais cruzados para comprar papel , nem mais asneiras para lhe escrever.

Tertio : devo tratá-la por — minha linda prima— e ella a mim por — querido primo. — D'aqui concluo, que a Snra. D. Joanna já leu o Faublas : — boa recommendação !...

Quarto. Devo ir ao theatro sempre que ella for, o que succede quatro vezes no mez ; o mesmo a respeito dos bailes. Esta despeza arraza-me a mezada terrivelmente.

Quinto. Ao theatro e bailes devo levar no pescoço um lenço ou manta da cor da fita que ella porá em seo vestido , ou no cabello ; o que com antecedencia me é participado. Isto é um despotismo detestavel !...

Finalmente, ella quer governar os meus cabellos, as minhas barbas , a côr de meos lenços , a minha cazaca , a minha bengala os botins que calço ; e por ultimo ordenou-me , que não fumasse charutos de Havana , nem de Manilha ; porque era isso falta de patriotismo !...

Para bem rematar o quadro das desgraças que me sobrevierão com a tal paixão romantica que me aconselhaste , D. Joanna dir-te-ei mostra amar-me com extremo , e no meio de seos caprichos de menina, da-me provas do mais constante e desvelado amor ; mas qu'importa isso , se eu não posso pagar-

lhe com gratidão?... Voces com seo romantismo a que me não posso accomodar . a chamarião « pal-lida » : eu que sou classico em corpo e alma, e que por tanto dou as cousas o seu verdadeiro nome a chamarei sempre — amarella. —

Maldictos romanticos que tem crismado tudo, e trocado em seo crismar os nomes que melhor exprimem as idéas!... O que outr'ora se chamava em bom portuguez — moça feia — os reformadores dizem — menina sympathica. — O que n'uma moça era antigamente — desenxavimento — hoje é ao contrario — sublime languidez. — Já não ha mais — meninas importunas e vaidosas — as que o forão, chamão-se agora — espirituosas. — A escola dos romanticos reformou tudo isso em consideração ao bello sexo.

E eu apezar dos tratos que dou a minha imaginação, não posso deixar de convencer-me, que a minha—linda prima—é (aqui para nós) amarella, e feia como uma convallescente de febres perniciosas.

O que porém se torna sobre tudo insoffrivel, é o despotismo que exerce sobre mim o bregreiro do Tobias!....

Entende, que todos os dias lhe devo dar dinheiro, e persegue-me por maneira tal, que para ver-me livre delle, escorrego-lhe os — cum quibus — a despeito da minha má vontade.

O Tobias está no caso de muitos que grandes e excellentes parladores, são pessimos financeiros na pratica. Como elles fazem ao Paiz, faz Tobias comi-

go, que sempre depois de longo discurso me apresenta um — deficit — e pede-me um crédito suplementar.

Eis aqui, meo Augusto o lamentavel estado em que me acho. Lembra-te que forão os teos máos conselhos, que me obrigárão a experimentar uma paixão romantica ; por tanto não só por amisade , como por dever , conto que me servirás no que te vou propôr.

Eu preciso de um pretexto mais ou menos razoavel para descartar-me da tal — pallida. —

Ella vai passar comnosco dous dias na Ilha de ... Abi podemos levar a effeito, e com facilidade, o meo plano : elle é de simples comprehensão e de facil execução.

Tu deverás requestar (principalmente a minha vista) a tal minha querida : ainda que ella não te corresponda, percegue-a. Não te custará muito isso; pois que é o teu louvavel costume. Nisto se limita o teu trabalho, e começará então o meu que é mais importante.

Ver-me-has enfadado; talvez que te trate com rispidez, e que te dirija alguma — graça pezada: — Não farás caso , e continuarás com a requesta para diante.

Eu então irei ás nuvens desesperado ciu-mento, e delirante aproveitarei o primeiro instante em que estiver a sós com D. Joanninha , farei um discurso forte e eloquente contra a inconstancia e volubildade das mulheres : e no meio de meos

furores dou-me por despedido de meos amores com ella, e pulando fóra da tal paixão romantica, correi a apertar-te contra meo peito, como teo amigo e collega do coração.— FABRICIO.

— E esta !... exclamou Augusto depondo a carta sôbre a meza, e sorvendo uma boa pitada de rapé de Lisboa. — E esta !...

Acabando de sorver a pitada, o nosso Estudante desatou a rir como um doido. Rir-se-ia a noite inteira talvez, se não fosse interrompido pelo bom Rafael que o vinha chamar para tomar chá.



III.

Manhã do Sabbado

Serião pouco mais ou menos onze horas da manhã ; quando o batelão de Augusto abordou a ilha de Embarcando as dez horas elle dezinou ao seo palinuro o lugar, a que se destinava, e deitou-se para ler mais a vontade o *Jornal do Commercio*. Soprava vento fresco, e muito antes do que supunha, Augusto ergueo-se ouvindo a voz de Leopoldo, que o esperava na praia.

— Bem vindo sejas Augusto, não sabes, o que tens perdido.

— Então... muita gente Leopoldo?...

— Não : pouca ; mas escolhida.

No entanto Augusto pagou, e despedio o seu bateleiro que se foi remando e cantando com seos companheiros. Leopoldo deo-lhe o braço, e enquanto

por uma bella avenida orlada de coqueiros se dirigião a elegante caza, que lhes ficava a trinta braças do mar, o curioso estudante recémchegado examinava o lindo quadro, que a seus olhos tinha, e que para não ser prolixo daremos delle idéa em duas palavras.

A ilha de..... é tam pitoresca, como pequena: a caza da avó de Felippe occupa exactamente o centro della: a avenida por onde ião os estudantes a divide em duas ametades, das quaes a que fica a esquerda de quem desembarca está simetricamente cuberta de bellos arvoredos estimaveis ou pelos fructos, de que se carregão, ou pelo aspecto curiozo, que offercem: a que fica a mão direita é mais notavel ainda: fechada do lado do mar por uma longa fila de rozedos, e no interior da ilha por negras grades de ferro está adornada de mil flores sempre brillhantes e viçozas graças a eterna primavera desta nossa boa terra de Santa Cruz. De tudo isto se conclue que a avó de Felippe tem no lado direito de sua caza um pomar e no esquerdo um jardim.

E fizemos muito bem em concluir depressa porque Felippe acaba de receber Augusto com todas as demonstrações de sincero prazer, e o faz entrar immediatamente para a salla.

Agora outras duas palavras sobre a caza: imagine-se uma elegante salla de cinccenta palmos em quadro; aos lados della dous gabinetes proporcionalmente espaçozos, dos quaes um, o do lado esquerdo, pelos aromas que exala, espelhos que brillão, e

um não sei que, que insinua, está dizendo que é gabinete de moças; imagine-se mais, fazendo frente para o mar e em toda a extensão da sala e dos gabinetes uma baranda terminada em arcos; no interior meia dúzia de quartos, depois uma alegre e longa sala de jantar com janellas e portas para o pomar e jardim, e ter-se-á feito da caza a idéa, que precisamos dar.

Pois bem: Augusto apresentou-se. A sala estava ornada com uma boa dúzia de jovens interessantes: pareceo ao estudante um jardim cheio de flores, ou o Ceo semeado de estrellas: Verdade seja, que entre esses — orgulhos — da idade presente, havião tambem algumas rugozas representantes do tempo passado; porém isso ainda mais lhe sanciona a propriedade da comparação; porque ha muitas rozas murchas nos jardins, e estrellas quasi obscuras no firmamento.

Felippe apresentou o seu amigo a sua digna avó, e a todas as outras pessoas, que ali se achavão. Não ha remedio senão dizer alguma coiza sobre ellas.

A Sra. D. Anna, este o nome da avó de Felippe, é uma Sra. de espirito e alguma instrucção: em consideração a seos sessenta annos ella dispensa tudo quanto se poderia dizer sobre seo fisico: Em summa cheia de bondade e de agrado ella recebe a todos com o sorrizo nos labios: seo coração se pôde talvez dizer o templo da amizade, cujo mais nobre altar é exclusivamente consagrado a querida netta, a irmã de Felippe; e ainda mais seo affecto para

com essa menina não se limita a doçura da amizade, vai ao ardor da paixão. Perdendo seus pais quando apenas contava oito annos, a innocente creança tinha, assim como Felippe, achado no seio da melhor das avós toda a ternura de sua extremozinha mãe.

Ao lado da Sra. D. Anna estavam duas jovens, cujos nomes se adivinharão facilmente: uma é a — pallida — a outra — a loira —: são as primas de Felippe.

Ambas são bonitinhas; mas para Augusto, dona Quinquina tem as feições mais regulares: achou-lhe mesmo muita harmonia nos cabellos loiros, olhos azues, e faces coradas, confessando todavia que as negras madeixas, e rosto romantico de dona Joanninha fizeram-lhe uma brecha terrivel no coração.

Além destas algumas outras Senhoras ali estavam, valendo bem a pena de se olhar para ellas meia hora sem pestanejar. Toda a difficuldade porém está em pintar aquella mocinha que acaba de sentar-se pela sexta vez depois que Augusto entrou na sala: é a irmã de Felippe: Que beija-flor! ha cinco minutos que Augusto entrou, e em tam curto espaço já ella sentou-se em seis differentes cadeiras, desfolhou um lindo pendão de rozas, derramou no chapéo de Leopoldo mais de duas onças d'agoa de colonia de um vidro, que estava sobre um dos aparadores, fez chorar uma creança, deu um beliscão em Felippe, e Augusto a surprehendeo fazendo-lhe caretas: travessa, inconsequente, e as vezes engraça-

da, viva, curioza, e em algumas occasiões impertinente, o nosso estudante não póde dizer com precisão, nem o que ella é, nem o que não é: acha-a estouvada, caprichoza; e mesmo feia, e pretende tratá-la com seriedade e estudo para nem desgostar a dona da caza, nem se sujeitar a soffrer as impertinencias, e travessuras, que a todo momento a vê praticar com os outros. Emfim para acabar de uma vez esta já longa conta das Senhoras que se achavão na salla, diremos, que ahi se notavão tambem duas velhas amigas da dona da caza: uma que só se entreteve, se entretem, e se hade entreter em admirar e fazer admirar a graça, e encantos de duas filhas, que comsigo trucera, e outra que pertence ao genro d'aquellas, que nas sociedades agarrão n'um pobre homem, sentão-o ao pé de si, e machando-no duas e trez horas com enfadonhas, e interminaveis dissertações, finalmente o largão supondo, que lhe tem feito grande honra, e dado o maior prazer."

Quanto aos homens.....—Não vale a pena: vamos adiante.

Estas observações que aqui vamos offerecendo, fez tambem Augusto comsigo mesmo durante o tempo que gastou em endereçar seos cumprimentos, e dizer todas essas coizas muito banaes, e já muito sedicãs; mas que se dizem sempre de parte a parte com obrigado sorrir nos labios, e indiferença no coração. Concluida essa verdadeira maçada, e reparando que todos tratavão de conversar para

melhor passar as horas, e esperar as do jantar, elle voltou o rosto com vistas de achar uma cadeira dezoccupada junto d'alguma d'aquellas moças; porém, oh, mofina do pobre estudante! oh, intempestivo castigo dos seus maiores peccados!.... a segunda das duas velhas, de quem a pouco se tratou, estendendo a mão, e chamou-o mostrando com o dedo carregado de aneis um lugar livre junto della.

Não havia remedio: era preciso soffrer, com olhos enxutos e o prazer na face, o martyrio, que se lhe offerecia. Augusto sentou-se ao pé da Sra. D. Violante.

Ella lançou-lhe um olhar de bondade, e protecção, e elle abaixou os olhos; porque os de D. Violante são terrivelmente feios, e os do estudante não se podem demorar por muito tempo sobre espelho de tal qualidade.

—Adevinho, dice ella com certo ar de ironia que lhe está pezando demais o sacrificio de perder alguns momentos conversando com uma velha.

—Oh minha Sra.! respondeu o moço, as palavras de V. S. fazem grande injustiça a si propria, e a mim tambem: a mim, porque me faz bem cheio de rudeza, e máo gosto; e a si; porque se um cego as ouvisse, certo que não faria idea do vigor e da...

—Olhem como elle é lizongeiro!... exclamou a velha, batendo levemente com o leque no hombro do estudante, e acompanhando esta acção com uma terrivel olhadura, e rindo-se com tam particular estudo, que mostrava dous unicos dentes, que lhe restavão.

Augusto olhou fixamente para ella, e conheceo que na verdade se havia adiantado muito. D. Violante era horriavelmente horrenda, e com sessenta annos de idade apresentava um carão capaz de desmamar a mais emperreitada creança.

A conversação continuou por uma boa hora: o aborrecimento, o tédio do estudante chegou a ponto de fazel-o arrepender-se de ter vindo a ilha de.... Trez vezes tentou levantar-se; mas D. Violante sempre tinha novas coizas a lhe dizer: fallou-lhe sobre sua mocidade... seos pays, seos amores, seo tempo, seo finado marido, sua esterilidade, seos rendimentos, seo papagaio, e até sobre suas galinhas: ah! fallou mais que um deputado da opposição quando se discute o voto de graças. Finalmente parou um instante, talvez para respirar, e começar novo ataque de maçada: Augusto quiz aproveitar-se da intermitencia; estava desesperado, e pela quarta vez ergueo-se.

— Com licença de V. S.....

— Nada! dice a velha detendo-o, e apertando-lhe a mão; eu ainda tenho muito que dizer-lhe.

— Muito que dizer-me?... balbuciou o estudante automaticamente, e deixando-se cair sobre a cadeira como fulminado por um raio.

— O Sr. está incommodado?.... perguntou D. Violante com toda a ingenuidade.

— Eu... eu estou as ordens de V. S.

— Ah! vê-se que a sua delicadeza iguala a sua bondade, continuou ella com um accento meio as-sucarado e terno.

— Oh castigo de meos peccados!... pensou Augusto comsigo, querem ver que a velha está namorada de mim?! e recuou sua cadeira meio palmo para longe da della.

— Não fuja... proseguio D. Violante arrastando por sua vez sua cadeira até encostal-a a do estudante; não fuja... eu quero dizer-lhe coizas, que não é preciso, que os outros oiçam.

— E então? pensou de novo Augusto, fiz ou não uma galante conquista?... — E suava suores frios.

— O Sr. está no quinto anno de medicina?...

— Sim, minha Senhora.

— Já cura?...

— Não minha Senhora.

— Pois eu dezejava referir-lhe certos incommodos, que soffro, para que o Sr. me dicesse, que molestia padeço, e que tratamento me convem.

— Mas, minha Sra., eu ainda não sou Medico, e só no cazo de urgente necessidade me atreveria

— Eu tenho inteira confiança no Sr.: me parece, que é o unico capaz de acertar com a minha enfermidade.

— Mas ali está um estudante do sexto anno....

— Eu quero o Sr., e mais ninguem.

— Pois minha Sra., eu estou prompto para ouvi-la, porém julgo que o tempo, e o lugar são pouco opportunos....

— Nada... hade ser agora mesmo.

Ah!... a boa da velha fallou, e tornou a fallar: erão duas horas da tarde, e ella ainda dava conta

de todos os seus costumes, de sua vida inteira emfim: foi uma relação de commemorativos, como nunca mais ouvirá o nosso estudante. Às vezes Augusto olhava para seus companheiros, e os via alegremente praticando com as bellas senhoras, que abrihantavão a sala, enquanto elle se via obrigado a ouvir a mais insuportavel de todas as historias: d'aqui, e de certos phenomenos, que accusava a maçista, nasceo-lhe o desejo de tomar uma vingança-zinha. Firme neste proposito esperou com paciencia, que D. Violante fizesse ponto final, bem determinado a esmagal-a com o peso do seo diagnostico, e ainda mais com o tratamento que tencionava prescrever-lhe.

Às duas horas e meia a oradora terminou o seo discurso, dizendo:

— Agora quero, que com toda sinceridade me diga se conhece minha enfermidade, e o que devo fazer.

— Então V. S. dá-me licença para fallar com toda sinceridade?...

— Eu o exijo.

— Pois, minha Sra., attendendo a tudo, quanto ouvi, e principalmente a esses ultimos incommodos, que tam amiude soffre, e de que mais se queixa, como — *essas tonteiras* — *dores no ventre* — *calefrios* — *certas difficuldades* — *esse pezo dos lombos, etc.* eu concluo, e todo mundo medico concluirá comigo, que V. S. padece

— Diga... não tenha medo

— Hemorroidas.

D. Violante fez-se vermelha como um pimentão : horrivel como a mais horrivel das furias encarou o estudante com despeito, e fixando nelle seos tristissimos olhos furtacores, perguntou :

— O que foi, que dice, Sr.?...

— Hemorroidas, minha Sra.

Ella soltou uma rizada sarcastica.

— V. S. quer que lhe prescreva o tratamento conveniente?...

— Menino, respondeu com máo humor, tome o meo conselho, outro officio : o Sr. não nasceo para Medico.

— Sinto ter desmerecido o agrádo de V. S. por tam insignificante motivo : rogo-lhe, que me desculpe ; mas eu julguei dever dizer, o que entendia.

Isto dizendo o estudante ergueo-se : a velha já não fez o menor movimento para o demorar, e vendo-o deixal-a dice em tom profetico :

— Este não nasceo para a medicina !

Mas Augusto affastando-se de D. Violante dava graças ao poder do seo diagnostico, e augurava muito bem de seo fucturo medico pela grande victoria que acabava de alcançar.

— Agora sim, dice elle com os seos botões, vou recuperar o tempo perdido, e procurava uma cadeira, cuja vezinhança lhe conviesse.

A digna hospeda comprehendeo perfeitamente os dezejos do estudante ; pois mostrando-lhe um lugar junto de sua netta dice :

— Aquella menina lhe poderá divertir alguns instantes.

— Mas minha avó exclamou a menina com promptidão, até o dia de hoje ainda me não supuz boneca.

— Menina!...

— Com tudo eu serei bem feliz, se puder fazer, com que o Sr.... o Sr....

— Augusto, minha Sra.

— O Sr. Augusto passe junto a mim momentos tam agradaveis, como lhe forão as horas que gozou ao pé da Sra. D. Violante.

Augusto gostou da ironia e já se dispunha a travar conversação com a menina travessa, quando Fabricio se chegou a elles, e dice a Augusto:

— Tu me debes dar uma palavra.

— Creio, que não é preciso que seja immediatamente.

— Se a Sra. D. Carolina o permittisse, eu estimaria fallar-te já.

— Por mim não seja... dice a menina erguendo-se.

— Não, minha Sra., eu o ouvirei mais tarde, acudio Augusto querendo retel-a.

— Nada... não quero que o Sr. Fabricio me olhe com máos olhos... além de que eu devo ir apressar o jantar; pois léio no seu rosto, que a conversação, que teve com a Sra. D. Violante, quando mais não desse, ao menos produzio-lhe muito appetite... mesmo um appetite de... de...

— Acabe.

— De estudante.

E mal o dice a travêssa moreninha, correu para fó-
ra da salla.



IV.

Falta de Condescendencia.

Fabricio acabava de commetter um grave erro, e que para elle será de más consequencias. Quem pede e quer ser servido deve medir bem o tempo, o lugar, e as circumstancias, e Fabricio não soube conhecer, que o tempo, o lugar, e as circumstancias, lhe crão completamente desfavoraveis. Vai exigir, que Augusto o ajude a forjar cruel scillada contra uma joven de dezeseite annos, cujo unico delicto é ter sabido amar o ingrato com exagerado extremo. Ora para conseguir semelhante torpeza, precizo seria que Fabricio aproveitasse um momento de loucura, um desses instantes de caprixo e de delirio, em que Augusto pensasse, que ferir a fibra mais sensivel, e vibrante do coração da mulher, a fibra do amor, não é um crime, não é pelo menos louca e

reprehensivel liviandade, é apenas perdoavel e interessante divertimento de rapazes: e nessa hora não podia Augusto raciocinar tam indignamente. Ainda quando não ouvesse nelle muita generosidade; ali estava para dezarmar-o o poder indizivel da innocencia, o poderoso magnetismo de vinte olhos bellos como o planeta do dia, a influencia captivadora da formozura em botão, da belleza virgem ainda, de um anjo enfim; porque é symbolo de um anjo a virgindade de uma joven bella.

Mas Fabricio olvidou tudo, e mal sem duvida terá de sair de seo empenho com tantas contrariedades: o tempo não lhe é propicio; porque Augusto começa a sentir todos os symptomas de appetite em forte desperto; ora um rapaz, e principalmente um estudante com fome se aborrece de tudo, principalmente do que lhe cheira a maçada. O lugar não menos lhe era desfavoravel; porque diante de um ranchinho de bellas moças quem poderá tramar contra o socego dellas?.... então Augusto dos-taes, que por semelhante povo é como formiga por asucar - macáco por banana, creança por campainha.... e elle tem razão! Por ultimo as circumstancias tambem contrariavão Fabricio; pois a Sra. D. Violante havia tido o poder de esgotar toda a elastica paciencia do pobre estudante, que não acharia nem mais uma só dóze homeopatica desse tam necessario confortativo para despendar com o novo macista.

Fabricio tomou pois o braço de Augusto, e am-

bos sairão da salla; este com vivos signaes de impaciencia, e o primeiro com ares, de quem ía tratar importante negocio.

A innocente D. Joanninha os accompanhou com os olhos, e rio-se brandamente encontrando os de Fabricio, que teve ainda bastante audacia para fingir um sorriso de gratidão.

Elles se dirigirão ao gabinete do lado direito da salla, o qual fora destinado para os homens, e entrando fechou Fabricio a porta contra si para se achar em toda liberdade. Emfim estavam sós: voltados um para o outro guardarão alguns momentos de silencio. Foi Augusto, quem teve de rompê-lo.

— Então ficamos a jogar o sizo?...

— Espero a tua resposta, dice Fabricio.

— Ainda me não perguntaste nada, respondeo o outro.

— A minha carta?...

— Eu a li... sim, tive a enorme paciencia de lê-la toda.

— E então?...

— Então o que; homem?...

— A resposta?...

— Aquillo não tem resposta.

— Ora deixa-te disso; vamos mangar com a moça.

— Tu estás doido, Fabricio.

— Por tua culpa, Augusto.

— Pois então? cuidas, que o amor de uma Sra deva ser a petéca, com que se divirtão dous estudantes?...

— Quem é que te falla em petéca?... pelo contrario, o que eu quero é desgrudar-me do fatal contrabando.

— Não; apesar teo deves respeitar e cultivar o nobre sentimento, que te liga já a D. Joanninha. Que se dizia do teu procedimento, se depois de trazeres uma moça toda cheia de amor e de fé na tua constancia por espaço de trez mezes, a desprezasses sem a menor apparencia de razão, sem a mais pequena desculpa?...

— Então tu com o teo systema de...

— Eu dezengano: previno a todas, que minhas paixões tem apenas horas de vida; e tu, como os outros, juras amor eterno.

— Estou desconhecendo-te, Augusto; sempre te achei com juizo, e bom conceito; e agora temo muito, que estejas com principios de alienação mental! explica-me, por quem és, que subito accesso de moralidade é esse, que tanto te perturba.

— Isto, Fabricio, chama-se inspiração dos bons costumes.

— Bravo! bravo! foi, muito bem respondido; mas palavra de honra, que tenho dó de ti! Vejo, que em materias da natureza da, de que tratamos estás tam atrasado, como eu em fazer sonetos. Apesar de todo o teo romantismo, ou talvez principalmente por cauza delle não vês, o que se passa a duas polegadas do teo nariz: pois, meo amigo, quero te dizer, a theoria do amor do nosso tempo applaude e aconselha o meo procedimento: tu verás, que eu

estou na regra; porque as moças tem ultimamente tomado por mote de todos os seus apaixonados extremos, ternos affectos, e gratos requebros estes trez infinitos de verbos — iscar — pescar — e cazar — ; ora bem vês, que para contrabalançar tam parlamentares e viscôzas disposições; nós os rapazes não podiamos deixar de inscrever por divisa em nossos escudos os infinitos destes trez outros verbos — fingir — rir — e fugir — ; portanto segue-se que estou encadernado nos axiomas da sciencia.

— Com effeito! não te suppunha tam adiantado!

— Pois que duvida?... para viver-se vida boa e livre é preciso andar com olho aberto, e pé ligeiro: então as taes sujeitinkas, que com a facilidade e industria, comque a aranha prende a mosca na tea, são capazes de tecer de repente com os olhares, sorrisos, palavrinhas doces, suspiros a tempo, medei-ches approximando-se, zellos affectados, e arrufos com sal e pimenta uma armadilha tam emmaranhada, que se o papagaio é tolo, e não vôa logo, mette por força o pé no laço, e adeos minhas encomendas, fica de gaiola para todo o resto de seus dias. E portanto, meo Augusto, deixa-te de insipidos escrupulos, e ajuda-me a sair dos apuros, em que me vejo.

— Torno a dizer-te que estás doido Fabricio; pois que me acreditas capaz de servir de instrumento para um enredo... uma verdadeira traição. Então que pensas?... eu requestaria D. Joanninha, não é assim?... tu a deixavas fingindo ciumes; e depois

quem me livraria dos apertos, em que necessária-mente tinha de ficar?...

— Ora isso não te custava cinco minutos de trabalho: tu... inconstante por indole, e por systema.

— Fabricio, deixa-te de asneiras; já que te metteste nisso, avante! além de que D. Joanninha é um peichão.

— Oh! oh! oh! uma dezenxavida...

— Que blasphemia!

— Além disso é impossivel... não posso supportar o pezo: escrever quatro cartas por semana... isto só! o talento que é preciso para inventar asneiras e mentiras dezeseis vezes por raez! e depois o Tobias...

— Puxa-lhe as orelhas.

— Como?... se elle é a cria de D. Joanninha, o alfinim da caza, o S. Benedicto da familia!

— Não sei, meo amigo, arranja-te, como poderes.

— Lembra-te, que fostes a cauza principal de tudo isto.

— Quem? eu... eu apenas te dice, que não sabias o gosto, que tinha o amor a moderna.

— Pois bem; sahi do meo elemento; fui experimentar a paixão romantica... ahi a tem!... a tal paixão-zinha me esgotou já paciencia — juizo — e dinheiro. Não a quero mais.

— Tu sempre foste um pápa empadas.

— Sim: e a dous mezes, que nem sei, o que é o cheiro dellas, anda meo Augusto-zinho, ajuda-me?

— Não posso, e não devo.

— Vê lá, o que dizes!

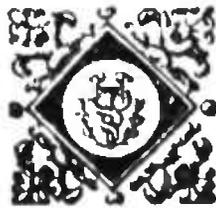
- Tenho dito.
- Augusto !
- Agora digo mais, que não quero.
- Olha, que te hasde arrepender !
- Esta é melhor?... pretendes metter-me medo?...
- Eu sou capaz de vingar-me.
- Dezafo-te a isso.
- Dezacredito-te na opinião das moças.
- É um meio de tornar-me objecto de suas attenções; peço-te, que o faças.
- Descubro, e analyso o teu systema de illudir a todas.
- Tornar-me-ás interessante a seos olhos,
- Direi, que és um bandoleiro.
- Melhor; ellas farão por tornar-me constante.
- Mostrarei, que a tua moral é a respeito de amor a peor possivel.
- Optimo !... ellas se esforçarão por fazel-a boa.
- Heide nestes dous dias atrapalhar-te continuamente.
- Bravo ! não contava divertir-me tanto.
- Então tu teimas no teu propozito?...
- Pois se é precisamente agora, que estou vendo os bons resultados, que elle me promette!
- Portanto estes dous dias guerra!
- Bravissimo, meo Fabricio, guerra!
- Anticipo-te, que meo primeiro ataque terá lugar durante o jantar.
- Oh! por milhares de razões tomára eu, que chegasse a hora delle!

— Augusto, até o jantar!

— Fabricio, até o jantar!

Neste momento Felippe abriu a porta do gabinete, e dirigindo-se aos dous, dice:

— Vamos jantar.



V.

Jantar conversado.

Ao escutar-se aquelle aviso animador que , repetido pela boca de Felippe , tinha chegado até ao gabinete onde conversavão Augusto e Fabricio , raios de alegria brillarão em todos os semblantes. Cada cavalleiro deu o braço a uma Senhora , e par a par se dirigirão para á salla de jantar. Erão entre senhoras e homens vinte e seis pessoas.

Coube a Augusto a gloria de ficar entre D. Quinquina, que lhe dera a honra de acceitar seo braço direito , e uma joven de quinze annos , cuja cintura se podia abarcar completamente com as mãos : um velho Allemão ficava á esquerda della e sem vaidade podia Augusto afirmar que D. Clementina prestava mais attenção a elle que ao jagodes , que tambem , a fallar a verdade , por seo turno mais se importava com o cópo do que com a moça.

D. Quinquina (como a chamão suas amigas) conversa soffrivel e sentimentalmente : é meiga, terna, pudibunda, e mostra ser muito modesta : seu moral é bello e languido como seu rosto, um apurado observador, por mais que contra ella se indisposesse, não passaria de classificar-a entre — as sonsas —. D. Clementina pertencia decididamente a outro genero : o que ella é lhe estão dizendo dous olhos vivos e perspicazes, e um sorrizo malicioso que lhe está tão assiduo nos labios, como o copo de vinho nos do alemão. D. Clementina é um epigramma interminavel; não poupa a melhor de suas camaradas : sua vivacidade e espirito se empregão sempre em descobrir e patentear nas outras as melhores brexas para abatel-as na opinião dos homens, com quem pratica.

Durante as primeiras cobertas ella dissertou maravilhosamente ácerca de suas companheiras: máliciosa e picante lançou sobre ellas o ridiculo, que manejava, e os sorrizos de Augusto, que com dextreza dezafiava. As unicas, que lhe havião escapado erão D. Quinquina, provavelmente por ficar-lhe muito vizinha, e airmã de Felippe, que estava defronte, ou como é moda dizer, —vis-à-vis— Augusto quiz provocar os tiros de D. Clementina contra aquella menina impertinente, que tão pouco lhe agradava.

— E que pensa V. S. desta joven Senhora, que está defronte de nós? perguntou elle em voz baixa.

— Quem?... a Moreninha?... respondeo ella no mesmo tom.

— Fallo da irmã de Felippe , minha Senhora.

— Sim... todas nós gostamos de chamal-a — a Moreninha — : essa...

— Acabe , dona Clementina ! dice a irmã de Felippe que fingindo antes não prestar atenção ao que conversavam os dous , acabava de fixar de repente na terrivel chronista dous olhares penetrantes e irresistiveis.

Parecia que uma luta interessante ia ter lugar : as duas adversarias mostravão-se ambas fortes e decididas ; porém D. Clementina para logo recuou , e como querendo não passar por vencida , surrio-se maliciosamente , e apontando para a moreninha , dice affectando um accento gracejador :

— Ella é travessa como o beija-flor . innocente como uma boneca , faceira como o pavão , e curiosa como : uma mulher.

— Sim ! tornou-lhe D. Carolina , preciso é que os ouvidos estejam bem abertos , e a atenção bem apurada , quando se está defronte de uma moça como D. Clementina , que sempre tem cousas tão engraçadas , e tão innocentes para dizer ! . . Oh minha camarada , juro-lhe que ninguem lhe iguala na habilidade de compor um mappa.

— Mas . . . D. Carolina . . . você deo o cavaco ? . .

— Oh ! não , não ! . . continuou a menina com picante ironia ; porém é facto , que nenhuma de nós gosta de ser offuscada com o esplendor de outra . Já basta de brilhar , D. Clementina ; o Sr. Augusto deve estar tão enfeitado com o seo espirito e talento que

de certo não poderá toda esta tarde e noite olhar para nós outras sem compaixão ou desgosto; portanto já basta... se não por si, ao menos por nós.

A chronista fez-se còr de nacar. e a sua adversaria, imitando-a na malicia do sorrizo e no accento gracejador. proseguio ainda.

— Mas ninguem conclua d'aqui que por offuscada perco eu o amor que tinha ao astro que me offuscou — bella rosa do jardim! teos espinhos ferirão a borbuleta; mas nem por isso deixarás de ser beijada por ella.

E assim dizendo a moreninha estendeo e apinhou os dedos de sua mão direita, fez estralar um beijo no centro do bello grupo que elles formarão, e emfim executou com o braço um movimento como se atirasse o beijo sobre D. Clementina.

— Oh! dice Augusto consigo mesmo, a tal menina travessa não é tão tola como me pareceo ainda ha pouco.

E desde então começou o nosso estudante a demorar seus olhares naquelle rosto, que com tanta injustiça taxára de irregular e feio. Prevenido contra D. Carolina por havè-la sorprendido fazendo-lhe uma careta, o tal senhor Augusto com toda a impaphia de um — semi-doctor — decidio magistralmente que a moça tinha todos os descitos possiveis; coitadinho!... espichou-se tão completamente que agora mesmo já está pensando com os seos botões « ella não será bonita... porém feia?... isso é demais.»

— Chegou muito tarde a ilha... balbuciou D.

Quinquina, como quem desejava travar conversação com Augusto.

— Pensa deveras isso? minha Senhora!... respondeo este, pregando nella um olhar de quem está pedindo um — sim —.

— Penso.... dice a moça enrubecendo.

— Pois é precisamente agora que eu reconheço ter chegado muito tarde, ou pelo contrario talvez cedo de mais.

— Cedo de mais?..

— Certamente: não se chegará sempre cedo de mais onde se corre algum risco?..

— Aqui portanto . . .

— Neste lugar portanto, continuou o estudante voltando os olhos por todas as senhoras, e apontando depois para D. Quinquina, e aqui principalmente floresce e brilha o prazer; mas perde-se tambem a liberdade de um mancebo!

Os dous forão aqui interrompidos para responder a uma longa e interminavel collecção de brindes que o alemão principiou a dezenrolar, e com tanta frequencia e tam pouca fertilidade, que só a Sra. D. Anna teve por sua saude de vê-lo beber seis vezes.

Emfim cedeo um pouco a tormenta, e D. Quinquina que havia gostado, do que lhe dicera o estudante, continuou.

— Não quiz vir com seos collegas?...

— Eu gosto de andar só, minha Sra.

— Sempre é má e triste a solidão.

— Mas as vezes tambem a sociedade se torna insuportavel!... por exemplo depois d'amanhã...

— Depois d'amanhã, repettio ella sorrindo-se, depois d'amanhã o que?...

— Minha Sra., ouvidos que escutarão accordes sons de harpa sonora vibrada por ligeira mão de formosa donzella, doem-se de ouvir o toque inqualificavel da vióla dezafinada da rude saloia.

— Eu não o comprehendo bem...

— Quem respirou o ar embalsamado dos jardins, o aroma das rozas, os effluvios da angelica se incomoda, se exaspera ao respirar logo depois a atmosphera grave e carregada de measmas de um hospital.

— Ainda o não entendi.

— Pois juro, minha Sra., que desta vez me hade comprehender perfeitamente. Digo, que vendo eu hoje dous olhos, que por sua cor e brilho se assemelhão a dous bellos artros de luz scintillando em ceos do mais puro azul; que escutando uma voz tam doce, como serão as melodias dos anjos; que enfim respirando junto de alguem, cujo bafó é um perfume de delicias, depois d'amanhã preferirei não ver, não ouvir, e não cheirar coiza alguma a ver os olhos pardos e encovados ali do meu amigo Leopoldo, a ouvir a voz de tabóca raxada do meo collega Felipe, e a respirar a fumaça dos charutos de meo companheiro Fabricio.

— Ah!... exclamou outra vez inexperadamente D. Carolina, eu creio que D. Quinquina terá final-

mente comprehendido, o que o Sr. Augusto tanto se empenha em lhe explicar.

—Minha prima, atrevo-se a dizer a ingenua, modesta, medroza e muito sonsa D. Quinquina, minha prima, você o teria comprehendido no primeiro instante, não é assim?...

—Certamente, respondeo a mocinha sem perturbar-se; o Sr. Augusto além de fallar com habilidade e fogo, pôz em acção trez sentidos; o que poderia tambem succeder era, ~~que~~ como algumas costumão fazer eu fingisse não comprehendel-o logo para dar lugar a mais vivas finezas, até que elle de fatigado, dicesse tudo sem figuras, e flores de eloquencia... ora isso quazi que aconteceu; porque os olhos, os ouvidos e o nariz do Sr. Augusto hão de estar certamente cansados de tam excessivo trabalho!...

—Minha Sra. !...

—Por desdita delle não ouve occasião de por em campo um outro sentido: o gosto ficou em inacção bem contra a sua vontade, não é assim, Sr. Augusto?..

—Minha prima todos olhão para nós...

—A respeito do tacto não direi palavra, continuou a terrivel Moreninha; porque se as mãos do Sr. Augusto conservarão-se em justa posição, quem sabe os trances, porque passarião os pez de minha prima?... os Srs. estão tam juntinhos que com facilidade e sem risco se podem tocar por baixo da meza.

—Menina! clamou a Sra. D. Anna com accento de reprehensão.

—Minha Sra., concinta, que ella continue a

gracejar, dice Augusto meio aturdido, além de me dar a honra de tomar-me por objecto de seus gracejos, da-me tambem o prazer de apreciar, e admirar seu espirito e agudeza.

—Agradecida! muito agradecida! tornou o diabinho da menina rindo-se com a melhor vontade; eu cá não custei tanto a comprehendel-o, como minha prima: já sei, o que querem de mim os seus elogios..... estou comprada. não fallo mais.

Uma rizada geral applaudio as ultimas palavras de D. Carolina: não ha nada mais natural; ella era a netta da dona da caza, e além de ser moça é rica.

Começava então a servir-se a sobremeza.

—E eu apezar de amigo e collèga de Augusto, dice por fim Fabricio endireitando-se, não posso deixar de lastimar a Sra. D. Joaquina pela triste conquista que acaba de fazer.

Augusto conheceo, que lhe era dado o signal do combate: Fabricio queria tomar vingança de sua nenhuma condescendencia; e pois preparou-se para sustentar a luta com todo o esforço, e vendo que todos tinham os olhos fitos nelle, como que esperando uma resposta, não hezitou.

—Obrigado; dice. nem eu mesmo posso de mim formar outro conceito; devo tocavia declarar, que se me fosse dado conhecer a dittoza mortal, que conceguio ganhar os pensamentos e o coração do meo collega, certo que lhe eu daria meos parabens em proza e verso; porque Fabricio é sem contradicção a mais alegre e apreciavel conquista!

A ironia o ferio: a interessante Moreninha lançou sobre Augusto um olhar de aprovação, e surriose brandamente: gostou de o ver manejar a sua arma favorita: sem se explicar o porque, tambem o nosso estudante teve em muita conta aquelle sorrizo da menina travêssa. Fabricio continuou.

— Venha embora o ridiculo; que nem porisso poder-se-á negar, que para o nosso Augusto não ouve, não ha, nem pode haver amor, que dure mais de trez dias.

Todas as Sras. olharão para o réo d'aquelle horrivel crime de leza-formozura. Augusto respondeo.

— E o que ha ahi de mais engraçado, é que Fabricio tem culpa disso; porque enfim manda o meo destino, que eu sempre tenhã andado, ande, e haja de andar em companhia delle, que com a maior crueldade do mundo tira-me todos os lances antes de trez dias de amor.

Novo olhar. novo sorrizo de aprovação de D. Carolina: novo prazer de Augusto por merecel-os.

Fabricio torceo-se sobre a cadeira e proceguio.

— Nada de fugir da questão.... poder-se-ia julgar fraqueza querer de algum modo occultar que tanto em pratica como em theoria o meo collega é e se preza de ser o prototypo da inconstancia.

— Eis o que elle não pode negar. acudirão Leopoldo e Felippe rindo-se.

— E para que negar, se já o nosso collega affirmou, que eu me prezava de ter essa qualidade?...

— Mizericordia!... exclamou uma das moças.

— É possível?... perguntou a avó de Felippe com seriedade.

— É absolutamente verdade, respondeo o estudante.

Lançou depois um olhar ao derredor da meza, e todas as Sras. lhe voltarão o rosto. D. Quinquina tinha nos labios um triste sorrizo: a Morenhinha olhou-o com espanto durante um curto momento; mas logo depois soltou uma sofrivel rizada, e pareceo occupar-se exclusivamente de uma fatia de podim.

Reinou silencio por alguns instantes. Fabricio parecia victorioso: Augusto estava como em izolamento; as Sras. olhavão para elle com receio: mostravão temer encontrar seos olhos; dir-se-ia, que receavão, que de uma troca de olhares nascesse para logo o sentimento, que as devesse tornar desgraçadas. Desde as fataes palavras de Fabricio, Augusto era n'aquella meza, o que costumava ser um leprozo na idade media: — o homem perigozo, cujo contacto podia fazer a desgraça de outro.

Fabricio comprehendeo, em quam triste situação estava o seo adversario, e, inexperiente, se havia deixal-o debatendo-se em sua má posição, quiz ainda mais peioral-a, e foi talvez arrancal-o della. Fabricio pois falla: as Sras. embebem nelle seos olhos, e o applaudem; em quanto Augusto servindo-se de um prato de grosso mellado, affecta prestar pouca attenção ao seo accusador.

— Sim, minhas Sras, é um joven inconstante,

accessível a todas as bellas, repudiando-as ao mesmo tempo para correr atraz de outra, que será logo deixada pela vista de uma nova, como se elle fora a inercia da materia, que conserva uma impressão; mas que não a guarda, se não o tempo que é gastado para um novo agente modificá-la!...

— Muito bem!... muito bem!... dixerão algumas vozes.

— Seo coração é petrica aboboda de theatro, que não entende o dizer de Auber. quando soluça a frauta ternos sons de muzico discurso; pois aquella muda superficie reflecte a todos e a todos esquece com estúpida indifferença!...

— Bravo!... Fabricio está hoje romantico; exclamou Leopoldo apontando maliciosamente para uma garrafa, que se achava defronte do orador e quazi de todo esgotada.

— Apoiadissimo!... murmurou Augusto apontando tambem para a garrafa.

— Mas elle vivirá viver de lagrimas, suspiros e ancias de condemnado; concluiu Fabricio.

— Bravo!... muito bem!... bravo!...

— Peço a palavra para responder; exclamou Augusto.

— Tem a palavra; mas nada de maçada!...

— Duas palavras, minhas Sras., só duas palavras.

— Sim, deffenda-se, deffenda-se.

— Deffender-me?... certo que o não farei; poderia ao contrario accuzar; mas tambem não quero; julgo apenas opportuno dar algumas explicações. Mi-

nhas Sras., debaixo de certo ponto de vista o meo collega Fabricio, dice a verdade; porque eu sou com effeito o mais inconstante dos homens em negocios de amor.

— Ainda repete?!

— Mas tambem, quem me conhece bastante, conclue, que por fim de contas não á amante algum mais firme do que eu.

— O Sr. está compondo enigmas.

— Não o interrompão; deixem-no apresentar o seo programma amorozo.

— Sim, minhas Sras., continuou Augusto, vamos ao desenvolvimento da primeira propozição.

— Oição! oição!

— A minha inconstancia é natural, justa, e sem duvida estimavel. Eu vejo uma Sra. bella, a amo-a, não porque ella é Sra.. mas porque é bella; logo eu amo a belleza: ora este attributo não foi exclusivamente dado a uma só Sra., e quando o encontro, em outra, fôra injustiça, que eu desprezasse nesta aquillo mesmo, que tanto amei na primeira.

— Bravo!... viva o raciocinio!

— Mais ainda. Todo mundo sabe, que não ha, quem nasça perfeito: suponhamos, que eu estou na agradavel companhia de trez jovens; todas são lindas; mas a primeira vence a segunda na delicadeza do talhe, esta supera aquella na ternura do olhar. e na graça dos sorrizos, e a terceira enfim ganha as duas na sublime harmonia de umas bastas madeixas negras coroando um rosto romanticamente pallido; ora bem

se vê, que seria commetter a mais detestável injustiça, se eu por amar a delicadeza do talhe da primeira me esquecesse da ternura dos olhares, e da graça dos sorrizos da segunda, assim como das bastas madeixas negras, e do rosto romanticamente pallido da ultima.

—Muito bem, Augusto, exclamou Felippe, estou achando nm não sei que tam aproveitavel no teo systema, que me vejo em termos de segui-lo.

—Eis aqui pois, porque sou inconstante, Sras.; é o respeito, que tributo ao merecimento de todas, é talvez o excesso a que levo as considerações, que julgo devidas ao sexo amavel, quem me faz ser volvel. Agora eu entro na segunda parte da minha explicação.

—Atenção!...elle vai provar, que é constante!...

—Antes que ninguem, minhas Sras., eu reprehendi o meo coração pela sua volubilidade; mas vendo que era vão trabalho querer extinguir por tal meio uma dispozição, que a natureza nelle plantára, pretendi primeiro achar na mesma natureza um corrosivo, que o fizesse: procurei uma joven bem encantadora para me lançar em captiveiro eterno; mas debalde o fiz; porque eu sou tam sensivel ao poder da formozura, que sempre me succedia esquecer a bella de hontem pela que via hoje, a qual pela mesma razão era esquecida depois: quantas vezes, minhas Sras., nos meos passeios da tarde eu olvidei o amor da manhã desse mesmo dia por outro amor, que se extinguiu no baile dessa mesma noite!...

— É exaggeração! dice uma Sra.

— É exactamente assim: acudio Fabricio.

— Que folha d'alho!.... exclamou D. Quinquina.

— Então, minhas Sras., proceguio Augusto, eu entendi, que devia recorrer a mim proprio para tornar-me constante. Concegui-o: sou firme amante de um só objecto,... mas de um objecto, que não tem existencia real, que não vive.

— Como é isto?... então a quem ama?...

— A sua sombra, como Narcizo?...

— A bonéca, que se vê na vidraça do Desma-rais?...

— Ao Cupido de Praxitelles, como Akidias de Rhodes?...

— Alguma estatua da academia das bellas artes?...

— Nada disso.

— Então a quem?...

— A todas as Sras. rezumidas n'um só ente ideal.

A custa dos bellos olhos d'uma, das lindas madeixas d'outra, do collo de alabastro desta, do talhe elegante d'aquella, eu formei o meo bello-ideal, a quem tributo o amor mais constante. Reuno o que de melhor está repartido; e faço mais ainda, aperfeição-o a minha obra todos os dias: por exemplo: retirando-me desta ilha, eu creio, que vestirei o meo bello-ideal de novas formas!...

— Viva o cumprimento!...

— Foi assim, minhas Sras., que eu me pude tornar constante, e graças a meo proveitozo systema

posso amar a todas as Sras. a um tempo sem ser infiel a nenhuma. Dice.

— Muito bem!... muito bem!...

— Augusto desempenhou-se.

O champagne estoirava n'aquelle momento. Leopoldo tomou a palavra pela ordem.

— Eu vou, exclamou, propor um bello meio de terminar esta discussão, convidando a todos os Srs. para um brinde, no qual Augusto por castigo de sua inconstancia nos não poderá acompanhar. Não é novo, que mancebos bebão no meio dos prazeres de um festim, um cópo de vinho depois de pronunciar o nome d'aquella, que é dama de seos pensamentos: aqui não estamos só mancebos e pois não faremos tanto: pronunciaremos com tudo a inicial do primeiro nome.

— Sim! sim! dice Felippe; Augusto não beberá conosco...

— Não maninho, acudio a interessante Moreninha, elle hade beber tambem.

— Ah minha Sra. ! no beber um cópo de champagne não está a duvida; a difficuldade toda é poder entre tantos nomes escolher o mais amado... accorde-me tal numero, dos que tem tocado o superlativo do amor...

— M.... dice Leopoldo esvaziando seo cópo.

— C.... pronunciou Felippe, olhando para D. Clementina.

— J.... balbuciou Fabricio exasperado com um accesso de tosse, que atacara Augusto.

Os outros mancebos prezeantes pronunciarão suas letras; só o inconstante faltava.

— Eia! animo, Sr. Augusto, dice D. Carolina.

— Mas que letra, minha Sra.?... se elles me dessem licença, eu faria o enorme sacrificio de reduzir as que me lembra ao diminuto numero de vinte e trez.

— Nada! nada! nesta saude não entra o numero plural.

— Pois bem, Sr. Augusto, continuou a menina, uma colleccão não deixa de ser singular. beba o seo copo de champagne ao — alphabeto inteiro —!

— Sim minha Sra., — ao alphabeto inteiro!...

Meia hora depois levantarão-se da meza. Leopoldo approximou-se de Augusto.

— Então que dizes Augusto?...

— Que passaremos a mais agradavel noite.

— E quem ganhará a aposta?...

— Eu.

— De qual destas meninas estás mais apaixonado?...

— Estou na minha regra; mas hoje tenho me apaixonado só de trez principalmente.

— E o que pensas da irmã de Felippe?...

— A melhor resposta que te posso dar é — não sei —; porque ao meio dia a julgava travêssa, importuna, e feia; mas era-me completamente indifferente.

— A uma hora?...

— Eu a supuz estouvada, e dezagradavel.

- As duas horas?...
 - Má, e dezejava vel-a longe de mim.
 - Durante o jantar?...
 - Fui achando-lhe algum espirito , e accuzei-me por havel-a julgado feia.
 - E agora?
 - Me parece , que me sinto muito inclinado a declarar-a engraçada , e bonitinha.
 - E d'aqui a pouco?...
 - Eu te direi.



VI.

Augusto com seos amores.

Poucos momentos depois da scena antecedente a salla de jantar ficou entregue unicamente ao insaciavel Keblere, que entendeo, não sabemos se mal ou bem, que era muito mais proveitoso ficar fazendo honras a meia duzia de garrafas de bello vinho, do que acompanhar as moças, que se foram deslizar pelo jardim. Outro tanto não fizeram os rapazes, que de perto as acompanharã, assim como pays, maridos, e irmãos, todos animados e cheios de prazer e harmonia, dispostos a acabar o dia e entrar pela noite com gosto.

Mas dicemos, que não sabiamos se Keblere havia feito bem ou mal em não imitar os outros. Sem duvida já fomos condemnado por homem de máo gosto; cumpre-nos dar algumas razões. Entendemos,

cá para nós, que por diversos caminhos vão tanto o allemão, como os rapazes a um mesmo fim. Em resultado, esgotadas as garrafas, e terminado o passeio, haverá mona não só na salla do jantar; mas tambem no jardim; a differença é, que uma será mona de vinho, e a outra de amor: esta ultima costuma sempre ser mais perigosa. Pela nossa parte confessamos, que não ha cachaça que nos embebede mais depressa, do que uma que se bebe nos olhos travessos de certas pessoas.

Passeava-se: cada cavalheiro dava o braço a uma senhora: e divagando-se assim pelo jardim o dictionario das flores era lembrado a todo momento. Menina havia, que apenas algum lhe dizia, apontando para a flor:

— Acacia!

— Sonhei com voce; respondia logo.

— Amor perfeito!

— Existo para ti só: tornava immediatamente. E o mesmo fazia a respeito de todas as flores, que lhe mostravão: era uma doutora de borla e capello em todas as sciencias amatorias; e esta menina era sem mais nem menos aquella languida, e sonsinha dona Quinquina. — Fiaivos nas sonsas.

Um moço e uma moça poreni andavão, como se costuma dizer, solteiros: bem vezes della se aproximava o sujeito; mas a bella quando mais perto o via, saltava, corria, voava como um beija-flor, como uma abelha, ou melhor como uma doidinha: erão elles dona Carolina e Augusto.

Augusto passeava só contra vontade ; dona Carolina por assim o querer.

Augusto vio de repente todos os braços *engajados* : duas senhoras a quem se dirigio , fingirão não ouvil-o, ou se desculparão. O inconstante não lhes fazia conta ; ou antes querião tornando-se difficeis , vel-o re-questando-as ; porque desde o programma de Augusto cada uma dellas entendeu lá com sigo , que seria grande gloria para qualquer o prender com inquebraveis cadeias aquelle capoeira de amor . e que o melhor meio de o conseguir era fingir desprezal-o , e mostrar não fazer conta com elle. Exactamente intentavão batel-o por meio d'essa tactica poderosa, com que quazi sempre se triumphava da mulher, isto é — o pouco cazo. —

Dona Carolina pelo contrario havia regeitado dez braços : queria passear só. Um braço era uma prizão, e a engraçada Moreninha gosta sobre tudo da liberdade. Ella quer correr, saltar, e entender com as outras, ir agora adiante de todos, e d'aquí a pouco ser a ultima no passeio : viva com seus olhos sempre brilhantes, agil com seu pesinho sempre prompto para a carreira, innocente para não se envergonhar de suas travessuras, e criada com mimo de mais para prestar attenção aos conselhos de seo irmão, ella está em toda a parte, vê, observa tudo, e de tudo tira partido para rir-se : em continua hostilidade com todas aquellas, que passeavão com moços, de cada vista d'olhos, de cada suspiro, de cada palavra, de cada acção, que percebia, tirava motivo para seus epigram-

mas, e inimigo invencível, porque não tinha fraco por onde fosse atacado, era por isso temido e acariciado: deixemol-a pois correr. e saltar; apparecer e desaparecer ao mesmo tempo; nem a nossa penna é dado o poder de acompanhá-la; que ella é tão rápida, como o pensamento.

Finalmente o pobre Augusto encontrou uma Senhora, que teve piedade d'elle. Estão afastados do resto da companhia; conversão: vamos ouvil-os.

— Com effeito, dice a Senhora dona Anna, devo confessar, que me espantei ouvindo-o sustentar com tam vivo fogo a inconstancia no amor.

— Mas, minha Senhora, não sei, porque se quer espantar!... é uma opinião.

— Um erro, Senhor! ou melhor ainda, um systema perigoso, e capaz de produzir grandes malles.

— Eis o que tambem me espanta!

— Não Senhor; nada ha aqui, que exagerado seja: rogo-lhe, que por um instante pense comigo: se o seo systema é bom, deve ser seguido por todos, e se assim acontecesse, onde iriamos assentar o socego das familias, a paz dos esposos, se lhe faltava a sua baze, a constancia?...

Augusto guardou silencio, e ella continuou:

— Eu devo crer, que o senhor Augusto pensa de maneira absolutamente diversa daquella; pela qualse explicou: concinta que lhe diga: no seu pretendido systema, o que ha, é muita velhacaria: finge não se curvar por muito tempo diante de belleza alguma

pará plantar no amor proprio das moças o dezejo de triumphar de sua inconstancia.

— Não , minha Senhora ; o unico partido , que eu procuro , e tenho conseguido tirar é o socego que a algum tempo gozo .

— Como ?...

— E' uma historia muito longa ; mas que eu rezumirei em poucas palavras. Com effeito não sou tal , qual me pintei durante o jantar. Não tenho a louca mania de amar um bello-idéal , como pertendi fazer crer ; porem o certo é , que eu sou e quero ser inconstante com todas , e conservar-me firme no amor de uma só.

— Então o Senhor já ama ?...

— Julgo , que sim.

— A uma moça ?...

— Pois entáo a quem ?...

— Sem duvida bella ?...

— Creio , que deve ser.

— Pois o Senhor não sabe ?...

— Juro que não.

— O seo semblante ?...

— Não me lembro d'elle.

— Móra na Corte ?...

-- Ignoro-o.

— Vê-a muitos vezes ?...

— Nunca.

— Como se chama ?

— Dezejo muito sabel-o.

- Que mysterio !...

— Eu devo mostrar-me grato á bondade , com que tenho sido tratado . satisfazendo a curiosidade, que vejo muito avivada no seo rosto ; e pois a Senhora vai ouvir, o que ainda não ouvio nenhum de meos amigos, o que eu não lhes diria ; porque elles provavelmente rir-se-ião de mim. Se dezeja saber o mais interessante episodio da minha vida, entremos nesta gruta, onde praticaremos livres de testemunhas , e mais em liberdade.

Elles entrarão.

Era uma gruta pouco espaçosa , e cavada na baze de um rochedo, que dominava o mar. Entrava-se por uma abertura alta e larga , como qualquer porta ordinaria. Ao lado direito havia um banco de relva , em que poderião sentar-se a gosto trez ou quatro pessoas : no fundo via-se uma pequena bacia de pedra , onde cahia gota a gota limpida e fresca agoa , que do alto do rochedo se distillava ; prezo por uma corrente á bacia de pedra estava um copo de prata para servir, a quem quizesse provar da boa agoa do rochedo.

Foi este o lugar escolhido por Augusto para fazer suas revelações á digna hospeda.

O estudante depois de certificar-se, que toda a companhia estava longe, veio sentar-se junto da Senhora dona Anna no banco de relva , e começou a historia dos seus amores.



VII.

Os dous breves branco e verde.

Negocios importantes, minha Senhora, tinham obrigado meo pai a deixar sua fazenda, e a vir passar alguns mezes na còrte; eu o acompanhei, assim como toda a nossa familia. Isto foi ha sete annos; e nessa época houve um dia... mas qu'importa o dia?... eu o poderia dizer já; o dia, o lugar, a hora tudo está presente á minha alma, como se fòra succedido hontem o acontecimento que vou ter a honra de relatar: é uma loucura... a minha mania... embora. Foi pois ha sete annos, e tinha eu então treze de idade, que brincando em uma das bellas praias do Rio de Janeiro, vi uma menina que não poderia ter ainda oito.

Figure-se a mais bonita creança do mundo, com um vivo, agradável e alegre semblante; com cabellos negros e anclados voando ao derredor de seo

pescoço, com o fogo do Céu nos olhos, com o sorriso dos anjos nos labios, com a graça divina em toda ella, e far-se-ha ainda uma idéa incompleta dessa menina.

Ella estava á borda do mar e seo rosto voltado para elle: approximei-me devagarinho: uma creança viva e espirituosa, quando está quieta, é porque imagina novas travessuras, ou combina os meios para executar alguma a que se põe obstaculos: eu sabi isto por experiencia propria: cheguei-me pois para saber em que pensava a menina: a pequena distancia della parei, porque já tinha adivinhado seo pensamento.

Na praia estava deposta uma bella concha; mas tão perto do mar, que quem a quizesse tomar, e não fosse ligeiro e experiente, se expunha a ser apanhado pelas ondas, que rebentavão com força então.

Eu vi a traveça menina hesitar longo tempo entre o desejo de possuir a concha e o receio de ser molhada pelas vagas: depois pareceu haver tomado uma resolução; o capricho de creança tinha vencido. Com suas lindas mãozinhas arregaçou o vestido até os joelhos...quando a onda recuou, ella fez um movimento; mas ficou ainda no mesmo lugar inclinada para diante e na ponta dos pés; segunda... terceira... quarta... quinta onda, e sempre a mesma scena de ataque e receio do inimigo. Finalmente, ao refluxo da sexta ella precipitou-se sobre a concha; mas a arêa escorregou debaixo de seos pés, e a interessante menina cahio na praia, sem risco e com graça; er-

guendo-se logo e espantada ao ver perto de si a nova onda, que dessa vez vinha mansa e fraca como respeitosa, correu para traz, e sem o pensar atirou-se nos meus braços, exclamando :

— Ah !... eu ia morrer affogada !...

Depois, vendo-se com o vestido cheio de arêa, começou a rir-se muito, sacudindo-o e dizendo ao mesmo tempo :

— Eu cahi ! eu cahi !..

E como se não bastasse esta passagem rapida do susto para o prazer . ella olhou de novo para o mar, e tornando-se levemente melancolica, balbuciou com voz pezarosa , apontando para a concha :

— Mas... a minha concha !.

Ouvindo sua voz harmoniosa e vibrante , eu não quiz saber de fluxos nem refluxos de ondas; corri para ellas com enthusiasmo, e radiante de prazer e felicidade apresentei-me á linda menina, embora um pouco molhado, mas trazendo a concha desejada.

Este acontecimento fez-nos logo — camaradas —. Corremos a brincar juntos com toda essa confiança infantil, que só póde nascer da innocencia , e que ainda em parte se dava em mim; posto que já a esse tempo fosse eu um pouco velhaquete e sonso , como um estudante de latim, que era , e que por tal já procurava minhas blasfemias no dictionario.

É sempre digna de observar-se esta tendencia, que tem as calças para os vestidos! desde a mais nova idade e no mais innocente brinquedo apparece o tal

mutuo pendor dos sexos... e de mistura umas vergonhas muito engraçadas...

Eu cá sempre fui assim; quando brincava o tempo será, por exemplo, sempre preferia esconder-me atrás das portas com a menos bonita de minhas primas, do que com o mais formoso de meos amigos da infancia.

Mas, como ia dizendo, nós brincamos juntos; corriamos, e caíamos na areia, e depois riamos ambos de nós mesmos. Tinhamos esquecido todo o mundo, pensavamos somente em nos divertir, como os melhores amigos.

Depois de uma agradável hora passada em mil diversas travessuras, que nossa imaginação e inconstancia de meninos modificava, e inventava a cada momento; a minha interessante camarada voltou-se de repente para mim, e perguntou:

— Sou bonita, ou feia?...

Eu quiz responder-lhe mil coizas... corei... e finalmente murmurei tremendo:

— Tam bonita!...

— Pois então, tornou-me ella, quando formos grandes havemos de nos cazar; sim?...

— Oh!... pois bem!...

— Havemos, continuou o lindo anjinho de sete annos; eu o quero... olhe: meo primo Juca, me queria tambem; mas ainda hontem quebrou a minha mais bonita bonéca... ora o marido não deve quebrar as bonécas de sua mulher: eu quero pois me cazar com o Sr., que hade apanhar bonitas conchi-

nhas para mim... além disso elle não tem, como o Sr., os cabellos loiros, nem a cor rozada.....

— Porém eu gosto mais dos cabellos pretos...

— Melhor! melhor!... exclamou a menina saltando de prazer. olhe os meos são pretos!

E nisto ella puchou com sua pequena mão-sinha um de seos bellos aneis de madeixa para mostrar-m'o, e largando-o depois, eu vi-o cair outra vez em seo pescoço de novo torcido, como um caracol.

Ainda corremos mais e continuamos a brincar juntos, e sem o pensar, nos nos esquecemos de procurar saber nossos verdadeiros nomes; porque nos bastavão esses, com que já nos tratavamos, de

— Meo marido.

— Minha mulher.

A viveza, a graça, e o espirito da encantadora menina tinhão feito dezapparecer meo natural acañhamento: nós estavamos como dous antigos camaradas; quando fomos interrompidos em nossas travessuras por um outro menino, que para nós corria chorando.

— O que tem?... perguntamos ambos.

— É meo pay, que morre! — exclamou elle apontando para uma velha cazinha, que avistamos a algumas braças distante de nós.

Ficamos um momento tristemente surprehendidos; depois como dominados pelo mesmo pensamento ella e eu dicemos a um tempo:

- Vamos lá.

E corremos para a pequena caza.

Entramos. Era um quadrò de dor e luto, que tinhamos ido ver. Uma pobre velha, e trez meninos mal vestidos e magros cercavão o leito, em que jazia moribundo um ancião de cincoenta annos pouco mais ou menos. Pelo que agora posso concluir, uma syncope havia cauzado todo movimento, pranto e desolação, que observamos. Quando chegamos ao pé de seo leito elle tornava a si.

— Ainda não morri! balbuciou olhando com ternura para seos filhos, e deixando cair dos olhos grossas lagrimas: depois deparando connosco continuou:

— Quem são estes dous meninos?...

Ninguem lhe respondeo; porque todos choravão, sem exceptuar a minha bella camarada e eu.

— Não chorem ao pé de mim! exclamou o velho suffocado em pranto, e escondendo o rosto entre as mãos, enquanto seos trez filhos, e o quarto que tinhamos a pouco visto fóra se atiravão sobre elle no excesso da maior da mais nobre, e mais sublime das dores.

A minha camarada dirigio-se então a velha.

— O que tem elle?... perguntou com viva demonstração de interesse.

— Oh meos meninos! respondeo a afflicta velha, elle soffre uma enfermidade cruel; mas que poderia não ser mortal... porém é pobre!... e morre mais depressa pelo pezar de deixar seos filhos expostos a fome... morre de mizeria!... morre de fome!...

— Fome!... exclamamos com espanto, fome?! pois tambem morre-se de fome?...

E instinctivamente a minha interessante compa-
nheira tirou do bolso de seo avental uma moéda d'oi-
ro, e dando-a a velha, dice:

— Foi meo padrinho, que m'a deo hoje de ma-
nhã... eu não preciso della... não tenho fome.

E eu tirei de meo bolso uma nota, não me lem-
bro, de que valor, e por minha vez a entreguei di-
zendo:

— Foi minha mãy - que m'a deo, e ella me dá
tambem um abraço, sempre que faço esmolas aos
pobres.

Não é possível descrever, o que se passou então
n'aquella miseravel choupana. Minha linda mulher e
eu tivemos de ser abraçados mil vezes, de ver de
joelhos a nossos pez a velha, e os meninos... O an-
cião forcejava por fallar a muito tempo... dava com
as mãos chamando-nos... finalmente nós nos appro-
ximamos d'elle, que nos apertou com enthusiasmo
contra o coração.

— Quem sois, poude emfim dizer. quem sois?...

— Duas creanças: foi a menina, que respondeo.

— Dous anjos, tornou o velho: e quem é este me-
nino?...

— É o meo camaradá; dice ainda ella.

— Vosso irmão?...

— Não Sr., meo... marido.

— Marido?...

— Sim: eu quero, que elle seja meo marido.

— Deos realize vossos dezejos!...

Acabando de pronunciar estas palavras o ancião guardou silencio por alguns instantes... bebeo com soffreguidão um pucaro cheio d'agoa, e olhando de novo para nós e tendo no rosto um ar de inspiração, e em suas palavras um accento prophético, exclamou :

— Seja dado ao homem agonizante lançar seos ultimos pensamentos do leito da morte além dos annos, que já não serão para elle, e penetrar com seos olhares atravez do veo do futuro!... Meos filhos! amai-vos, e amai-vos muito! a virtude se deve ajuntar, assim como o vicio se procura: sim! amai-vos!... eu não vos illudo... vejo lá... bem longe... a promessa realizada!... são dous anjos, que se unem... vede!... os meninos, que entrarão na caza do miseravel, que enxugarão o pranto, e matarão a fome da indigencia, são abençoados por Deos, e unidos em nome d'elle!... Meos filhos, eu vos vejo cazados lá no futuro!...

— Oh!... eis ali outra vez o delirio!... dice a velha vendo a exaltação, e o semblante affogueado do enfermo.

— Não, minha mãy!... continuou elle, não! não é delirio!... pois que?... não pode o Eterno abençoar a virtude pela minha boca?... Oh meos meninos! Deos paga sempre a esmola, que se dá ao pobre!... ainda uma vez... lá no futuro... vós o sentireis.

Nós estavamos espantados. o rosto do ancião se

havia tornado rubro; seos olhos flammejantes... seos labios tremião convulsivamente, e sua mão rugosa tinha trez vezes nos abençoado.

Escutando suas palavras, eu acreditei, que estavamos ouvindo uma profecia infallivelmente realizavel pronunciada por um inspirado do Senhor.

Não parou ali nossa admiração. O doente, cujas forças parecião haver reapparecido subitamente apoiando-se sobre um dos cotovellos, abriu a gaveta de uma meza, que estava junto de seo leito, e tirando de uma pequena e antiga caixa dous breves, os deo a velha, dizendo:

— Minha mãy descoza esses dous breves.

A velha obedecendo pontualmente os descozco com promptidão. Os breves crão dous: um verde, e outro branco.

Depois o ancião voltando-se para mim dice:

— Menino! que trazeis contigo, que possaes offerrecer a esta menina?...

Eu corri com os olhos tudo que em mim havia, e sò achei para entregar ao admiravel homem, que me fallava, um lindo alfinete de camafeu, que meo pay me tinha dado para trazer ao peito: maquinalmente puz-lhe nas mãos o meo camafeu.

O velho quebrou o pé do alfinete, e dando-o a sua mãy. acrescentou:

— Minha mãy, coza dentro do breve branco este camafeu.

E voltando-se para a minha bella camarada continuou:

— Menina, que trazeis comigo, que possaes o...
recer a este menino?...

A menina atilada e viva, como que já esperando tal pergunta, entregou-lhe um botão de esmeralda, que trazia em sua camizinha.

O velho o deo a sua mãy, dizendo:

— Minha mãy, coza esta esmeralda dentro do breve verde.

Quando as ordens do ancião forão completamente executadas, elle tomou os dous breves, e dando-me o de côr branca, dice-me:

— Tomai este breve, cuja côr exprime a candura da alma d'aquella menina; elle contém o vosso camafeu; se tendes bastante força para ser constante, e amar para sempre aquelle bello Anjo, dai-lh'o, afim de que ella o guarde com desvello.

Eu mal comprehendí, o que o velho queria: ainda maquinalmente entreguei o breve a linda menina, que o prendeo no cordão de oiro, que trazia ao pescoço.

Chegou a vez della. O nosso homem deo-lhe o outro breve, dizendo:

— Tomai este breve, cuja côr exprime as esperanças do coração d'aquelle menino; elle contém a vossa esmeralda; se tendes bastante força para ser constante, e amar para sempre aquelle bom anjo, dai-lh'o, afim de que elle o guarde com desvello.

Minha bella mulher executou a insinuação do velho com promptidão, e eu prendi o breve verde ao meo pescoço com uma fita, que me derão.

Quando tudo isto estava feito, o velho procegiu ainda :

— Ide! meos meninos ; crescei , e sede felizes! vós olhastes para minha mãy olhastes para meos filhos, olhastes para mim pobre e miseravel, e Deos olhará para vós!... ah! recebei a benção de um moribundo!... recebei-a, e sahi para não vê-lo expirar!...

Isto dizendo apertou nossas mãos com ardor : eu senti então, que o velho ardia ; senti que seo haffo era como vapòr de agua fervendo, que sua mão era uma braza, que queimava... sinto ainda sobre os meos dedos o calor abrazador dos seos, e agora comprehendo, que com effeito elle delirava, quando assim praticou com duas creanças.

Emfim nós deixamos aquella triste morada afflictos e admirados : sós, nos pensamos no velho, e choramos juntos; depois, nas creanças isto não merece reparo, nossa dor se mitigou para cuidarmos em brincar outra vez.

De repente a menina olhou para mim, e dice :

— E quando minha mãy perguntar pela minha esmeralda?...

Eu cuidei, que lhe respondia, e fiz-lhe igual pergunta.

— E quando meo pai perguntar pelo meo camafeu?

Ficamos olhando um para o outro : passados alguns instantes minha linda mulher, que me parecia estar pensando, dice sorrindo-se :

— Eu vou pregar uma mentira.

— E qual?...

— Eu direi a minha mãy, que perdi a minha esmeralda na praia.

— E eu responderei a meo pây, que perdi o meo camafeu nas pedras.

— Elles mandarão procurar sem duvida...

— E não os achando esquecer-se-hão disso.

— E os breves?...

— E os breves?...

— Nós os guardaremos?...

— O velho dice, que sim.

— Para que será isto?...

— Diz, que é para nos cazarmos, quando formos grandes.

— Pois então nós os guardaremos.

— Oh! eu o prometto.

— Eu o juro.

Neste momento soou Ave-Maria.

— Tam tarde! exclamou a menina, minha mãy ralhará comigo!

E dizendo isto correo, esquecendo-se até de despedir-se de mim: Esse fatal descuido acabava de entristecer-me, quando ella já de longe voltou-se, para onde eu estava, e mostrando-me o breve branco, gritou:

— Eu o guardarei!...

Pela minha parte entendi dever dar-lhe igual resposta; e pois mostrei-lhe o meo breve verde, e gritei-lhe tambem:

— Eu o guardarei!...

Aqui parou Augusto para respirar - tam cansado estava com a longa narração; porém ergueo-se logo ouvindo ruido a entrada da gruta.

— Alguem nos escuta, dice elle.

— Foi talvez uma illusão; respondeo a digna hospeda.

— Não, minha Sra.; eu ouvi distinctamente a bu-lha, que faz uma pessoa, que corre; tornou Augusto dirigindo-se a entrada da gruta, e observando em derredor della.

— Então?... perguntou a Sra. D. Anna.

— Enganei-me na verdade.

— Mas vê alguma pessoa?...

— Apenas lá vejo sua bella netta a Sra. D. Carolina pensativa e recostada a effigie da esperança.



VIII.

Augusto proseguindo.

A avó de Felippe quiz tomar por sua vez a palavra; porê[m] o estudante lhe fez ver, que ainda muito faltava para o fim de suas historias, e voltando de novo ao seo lugar, continuou.

« O acontecimento, que acabo de relatar, minha Senhcra, produzio vivissima impressão no meo espirito; ajudado por minha memoria de menino de treze annos, apenas entrei em caza , escrevi palavra por palavra, quanto me havia acontecido: isto me tirou o trabalho de mentir; porque adormecendo sobre o papel, que acabava de eserever, meo pay o leo á sua vontade, e soube o destino do camafeu, sem precisar, que lhe eu dicesse. Elle ainda estava junto de mim, quando despertei exclamando — o meo breve!.. o velho!.. minha mulher!..

— Anda doidinho, dice-me meo pay com bondade, eu te perdoo tuas novas loucuras em louvor da acção, que praticaste soccorrendo um velho enfermo; agora, guarda, eu t'ó pesso, e mesmo t'ó mando, guarda melhor esse breve, do que guardaste o camafeu.

E isto dizendo deixou-me.

Não se fallou mais neste acontecimento. Sube, que o velho morrera no dia seguinte, e que no momento da agonia abençoára de novo a minha camarada, e a mim.

Meo pay fez todas as despezas do enterro do velho, e soccorreo sua desgraçada familia.

Eu nunca mais vi, nem sube noticia alguma de minha interessante camarada; mas nem porisso a esqueci, minha Senhora; porque ou seja, que meu coração a tivesse amado deveras, ou que esse breve tivesse em si alguma coiza de encantador, o certo é, que eu ainda hoje me lembro com saudades dessa creança tam travessa; porém tão bella. Sem saber seu nome, pois nem lh'ó perguntei, nem ella m'ó dice, quando quero fallar a seo respeito, digo—minha mulher!— riem-se.... não me importa: eu não posso dizer de outro modo.

Sempre com sua imagem na minh'alma, com seo engraçado surrizo diante de meos olhos, com suas sonóras palavras soando a meos ouvidos passei cinco annos pensando nella de dia, e com ella sonhando de noite: era uma loucura; mas que havia eu fazer?... cheguei assim aos meos dezoito annos.

Eu já era pois um mancebo: meos pays nada poupavão para me educar convenientemente: aprendia; quanto me vinha a cabeça: dizião que minha voz era sonora, e por tal convidavão-me para cantar em elegantes sociedades; julgavão que eu dançava com graça, e lá ia eu para os bailes; finalmente, como cheguei a fazer algumas quadras, pedião-me para recitar sonetos em dias de annos: assim introduzirão-me em mil reuniões, onde as bellezas formigavão, e os amores erão dardejados por brilhantes olhos de todas as cores.

Além disto frequentava as cazas de meos companheiros dos estudos, e os ouvia contar proezas de paixões, triumphos, e derrotas amorozas. Meo amor proprio se despertou: tive vontade de amar, e ser amado.

Julguci esta minha determinação ainda mais justa; pois tendo ido passar certas ferias na roça, e lá fallando mil vezes no meo breve, e em minha mulher, ouvi a minha mãy dizer uma vez, em que me julgava longe:

— Temo que esse breve tire o juizo a aquelle menino: talvez que nos seja preciso cazal-o cedo.

Por tanto para não ouvir somente; mas tambem para contar alguma victoria de amor; para não endoidecer por cauza do breve, e finalmente para não ser necessario a minha mãy o cazar-me cedo, determinei-me a—amar—.

— Esqueceo-se por consequencia de sua mulher e do seo breve!— perguntou a Sra. D. Anna, interrompendo Augusto.

— Ao contrario, minha Senhorá, tornou este: foi

essa minha resolução, que me tornou mais firme, e mais amante de minha mulher.

« Não sei continuou Augusto, que teve o amor comigo para entender que todas as moças devião rir-se de mim, e zombar de meus affectos ! pensa, que brinco, minha Senhora?... pois foi isso mesmo, que me succedeo no decurso de minhas paixões: eu resumo algumas.

A primeira moça, que amei, era uma bella Moreninha de dezeseis annos de idade: fiz-lhe a minha declaração na carta mais pathetica, que um pateta poderia conceber: no fim de tres dias recebi uma resposta abrazadora, e cheia de protestos de gratidão e ternura: meo coração se enthusiasmo com isso... na primeira reunião de estudantes contei a minha victoria, lí a minha carta, e a resposta, que avia recebido: fui vivamente applaudido; porêm oito dias depois os mesmos estudantes quazi que me quebrárão a cabeça com cassoletas, e gargalhadas; porque oito dias bem contadinhos depois dessa resposta a minha terna amada cazou-se com um velho de sessenta annos. Jurei não amar a moça nenhuma, que tivesse a côr morena.

Apaixonei-me logo, e fui desgraçadamente correspondido por uma interessante joven tam coradinha, que parecia mesmo—uma roza Franceza—. Nós nos encontravamos nas noites dos sabbados em certa caza, onde se dava todas as semanas uma partida: era a mais agradavel sabatina, que podia ter um estudante; porêm o meo novo amor chegava a ser tocante de mais: a minha querida levava o ciume até um ponto,

que me atormentava prodigiosamente: se passava algum dia, que a não visse, e lhe não mandasse uma flor, apparecia-me depois choroza, e abatida; se na tal partida eu me atrevia a dançar com alguma outra moça bonita era contar com um desmaio certo, e desmaio, de que não accordava sem que eu mesmo lhe chegasse ao nariz o seo vidrinho de essencia de rozas, e tudo mais por este teor, e forma. Este amor já estava um pouco velho certamente, tinha trez mezes de idade. Um sabbado mandei-lhe prevenir, que faltaria a partida; mas tendo terminado cedo meos trabalhos não pude rezistir aos dezejos de vel-a, e fui a reunião: erão onze horas da noite, quando entrei na salla: procurei-a com os olhos, e certo moço, com quem me dava, que me entendeo, apontou para um gabinete vezinho: voei para elle.

Ella estava sentada junto de um mancebo, e com as costas voltadas para a porta: tomavão sorvetes. Cheguei-me de manso. conversavão os dous sem vergonha nenhuma em seos amores: fiquei espantado, e tanto mais, que pelo que ouvi, elles já se correspondião a muito tempo; mas o meo espanto se tornou em furia, quando ouvi o machacaz fallar no meo nome fingindo-se zelozo, e receber em resposta as seguintes palavras— o Augusto-zinho?... lamente-o antes; coitado! é um pobre menino, com quem me diverto nas horas vagas.— Soltei um surdo gemido; a traidora olhou para mim, e voltando-se depois para o seo querido dice com o maior sangue frio— ora ahi tem! perdi por sua cauza este divertimento.

Jurei não amar moça nenhuma de cor rozada.

Sem emendar-me ainda tornei-me cego amante de uma joven pallida; e como das outras vezes fui correspondido com ardor; mas desta tive eu provas de affecto muito serias. Antes de ver-me ella amava um primo, e até escrevia-lhe a miudo; eu exigi, que a minha terceira amada continuasse a receber cartas delle, e que as respondesse; concentio nisso com a condição de eu lhe redigir as respostas— bello ! dice comigo, vou tambem divertir-me por minha vez a custa de um amante infeliz!— e o negocio ficou assentado.

Infelizmente eu não conhecia o primo da minha amada; mas essa era a infelicidade mais toleravel possível.

Um dia tratamos de encontrar-nos em certa Igreja, onde tinha de haver esplendida festa: cheguei cedo; mas logo depois da minha chegada rebentou uma tempestade, e choveo prodigiosamente: pouco durou o máo tempo; porem as ruas deverião ter ficado alagadas, e a bella esperada não podia vir; apesar disso eu olhava a todos os momentos para a porta, e coiza notavel! sempre encontrava os olhos de um outro moço, que se dirigião tambem para lá: finalmente já nos riamos de semelhante coincidencia : acabada a festa ambos nos approximamos.

— Nós devemos ser amigos, dice elle.

— Eu penso do mesmo modo, respondi.

E apertamos as mãos.

— Sou capaz de jurar, que adivinho a razão, por-

que o Sr. olhava tanto para aquella porta, continuo elle.

— E eu tambem.

— Convenho: esperavamos ambos nossas amadas, e a chuva mangou com nosco.

— Exactamente.

— Mas nós vamos sem duvida vingar-nos, indo agora vel-as a janella.

— Eu queria propor a mesma vingança.

— Bravo!... iremos juntos: onde mora a sua?...

— Na rua de...

— Ainda melhor: a minha é na mesma rua.

Saimos da Igreja; abraçamos-nos, e fomos: a minha amada morava perto: eu a avistei debruçada na janella, talvez me esperando; pois olhava para o lado donde eu vinha: abri a boca para dizer ao meo novo amigo—é aquella—; quando elle me pronunciou com indizivel prazer—é aquella!— Julgue minha Senhora da minha exasperação! pela terceira vez eu era a boncca de uma menina!...

Não sei porque ainda tive animo de tirar o meo chapéo a tal—pallida—, que ao menos dessa vez se fez côr de roza talvez por ver-me de braço com o meo novo amigo.

Passando a maldita caza, Jorge, que assim se chamava o moço, dice-me com fogo:

— Aquella joven adora-me!

— Está certo disso, meo amigo?..

— Tenho provas.

— Acredita muito nellas?

—Tenho as mais fortes : por ultimo recebi ainda a de maior confiança; eu lhe conto. Um estudante a requestou, e escreveo-lhe; ella mandou-me a cartá, e eu respondi em seo lugar : a correspondencia tem continuado por minha vontade, e sou eu quem sempre faço a norma das cartas, que ella deve escrever: achará isto imprudencia, e eu acho um bello divertimento.

— Sim... um bello divertimento...

— Mas que é isto, está tam pallido?...

— Não é coiza de cuidado.... eu.... ora.... o estudante....

— É por' certo um famozo pateta...

— Não é bom ir tam longe...

— Não tem duvida... é tollo rematado.

— Falle-me a verdade: eu acho aquella moça com cara de ser sua prima.

— Quem lhe dice?... é com effeito minha prima.

— Pois vamos a minha caza.

— E a sua amada?...

— Não me falle mais nella.

Apenas chegamos a minha caza; abri a minha gaveta, e tirando della todas as cartas, que Jorge havia escripto a sua prima, e que ella me tinha mandado assim como as normas que eu redigira para as que deverião ser enviadas ao priminho, as entreguei ao meo amigo accrescentando.

— Concordemos ambos; que, se o estudante foi um famozo pateta, e um tollo rematado, não o foi menos o primo d'aquella Sra., a quem cortejamos na rua de...

Jorge devorou todas as cartas, e normas, que lhe dei, depois de zotou a rir, e abraçando-me exclamou:

— Concordemos também, charo estudante, que minha prima tem bastante habilidade para se corresponder com meio mundo sem se incommodar com o trabalho da redacção de suas cartas!...

O bom humor de Jorge tornou-me alegre: jantamos juntos, rimos-nos todo o dia, e só de noite se retirou.

Tratei de dormir; mas antes de adormecer fallei ainda comigo mesmo: — Juro, que não eide amar a moça nenhuma de côr pallida.

Desde então declarei guerra ao amor, minha Sra.; tornei-me ao que era d'antes: isto é occupei-me somente em me lembrar de minha mulher, e em beijar o meo breve.

Mas eu andava triste e abatido; e as vezes pensava assim: « Ora pois: jurei não amar a moça nenhuma, que fosse morena, corada, ou pallida: estas são as côres, estes são os typos da belleza... e portanto minha mulher terá apezar meo uma das taes côres, logo não me cazo com minha mulher e em ultima concluzão serei sempre celibatario ... vou ser frade ... frade!...

Minha tristeza, meo abatimento deo nos olhos da digna, jovial, e espirituoza espoza de um de meos bons amigos: ella me pedio, que lhe confiasse minhas pennas, e eu não pude deixar de relatar estes trez factos a consorte de um charo amigo.

A unica consolação, que obtive, foi vêl-a correr

para o piano, e ouvil-a cantar as seguintes e outras quadrinhas muzicadas no gosto nacional.

I.

Menina solteira
Que almeja cazar.
Não caia em amar
A homem algum.
Nem seja notavel
Por sua esquivança
Não tire a esperança
De amante nenhum.

II.

Mereção-lhe todos
Olhares ardentes,
Suspiros ferventes
Bem pode soltar.
Não negue a nenhum
Protestos de amor,
A qualquer que for
O pode jurar.

III.

Os velhos não devem
Formar excepção,
Por quanto elles são
Um grande partido;
Qu' em falta de moço
Que fortuna faça,
Nunca foi desgraça
Um velho marido.

IV.

Ciumes, e zelos,
Amor, e ternura
Não será loucura
Fingida estudar;
Assim ganhar tudo
Moças se tem visto;
Serve muito isto
Antes de cazar.

V.

Contra os ardilozos
Opponha seo brio;
Tenha sangue frio
P'ra saber fugir;
Em todos os cazos
Sempre deve estar
Prompta p'ra chorar,
Prompta para rir.

VI.

Pode berri a moça
Assim praticando
Dos homens zombando
A vida passar;
Mas, se apparecer
Algum toleirão,
Sem mais reflexão
É logo cazar.

— Então o negocio é assim, minha Sra.? exclamei eu ao vel-a levantar-se do piano.

— Certamente, me respondeo ella, é este, pouco mais ou menos, o breviario por onde reza a totalidade das moças.

— Fico-lhe extremamente agradecido pelo dezen-gano.

— Estimo que lhe sirva de muito.

— Já serve, minha Sra., já tirei grande proveito delle.

— E como?...

— Escute: abatido, e dezesperado com os meos infortunios eu tinha jurado não amar a mais nenhuma moça, que fosse morena, corada, ou pallida: estavam pois esgotados os bellos typos... eu deveria morrer celibatario.

— E agora?...

— Agora?... graças ao seo lundû, juro, que de hoje avante amarei a todas ellas... morenas, coradas... pallidas... magras, e gordas, cortezãs, ou roceiras... feias ou bonitas... tudo serve...

E com effeito, minha Sra., continuou Augusto dirigindo-se à Sra. D. Anna, fiz-me absolutamente um ser novò, graças ao lundû; guardando, e beijando com desvelo o meo querido breve, que sempre comigo trago, eu conservo a lembrança mais terna, e constante de minha travêssa, bella, e amada mulher: ella é o amor de meo coração, em quanto todas as outras são o divertimento de meos olhos, e o passa-tempo de minha vida.

Eis finalmente a historia de meos amores : taes forão as razões , que me tornarão — borboleta de amor. —

Terminando assim , Augusto ía respirar um instante , quando pela segunda vez lhe pareceo ouvir ruido na porta do gruta.

— Alguem nos escuta : dice elle como da outra vez.

— É talvez uma nova illuzão ... respondeo a digna hospeda.

— Não minha Sra. , eu ouvi distinctamente a bu-llha de uma pessoa , que corre ; tornou Augusto dirigindo-se a entrada da gruta , e observando ao derredor della.

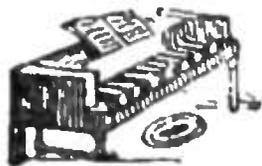
— Então?... perguntou a Sra. D. Anna.

— Enganei-me na verdade.

— Mas vê alguem?...

— Apenas lá vejo sua bella netta a Sra. D. Carolina , que se precipita com a maior graça do mundo sobre uma borboleta , que lhe voa , e que ella procura prender.

— Uma borboleta!....



IX.

A Senhora D. Anna com suas historias.

Finalmente o bom do estudante, que quando lhe dava para fallar, era mais diffuso que alguns de nossos deputados novos na discussão do artigo 1.º dos orçamentos, julgou dever fazer pausa de suspensão; mas a Senhora dona Anna, que já tinha-o por vezes interrompido fora de tempo, e debalde, não quiz tomar a palavra para responder, sem segurar-se dirigindo-lhe estas palavras pela ordem :

— Então concluo, Senhor Augusto?...

— Sim, minha Senhora, e peço-lhe perdão por me haver tornado incommodo, pois fui sem duvida tam minucioso em minha narração, que eu mesmo tanto me fatiguei, que vou beber uma gotta d'agoa.

E isto dizendo foi ao fundo da gruta, e enchendo o copo de prata na bacia de pedra, o esgotou até o fim:

quando voltou os olhos, vio que a boa hospeda estava sorrindo-se maliciosamente.

— Sabe de que me estou rindo?.. dice ella.

— Certamente que não o adevinho.

— Pois estava neste momento lembrando-me de uma tradição muito antiga, seguramente fabuloza, mas bem apropozitada dessa fonte, e que tem muita relação com a historia de seos amores, e o copo d'agoa, que acaba de beber.

— V. S. põe em tributo a minha curiozidade.....

— Eu a satisfaço com todo o prazer.

A Senhora dona Anna principiou.

As lagrimas de amor.

Eu lhe vou contar a historia das lagrimas de amor, tal qual ouvi de minha avó que em pequena a aprendeo de um velho gentio, que nesta ilha habitava.

Era no tempo, em que ainda os Portuguezes não havião sido por uma tempestade empurrados para a terra da Sancta Cruz: esta pequena ilha abundava de boas aves, e em derredor pescava-se excellente peixe. Uma joven Tamoya, cujo rosto moreno parecia tostado pelo fogo, em que ardia-lhe o coração, uma joven Tamoya linda, e sensivel, tinha por habitação esta rude gruta, onde ainda então não se via a fonte, que hoje vemos: ora ella que até aos quinze annos era innocente como a flor, e porisso alegre e folgazona, como uma cabritinha nova: começou a fazer-se timi-

da, e depois triste, como o gemido da rola; a cauza estava no agradavel parecer de um mancebo da sua tribu, que diariamente vinha caçar ou pescar na ilha e vinte vezes já o havia feito sem que uma só desse fé dos olhares ardentes, que lhe dardejava a moça: o nome delle era Aoitin—o nome della era Ahy—. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava as aves, que elle matava, ora lhe buscava as flexas disparadas, e nunca um só signal de reconhecimento obtinha: quando no fim de seos trabalhos Aoitin ia adormecer na gruta, ella entrava de manso, e com um ramo de palmeira procurava, movendo o ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido; mas tantos extremos erão tam mal pagos, que Ahy de cansada procurou fugir do insensivel moço, e fazer por esquecer-o; porem, como era de esperar, nem fugio-lhe, nem o esqueceo.

Desde então tomou outro partido: chorou. Ou porque sua dor era tam grande, que lhe podia espremer o amor em lagrimas desde o coração até os olhos; ou porque, selvagem mesma, ella já tinha comprehendido, que a grande arma da mulher está no pranto, Ahy chorou.

E porque tambem nas lagrimas de amor ha, como na saudade, uma doce amargura, que é veneno, que não mata por vir sempre temperado com o reactivo da esperanza, a moça julgou dever separar da dor, que a fazia chorar amargores, a esperanza, que no pranto lhe addicionava a doçura, e tendo de exprimir a doçura, Ahy cantou.

Seo canto era triste e selvagem; mas era terno canto: dizem que um velho Frade Portuguez ouvindo-o por tradição ao depois de muitos annos, o traduzio para nossa lingua, e fez delle uma balada, a qual minha netta canta.

Todos os dias ao romper d'aurora a pobre Ahy subia ao rochedo, que serve de tecto a esta gruta, e esperava a piroga de Aoitin; mal a avistava ao longe chorava, e cantava horas inteiras sem descanso até que se partia o barbaro, que nunca della dava fé; nem mesmo quando dormindo na gruta o canto lhe soava sobre a cabeça.

Mas Ahy era tam formozza, e sua voz tão sonora e terna, que o mesmo que não pode vencer do insensivel moço, pode do bruto rochedo: com effeito seo canto havia amollecido a rocha, e suas lagrimas a traspassarão.

E o mancebo vinha sempre, e sempre ella cantava, e chorava, e nunca elle a attendia.

Uma vez, e já então o rochedo estava de todo traspassado pelas lagrimas da virgem selvagem; uma vez veio Aoitin, e como das outras não olhou para Ahy, nem lhe escutou as sentidas cantigas; entregou-se a seos prazeres, e quando se sentio fatigado entrou na gruta, e adormeceo n'um leito de verde relva; mas ao tempo, que em mais socego dormia, duas gottas das lagrimas de amor, que tinham passado atravez do rochedo, cahirão-lhe sobre as palpebras, que lhe cerravão os olhos: Aoitin despertou, e tomando suas flexas correu para o mar; mas saltando dentro de sua piro-

ga, e affastando-se da ilha, elle vio sobre o rochedo a joven Ahy, e dice bem alto:

— Linda moça !

No outro dia elle voltou, e já então olhou para a virgem selvagem; mas não ouviu ainda o canto della: depois de caçar veio, como sempre adormecer na gruta: e dessa vez a gotta de lagrimas lhe veio cair no ouvido; e na volta não só admirou a belleza da joven, como ouvindo a terna cantiga dice bem alto :

— Voz sonora !

Terceiro dia amanheceo, e Aoitin vio, e ouviu Ahy, caçou, e cançou; veio repoizar na gruta, e dessa vez a gotta de lagrimas lhe cahio no lugar do coração, e quando voltava, dice bem alto:

— Sinto amar-te !

Ora parece, que nada mais faltava a Ahy, e que a ella cumpria responder a este ultimo grito de Aoitin confessando tambem o seu amor tam antigo; mas a natureza da mulher é a mesma tanto na selvagem, como na civilizada: a mulher dezeja ser amada, fingindo não amar; dezeja ser senhora do mesmo, de quem é escrava; e pois Ahy nada respondeo; mas rio-se, e suas lagrimas seccarão; porem já a esse tempo as muitas que havia derramado tinham dado origem a esta fonte, que ainda hoje existe.

No dia seguinte veio Aoitin, e vio a sua amada, que já não cantava, nem chorava: mesmo antes de abicar a praia foi clamando:

— Sinto amar-te !

E Ahy não respondeo; e só sorrio-se.

Nada de caça... nada de pesca... já o insensível era escravo, e não vivia longe do encanto, que o prendia; correu pois para a gruta, deitou-se; mas não dormio; quem ama, não dorme: sentio, que em suas veias corria sangue ardente, que seo coração estava em fogo:—era a febre do amor... Aoitin teve sede... a dous passos vio a fonte, que manava, correu açodado para ao pé della, e ajuntando suas duas mãos foi bebendo as lagrimas de amor. A cada trago, que bebia, um raio de esperança lhe brilhava; quando a sede foi saciada, já estava feliz; a fonte era milagroza.

As lagrimas de amor, que havião tido o poder de tornar amante o insensível mancebo não puderão esconder a sua origem, e fizeram, com que Aoitin conhecesse, que era amado.

Então elle não mais buscou sua piroga; saindo da gruta fez um rodeio, e foi de manso trepando pelo rochedo até chegar junto de Ahy, que com os olhos na praia do lado opposto esperava ver partir o seo amante, e ouvir seo bello grito:

—Sinto amar-te!

Mas de repente ella estremeceo, porque suâ mão estava sobre seo ombro, e quando olhou vio Aoitin, que sorrindo-se lhe dice de um tom seguro e terno:

—Tu me amas.

Ahy não respondeo; mas tambem não fugio dos braços de Aoitin; nem ficou devendo o beijo, que nesse instante lhe estalou na face.

Desde então forão felizes ambos na vida, e foi n'uma mesma hora que morrerão ambos.

A fonte nunca mais deixou de existir, e ha ainda quem acredite, que por desconhecido encanto conserva duas grandes virtudes.

Dizem pois, que quem bebe desta agoa, não sáe da nossa ilha sem amar alguém della, e volta por força em demanda do objecto amado; e em segundo lugar querem tambem alguns, que algumas gottas bastão para fazer a quem as bebe adivinhar os segredos de amor.

— Terminêi aqui a minha historia dice a Sra. D. Anna respirandô.

— E eu sou capaz de jurar, dice Augusto, que pela terceira vez sinto o ruido de alguém, que se retira correndo.

— Pois examine depressa.

Augusto correo a porta, e voltou logo depois.

— E então?... perguntou a Sra. D. Anna.

— Ninguém respondeo o estudante.

— E vê alguém no jardim?...

— Apenas a Sra. D. Carolina, que vai apressadamente subindo pelo rochedo.

— Sempre minha netta!...

— E eu, minha Sra., tenho que pedir-lhe uma graça.

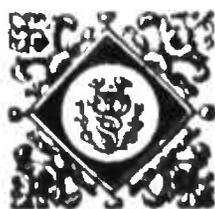
— Diga.

— Rogo-lhe, que por sua intervenção me facilite o prazer de ouvir sua linda netta cantar a balada de Ahy, que tanto me interessou com seo amor.

— Oh !... não carece pedir ... não a ouve cantar
sobre o rochedo?... é a balada.

— Será possível?!

— Adivinhou o seo pensamento.



X.

A balada no rochedo.

A hospeda , e o estudante deixarão então a gruta, e tomando campo no jardim para vencer a altura do rochedo, virão a bella Moreninha em pé , e voltada para o mar . com seos cabellos negros divididos em duas tranças que caião pelas espaduas, e cantando com terna voz o seguinte :

I.

Eu tenho quinze annos ,
E sou Morena e linda !
Mas amo , e não me amão ,
E tenho amor ainda.
E por tam triste amar
Aqui venho chorar.

II.

O rizo de meos labios
 A muito , que murchou ;
 Aquelle , que eu adoro ,
 Ah ! foi quem o matou.
 Ao rizo , que morreo ,
 O pranto succedco.

III.

O fogo de meos olhos
 De todo se acabou ;
 Aquelle , que eu adoro ,
 Foi quem o apagou.
 Onde ouve fogo tanto
 Agora corre o pranto.

IV.

A face cor de jambo
 Emfim se descorou ;
 Aquelle , que eu adoro ,
 Ah ! foi que a desbotou.
 A face tam rozada
 De pranto está lavada !

V.

O coração tam puro
 Já sabe , o que é amor ;
 Aquelle , que eu adoro ,
 Ah ! só me dá rigor.
 O coração no entanto
 Desfaz o amor em pranto.

VI.

Diurno aqui se mostra
 Aquelle, que eu adoro;
 E nunca elle me vê,
 E sempre o vejo, e choro.
 Por paga a tal paixão
 Só lagrimas me dão!

VII.

Aquelle, que eu adoro
 É qual rio, que corre
 Sem ver a flor pendente,
 Que a margem murcha, e morre.
 Eu sou a pobre flor,
 Que vou murchar de amor.

VIII.

São horas de raiar
 O Sol dos olhos meos;
 Máo Sol; queima a florsinha,
 Que adora os raios seos;
 Tempo é do Sol raiar -
 E é tempo de chorar.

IX.

Lá vem sua piroga
 Cortando leve os mares;
 Lá vem uma esperança,
 Que sempre dá pezares.
 Lá vem o meo eucanto,
 Que sempre cauza pranto.

X.

Emfim abica a praia,
 Emfim salta apressado,
 Garboso como o Cervo,
 Que salva alto vallado.
 Quando hade ella cá vir
 Só p'ra me ver sorrir?...

XI.

Lá corre em busca d'aves
 A selva, que lhe é chara,
 Ligeiro, como a setta,
 Que d'arco seo dispára.
 Quando hade elle correr
 Somente p'ra me ver?...

XII.

Lá vem do feliz bosque
 Cançado de caçar;
 Qual beija-flor, que cança
 De mil flores beijar.
 Quando hade elle cançado
 Descançar a meo lado?...

XIII.

Lá entra' para a gruta,
 E cahe na rude cama;
 Qual flor de bellas cores,
 Que cahe do pé na gramma.
 Quando hade nesse leito
 Dormir junto a meo peito?...

XIV.

Lá subito desperta
 E na piroga embarca,
 Qual Sol, que se occultando
 O fim do dia marca.
 Quando eide este Sol ver
 Não mais desaparecer?...

XV.

Lá vôa na piroga,
 Que o rasto deixa aos mares;
 Qual sonho, que se esvae,
 E deixa após pezares.
 Quando hade elle cá vir
 P'ra nunca mais fugir?...

XVI.

Oh barbaro! tu partes,
 E nem se quer me olhaste?...
 Amor tam delicado
 Em outra já achaste?...
 Oh barbaro! responde,
 Amor como este aonde?...

XVII.

Somente p'ra teos beijos
 Te guardo a boca pura;
 Em que labios tu podes
 Achar maior doçura?...
 Meos labios murchareis,
 Seos beijos não tereis.

XVIII.

Meo collo alevantado,
 Não valem teos abraços?...
 Que collo ha mais formozo,
 Mais digno de teos braços?...
 Ingrato! morrerrei...
 E não te abraçarci.

XIX.

Mcos seios entonados
 Não podem ter valia?...
 Desprezas as delicias,
 Que nelles te off'recia?
 Pois hãode os seios puros
 Murcharem prematuros.

XX.

Não sabes, que me chamão
 A bella do dezerto?...
 Empurras para longe
 O bem, que te está perto?...
 Só pagas com rigor
 As lagrimas de amor?...

XXI.

Ingrato! ingrato! foje...
 E aqui não tornes mais,
 Que sempre, que tornares,
 Terás de ouvir meos ais;
 E ouvir queixas de amor
 E ver pranto de dor!...

XXII.

E se amanhã vieres ,
Em pé na rocha dura
Starei contando aos ares
A mal pága ternura...
Cantando me ouvirás,
Chorando me acharás !...



XI.

Travessuras de Dona Carolina.

Mas ella não pára: o movimento é a sua vida: esteve no jardim; em toda a parte; cantou de sobre o rochedo; e eis-a outra vez no jardim! infatigavel; apenas suas faces se corarão com o rubor da agitação: travessa menina!... porem ella tempera todas as travessuras com tanta viveza, graça, e espirito, que menos valera, se não fizera o que faz. Não ha um só entre todos, de cuja alma se não tenham esvaído as idéas desfavoraveis, que a primeira vista produzio o genio inquieto de D. Carolina. O mesmo Augusto não pôde resistir a vivacidade da menina. Encontrando Leopoldo, dicerão duas palavras sobre ella.

— Então, como a achas agora!... dice Leopoldo apontando para a irmã de Felippe.

-- Interessante, espirituosa, e capaz de levar a glo-

ria o mais destro cassuista. Olha: Fabricio vê-se doido com ella.

— Só isso?...

— Acho-a bonita.

— Nada mais?...

— Tem voz muito agradável.

— É tudo, o que pensas?...

— Tem a boca mais engraçada, que se póde imaginar.

— Só?...

— Muito esbelta.

— Que mais?...

— É tam ligeira, como um juramento de mulher.

— Dize tudo de uma vez.

— Pois que queres mais, que eu diga?

— Que a amas; que dás o cavaco por ella.

— Amal-a?! não faltava mais nada: amo-a, como amo as outras... isso sim.

— Pois, meo amigo, todos nós estamos derrotados: o diabinho da menina nos tem posto o coração em retalhos: se de novo se fizer a saude, que hoje fizemos, todos, a excepção de Felippe, pronunciarão a letra C....

— Tambem Fabricio?

— Ora! esse está doente... perdido... doido emfim!

— E ella?...

— Zomba de todos nós; cada cumprimento, que lhe endereçamos, paga ella com uma resposta, que não tem troco, e que nos racha de meio a meio. Tu ainda lhe não diceste nada?...

— Coizas vaãs... e palavras da tarifa.
 — E ella?...
 — Palavras da tarifa... e coizas vaãs.
 — Pois é opinião geral, que ella te prefere a todos nós.

— Tanto melhor para mim.

— E peor para ella: mas... adeos! o meo lindo par se levanta do banco de relva, em que descansava; vou tomar-lhe o braço: tenho-me singularmente divertido: a bella Sra. é philosopha... faz idéa!... já lêo—Mary de Wollstonecraft—; e como esta defende— os direitos das mulheres— : agastou-se comigo; porque lhe pedi uma commenda, para quando fosse — Ministra de Estado — e a patente de Cirurgião de exercito, no cazo de chegar ella a ser General; mas enfim fez as pazes; pois lhe prometti, que apenas me formasse, trabalharia para encartar-me na Assembléa Provincial, e lá em lugar das maçadas de pontes, estradas, e canaes promoveria a discussão de uma mensagem ao governo geral em prol dos taes direitos das mulheres; alem de que.... mas... tu bem ves, que ella me está chamando: adeos... adeos...

No entanto D. Carolina continuava a captivar todos os olhares, e atenções: Tinhão notado, é verdade, que ella estivera alguns momentos, recostada a effigie da esperanza, triste, e pensativa; Fabricio jurava mesmo, que a vira enxugar uma lagrima; mas logo depois desapareceo completamente a menor apparencia de tristura; tornou a brilhar— o prazer em ebulição—

Todos tinham tido seo quinhão maior ou menor, segundo os merecimentos de cada um, nas graças maliciosas da menina. Ninguém havia escapado: Fabricio era a victima predilecta; porque tambem foi elle o unico, que se atreveo, a travar luta com ella.

Finalmente D. Carolina acabava de entrar outra vez no jardim depois de ter cantado sua balada. De todos os lados soavão-lhe os parabens; mas ella escapou a elles correndo para junto de uma rozeira toda coroadada por suas bellas, e rubras flores.

Fabricio, que ainda não estava sufficientemente castigado, e que alem disso começava a gostar seo — tantum — da Moreninha, se dirigio com D. Joanninha para o lado, em que ella se achava.

— É decididamente, o que eu pensava, dice Fabricio, quando se vio ao pé de D. Carolina, e dirigindo-se a D. Joanninha; sim... sua bella prima ama as rozas exclusivamente.

— Conforme as occaziões, e circumstancias, respondeo a menina.

— Poderia eu merecer a honra de uma explicação? perguntou Fabricio.

— Com toda justiça, e, continuou D. Carolina rindo-se, tanto mais que foi a V. S., que me dirigi.... Eu queria dizer, que entre um beijo de frade, ou um cravo de defunto, e uma roza, não hezito em preferir a ultima.

Fabricio fingio não entender a allusão, e continuou:

— Todavia não é sempre bem pensada semelhante

te preferencia: a roza é como a belleza; encanta, mas espinha: V. S. o sabe: não é assim ?

— Perfeitamente; mas tambem não ignoro, que a roza só espinha, quando se deffende de alguma mão impertinente, que vem perturbar a paz, de que goza: V. S. o sabe: não é assim?...

— Oh! então a Sra. D. Carolina foi bem imprudente em quebrar esta roza, com que brinca, expondo assim seus delicados dedos; e bem cruel tambem em fazel-a murchar d'inveja tendo-a defronte de seo formoso semblante.

— Pela minha vida, meo charo Sr. ! nunca vi pedir uma roza com tanta graça: quer servir-se della?...

— Seria a mais appetecivel gloria...

— Pois aqui a tem.. querida prima nada de ciumes.

E Fabricio recebendo o bello presente, em vez de olhar para a mão, que o dava, attentava em extaze o rosto moreno, e o sorrir malicioso de D. Carolina. Ao momento de se encontrar a mão que dava, e a que recebia, Fabricio sentio, que lhe apertavão os dedos: seo primeiro pensamento foi crer, que — era amado — ; mas logo se lhe apagou esse raio de vaidade; pois que elle retirou vivamente a mão, exclamando involuntariamente:

— Ai! feri-me !...

Era, que a travessa lhe havia apertado os dedos contra os espinhos da roza; mas a flor tinha cahido na relva; Fabricio já menos desconcertado a levantou com presteza, e encarando a irmã de Felippe, disse-lhe em tom meio vingativo:

— Foi um combate sanguinolento; mas ganhei o premio da victoria.

— Pois ferio-se?... perguntou D. Carolina chegando-se com fingido cuidado para elle.

— Nada foi, minha Sra: comprei uma roza por algumas gottas de sangue... valeo a pena.

— Maldicta roza! exclamou a Moreninha theatralmente; maldicta roza! eu te amaldiço-o!..

E dando um piparote na innocente flor, a desfolhou completamente: não ficou na mão de Fabricio, mais, que o verde calix. D. Carolina correo para junto de sua digna avó: o pobre estudante ficou desconcertado.

— E esta! murmurou elle emfim.

— Foi muito bem feito: dice D. Joanninha cheia de zelos e dando-lhe um beliscão, que o fez ir as nuvens.

— Perdão, minha Sra.... seja pelo amor de Deos! exclamou Fabricio, que se via batido por todos os lados.

No entanto começava a declinar a tarde: uma voz reunio todas as Sras., e Srs. em um só ponto: servia-se o caffè n'um bello caramanchão; mas como fosse elle pouco espaçoso para conter tam numerosa sociedade, ahi só se abrigarão as Sras.; emquanto os homens se conservavão da parte de fóra.

Escravas decentemente vestidas offerecião chavanas de caffè fóra do caramanchão, e apezar disso D. Carolina se dirigio com uma para Fabricio, que praticava com Augusto.

— Eu quero fazer as pazes, Sr. Fabricio, vejo, que deve estar muito agastado comigo, e venho trazer-lhe uma chavana de caffè temperado pela minha mão.

Fabricio recuou um passo, e collocou-se a illharga de Augusto: elle desconfiava das tenções da menina: sua primeira idéa foi esta—o caffè não tem assucar—.

Então começou entre os dous um duello de ceremonias, que durou alguns instantes; finalmente o homem teve de ceder a mulher: Fabricio ia receber a chavana, quando esta estremecco no pires... D. Carolina temendo, que sobre ella se entornasse o caffè recuou um pouco... Fabricio fez outro tanto: a chavana ainda mal tomada tombou, o caffè derramou-se inopinadamente; Fabricio recuou ainda mais com vivacidade; mas encontrando a raiz de um chorão, que sombreava o caramanchão, perdeu o equilibrio, e cahio redondamente na relva.

Uma gargalhada geral applaudio o successo.

— Fabricio espichou-se completamente!... exclamou Felipe.

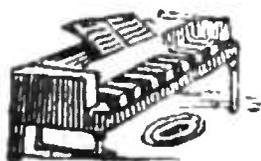
O pobre estudante ergueo-se com ligeireza; mas na verdade corrido, do que acabava de sobrevir-lhe: as rizadas continuavão, as terriveis consolações o atormentavão, todas as Sras. tinham sahido do caramanchão, e rião-se por sua vez desapiedadamente: Fabricio daria muito para se livrar dos apuros, em que se achava; quando de repente soltou tambem a sua rizada, e exclamou:

— Vivão as calças de Augusto '!!'

Todos olharão :

Com effeito Fabricio tinha encontrado um compa-
nheiro na desgraça: Augusto estava de calças brancas,
e a maior porção do caffè entornado nellas havia ca-
hido.

Continuarão as rizadas: redobrarão os motejos.
Duas erão as victimas.



XII.

Meia hora embaixo da cama.

Não tardou, que Felippe como bom amigo e hospede viesse em auxilio de Augusto. Em verdade que era impossivel passar o resto da tarde e a noite inteira com aquella calça manchada pelo caffè : e por tanto os dous estudantes voárão a caza. Augusto entrando no gabinete destinado aos homens, ia tratar de despir-se , quando foi por Felippe interrompido.

— Augusto , uma idea feliz ! vai vestir-te no gabinete das moças.

-- Mas que especie de felicidade achas tu nisso ?

— Ora ! pois tu deixas passar uma tam bella occasião de te mirares no mesmo espelho , em que se ellas mirão !... de te aproveitares das mil commodidades , e das mil superfluidades , que formigão no toucador de uma moça ?.. vai... sou eu que t'ó digo:

ali acharás banhas e pomadas naturaes de todos os paizes , oleos aromaticos essencias de formozura, e de todas as qualidades , agoas cheirosas , pos vermelhos para as faces e para os labios , baeta fina para esfregar o rosto e enrubescer as pallidas , escovas, e escovinhas, flores murxas e outras viçozas ...

— Basta , basta ; eu vou ; mas lembra-te , que és tu , quem me fazes ir , e que o meo coração adivinha.,...

— Anda , que o teo coração sempre foi um pedaço d'asno.

E isto dizendo Felippe empurrou Augusto para o gabinete das moças e se foi ajuntar ao rauchodellas.

Ai do pobre Augusto !.... mal tinha acabado de tirar a calça e a camisa que tambem se achaya manchada, sentio rumor, que fazião algumas pessoas, que entravão na sala.

Augusto conheceo logo que erão moças ; porque estes anjinhos , quando se ajuntão, fazem conversando matizada tal, que a um quarto de legoa se deixão adivinhar ; se é sedição e mesmo insolito comparál-os a um bando de lindas maitacas não ha remedio senão dizer que muito se assemelhão a uma orchestra de peritos instrumentistas na hora da afinação.

Ora o nosso estudante estava por sua esdruxula figura incapaz de apparecer a pessoa alguma : em ceroulas, e nu da cintura para cima , faria recuar de espanto , horror vergonha , e não sei que mais ao

bello povinho que acabava de entrar em caza e que certamente, se assim o encontrasse, teria de cobrir o rosto com as mãos; e por tanto o pobre rapaz seguiu o primeiro pensamento que lhe veio á mente: ajuntou toda a sua roupa enrolou-a, e com ella embaixo do braço escondeo-se atraz de uma linda cama, que se achava no fundo do gabinete, cuidando . que cedo se veria livre de tam intempestiva visita; mas ainda outra vez pobre estudante !..... teve logo de agachar-se, e espremer-se para baixo da cama; pois quatro moças entrarão no quarto.

E erão ellas D. Joanninha D. Quinquina D. Clementina, e uma outra por nome Gabriella muito adocicada . muito espartilhada . muito estufada e que seria tudo quanto tivesse vontade de ser, menos o que já acreditava que era isto é — bonita.

Depois que todas quatro se mirarão, e computarão cabellos, enfeites, e mil outros objectos, que estavam todos muito em ordem, mas que as mãosinhas destas quatro — *demoiselles* — não puderão resistir ao prazer muito habitual nas moças, de desarranjar para outra vez arranjar; forão por mal dos peccados de Augusto sentar-se da maneira seguinte: D. Clementina e D. Joanninha na cama, em baixo da qual elle estava: D. Quinquina de um lado em uma cadeira e D. Gabriella exactamente defronte do espelho do qual não tirava os olhos, em outra cadeira; que apesar de ser de braços e larga, pequena era para lhe caber sem incommodo toda a collecção de saias, saietes, vestidos de baixo, e enorme variedade de enchi-

mentos, que lhe fazião de supplemento a natureza, que com D. Gabriella, segundo suas proprias camaradas, tinha sido um pouco mesquinha a certos respeitos.

Depois de respirar um momento as meninas julgando-se sós, começárão a conversar livremente, em quanto Augusto com sua roupa em baixo do braço, coberto de teas de aranha, e suando suores frios, comprimia a respiração e conservava-se mudo e quedo medroso, de que o mais pequeno ruido o pudesse descobrir: para seo mór infortunio a barra da cama era incompleta, e havião seguramente dous palmos e meio de altura descobertos, por onde, se alguma das moças olhasse, seria elle impreterivelmente visto. A posição do estudante era penosa certamente; por ultimo saltou-lhe uma pulga a ponta do nariz, e por mais que o infeliz a soprasse a teimosa continuou a chuchál-o com a mais descarada impunidade.

— Antes mil vezes cinco sabatinas seguidas em tempo de barracas no campo!.. dizia elle consigo.

Mas as moças fallão já a cinco minutos: façamos por colher algumas bellezas, o que é na verdade um pouco difficil; pois segundo o antigo costume fallão todas quatro ao mesmo tempo. Todavia alguma coisa se aproveitará.

— Que calor!... exclamou dona Gabriella affectando no abanar de seo leque todo o donaire de uma Hespanhola; oh! não parece, que estamos no mez de Julho; mas, por minha vida, vale bem o incommodo,

que soffremos, o regalo, que tem tido nossos olhos.

— Bravo, dona Gabriella... então seos olhos...

— Tem visto muita coiza boa: olhe... não é por fallar; mas por exemplo ha objecto mais interessante do que dona Luiza mostrar-se gorda... esbelta... bem feita...

— É verdade! é verdade! bradarão as trez.

— E nós que a conhecemos! dice dona Clementina; fóra é, o que se vê; e em caza tão escorridinha... óra, nem se sabe, onde lhe fica a cintura.

— É um sacco!

— E como é feia!...

— É horrenda!...

— É um bixo!...

— E não vimos a filha do Cappitam com sua dentadura postica?... agora não faz, se não rir!...

— Coitadinha! aperta tanto os olhos!...

— Se ella pudesse arrranjar tambem um postigo para o queixo!

— Ora dona Clementina não me obrigue a rir!...

— Dona Joanninha, você reparou no vestido de chalim de dona Carlota?... quanto a mim está absolutamente fóra da moda!

— Ainda que estivesse na moda, não ha nada, que nella assente bem.

— Ora... é um páo vestido!... tem uma testa maior que a rampa do largo do Paço.

— Um nariz com tal cavallette, que parece o morro do corcovado!..

— E a boca? ah! ah! ah!

— Parece, que anda sempre pedindo boquinhas!

— E que lingua, que ella tem!

— É uma vibora!

— Eu não sei, porque as outras não hão de ser, como nós, que não dizemos mal de nenhuma dellas.

— É verdade; porque, se eu quizesse fallar...

— Diga sempre, D. Quinquina.

— Não... não quero. Mas passando a outra coiza...

D. Jozephina applaude com razão a moda dos vestidos compridos.

— Porque?...

— Ora.. porque tem pernas de caniço de sacristão.

— Pernas finas tambem é moda prezentemente.

— Deos me livre!... acudio D. Clementina, pelo menos para mim nunca hade ser; pois não posso emendar a natureza, que me deo pernas grossas.

— Não lhe fico atraz, juro-lhe eu; exclamou D. Quinquina.

— Nem eu! nem eu! dicerão as outras duas.

— Isso é bom de se dizer, tornou a primeira; mas felizmente podemos tirar as duvidas.

— Como?...

— Facilmente: vamos medir nossas pernas.

Ouvindo tal proposição o nosso estudante apezar de se ver em apuros em baixo da cama, arregalou os olhos de maneira, que lhe parecia querer saltar das orbitas; porem D. Gabriella, que não parecia contar muito comsigo, e que só por honra da firma dicera o seo---nem eu!---. veio deixal-o com agoa na boca.

— Havia de ser engraçado! dice ella, arregaçar-mos aqui nossos vestidos.

— Que tinha isso?... acudio D. Quinquina, não somos todas moças?... dir-se-ia, que não temos dormido juntas.

— É verdade; acrescentou D. Clementina, e além de que não se veria demais, senão quatro ou cinco saias por baixo do segundo vestido.

— É talvez algum saiote... vamos a isto!

— Não... não... dice por sua vez D. Joanninha.

— Pois por mim não era a duvida, tornou D. Clementina com ar de triumpho, recostando-se molle e voluptuosamente nas almofadas, e deixando escorregar de proposito uma das pernas para fóra do leito até tocar com o pé no chão, de modo que ficou a mostra até o joelho

— Quem me dêra já cazar!!! suspirou ella.

Pobre Augusto!. não te chamarei feliz!... elle vê a um palmo de seos olhos a perna mais bem torneada, que é possível imaginar!. através da finissima meia aprecia uma mistura de cor de leite com a cor de roza, e rematando este interessante painel um pé-sinho, que só se poderia medir a pollegadas, apertado em um sapatinho de setim, e que estava mesmo perdendo um... dez... cem... e mil beijos; mas, quem o pensaria?... não forão beijos, o que dezejou o estudante outorgar a aquelle precioso objecto; veio-lhe ao pensamento o prazer, que sentiria dando-lhe uma dentada... quasi que já se não podia soster... já estava de boca aberta e para saltar...; porem lembran-

do-se da exotica figura em que se via, metteo a roupa, que tinha enrolada, entre os dentes, e apertando-os com força contra ella, procurava illudir sua imaginação.

— Quem me dera já cazar!. repetio D. Clementina.

— Isso é facil, dice D. Gabriella, principalmente, se devemos dar credito, aos que tanto nos perseguem com finezas. Olhem; eu vejo-me doida! mais de vinte me atormentão! querem saber, o que me succedo ultimamente?... eu confesso, que me correspondo com cinco... isto é só para ver. qual dos cinco quer cazar primeiro; pois bem: hontem uma preta, que vende empadas, e que se encarrega das minhas cartas, recebeo da minha mão duas...

— Logo duas?..

— Ora pois; apesar de todas as minhas explicações... a maldicta estava de mona; mesmo dizendo-lhe eu dez vezes « a de lacre azul é do Sr. Joãozinho; e a de verde é do Sr. Juca;» sabem o que fez?... trocou as cartas.

— E o resultado?...

— Eil-o aqui, respondeo D. Gabriella tirando um papel do seio; ao vir embarcar, e quando descia a escada, a tal preta com a destreza precisa entregou-me este escripto do Sr. João-sinho « Ingrata! Ainda tremem minhas mãos pegando no corpo de delicto da tua perfidia! escreves a outro? compareces por tam horrivel crime perante o jury do meo coração, e bem que tenhas nesse tribunal a tua belleza por advogada; o meo ciume, e justo ressentimento, que são os jui-

zes, te condemnão as perpetuas gallés do desprezo, e só te poderás livrar dellas, se appellares dessa sentença para o poder moderador de minha cega paixão.»

— Bravo, D. Gabriella! o Sr. João-sinho é sem duvida estudante de jurisprudencia!

— Não: é Doutor.

— Bem mostra pelo bem que escreve.

— Mas eu sou bem tola! conto tudo que me succede, e ninguem me confia nada!

— Isso é razoavel; dice D. Clementina; nós devemos pagar com gratidão a confiança de D. Gabriella. Eu começo declarando, que estou compromettida com o Sr. Felippe a deixar esta noite embaixo da quarta rozeira da rua do jardim, que vai direita ao caramanchao um embrulho-sinho com uma trança de meos cabellos.

— Que asneira!... porque não lhe entrega, ou não lh'o manda entregar?...

— Ora!... eu tenho muita vergonha... antes quero assim; até parece romantico.

— São caprichos de namorados! fallou D. Quinquina; havia tanto tempo para isso; mas enfim de asneiras é, que amor se alimenta. Querem ver uma dessas?.. o meo predilecto está de lucto, e porisso exige, que eu vá a festa de... com uma fita preta no cabello em signal de sentimento; exige ainda, que eu não valse mais, que eu não tome sorvetes para não constipar, que não dê dominus tecum a moçonenhum, que espirrar ao pé de mim, e que jamais me ria, quando elle estiver serio; e a tudo isso julga elle ter

muito direito por ser tenente da guarda nacional! pois porisso mesmo ando agora de fita branca no cabello, valso todas as vezes, que posso, tomo sorvetes até não poder mais, dou dominus tecum aos moços, mesmo quando elles não espirrão, e não posso ver o Sr. tenente Gusmão serio sem soltar uma gargalhada.

— Olhem lá o diabinho da sonsa !... murmurou consigo mesmo Augusto embaixo da cama.

— E voce, mana, não diz nada?.. perguntou ainda ella a D. Joanninha.

— Eu?.. o que heide dizer?.. respondeu esta; digo, que ainda não amo.

— É a unica, que ama de veras, pensou o estudante, a quem já doião as cadeiras de tanto agachar-se.

— E o Sr. Fabricio?.. e o Sr. Fabricio?.. exclamarão as trez.

— Pois bem; tornou D. Joanninha, é o unico, de quem gostó.

— Mas que temos nós feito hoje nesta ilha?.. que triumphos havemos conseguido?.. vaidade para o lado, moças bonitas, como somos, devemos ter conquistado alguns corações!

— Juro, que estou completamente aturdida com os protestos de eterna paixão do Sr. Leopoldo, dice D. Quinquina; mas é uma verdadeira desgraça ser hoje moda ouvir compaciencia, quanta frivolidade vem a cabeça---não direi a cabeça; porque parece, que os tollos como que não a tem---porém aos labios de um desenxavido namorado. O tal Sr. Leopoldo... não é

graça ; eu ainda não vi estudante mais desestudavel !

— Você, D. Joanninha, acudio D. Clementina, tem-se regalado hoje com o incomparavel Fabricio: não lhe gabo o gosto ... só as perninhas, que elle tem !...

— Ora , respondeo aquella ainda não tive tempo de olhar para as pernas..... mas tambem você parece , que não se arripia muito com a corcova do nariz de meo primo ; confessemos , minha amiga todas nós gostamos de ser conquistadoras.

— Pois confessemos isso é verdade.

— Pela minha parte não digo nada, assobiou D. Gabriella , mirando-se no espelho , mas em fim eu não sei , se sou bonita ; mas onde quer que esteja, vejo-me sempre cercada de adoradores : hoje por exemplo , tenho-me visto doida perseguirão-me constantemente seis..... era impossivel ter tempo de mangar com todos a preceito.

— Mas D. Gabriella , onde está o seu talento?...

— Pois bem, que se ponha outra no meo lugar.

— Alguns homens zombariam de doze de nós outras a um tempo ouve já um, que não teve vergonha de escrever isto em um papel

« N'um dia , n'um' hora

« No mesmo lugar

« Eu gosto de amar

Quarenta ,

Cincoenta

Sessenta

Se mil forem bellas

Amo a todas ellas.

— Que pateta !.....

— Que tollo !....

— Que vaidoso !....

— Essa opinião segue também o Augusto !

— Oh ?... e esse papelão ? !

— Eil-as comigo , murmurou entre dentes o nosso estudante estendendo o pescoço a modo de kágado.

— Como lhe fica mal aquella cabelleira assemelha-se muito a uma preguiça.

— Tem as pernas tortas...

— Eu creio que elle é corcunda.

— Não ; aquillo é magreza.

— Forte impertinente ; fallando, é um Lucas....

— Ha de ser interessante dançando !...

— Vamos nós tomál-o a nossa conta ?...

— Vamos : pensemos nos meios de zombar delle cruelmente....

— Pois pensemos....

Mas ellas não tiveram tempo de pensar , porque nesse momento ouvio-se um grito de dor , ao qual seguio-se viva agitação no interior d'aquella caza, onde inda a pouco só se respirava prazer , e delicias. As quatro moças levantárão-se espantadas.

— Parece-me a voz da minha prima Carolina ! exclamou D. Joanninha.

— Coitada ! que lhe succederia ?...

— Vamos ver.

As quatro moças corrêrão precipitadamente para fóra do quarto. Augusto , que não estava menos assustado , saíu de seo escondrijo , vestio-se apres-

sadamente , e ia por sua vez deixar aquelle lugar - em que se vira em tantos apuros , quando deo com os olhos na carta do Snr. Joãosinho , que com a pressa e agitação havia D. Gabriella deixado cair.

O estudante apanhou e guardou aquelle interessante papel ; e com promptidão e cuidado poude sem ser visto escapar-se do gabinete.

Um instante depois foi cuidadoso procurar saber a cauza do rumor, que ouvira.

O grito de dor tinha sido com effeito soltado por D. Carolina.



ajudasse a requestar aquellas bellezas ; era um amante sem zelos. Por infelicidade de Paula o Allemão a lobrigou ao entrar n'um quarto ; chamou-a , obrigou-a a sentar-se junto delle mostrou por ella o mais vivo interesse , e depois convidou-a a beber a saude de -- sco pay -- sua mãy -- e sua familia.

Não havia remedio, senão corresponder a brindes tão obrigativos. Depois não houve ninguem no mundo , a quem Keblere não julgasse dever com a sua meia lingua dirigir uma saude ; e como já estivesse um pouco impertinente forçava Paula a virar cópos cheios.... passado algum tempo, e muito naturalmente Paula se foi tornando alegre-sinha , e por sua vez desafiava Keblere a fazer novos brindes : em resultado as seis garrafas forão-se. Paula deixou-se ficar sentada , risonha , e immovel junto a meza; enquanto o Allemão rubicundo e reluzente se dirigio para a sala.

Quando d'ali a pouco a ama de D. Carolina quiz levantar-se, pareceo-lhe que estava uma nuvem diante de seos olhos, que os copos dançavão, que havião duas mesas , duas salas, e tudo em dobro : ergueo-se e sentio que as paredes andavão-lhe a roda . que o assoalho abaixava e levantava-se debaixo de seos pés, depois não poudo dar mais , que dous passos..... cambaleou, e acreditando sentar-se n'uma cadeira, cahio com estrondo contra uma porta. Logo confusão e movimento.... Ninguem ouzou pensar que Paula sempre sobria e inimiga -- de espiritos -- se tivesse deixado embriagar ; e por isso correrão

lhe entrou no corpo : venha quanto antes um padre com agoa benta, e seo breviario.

— Ora para que estão com tal azafama?.. dice uma senhora, que acabava de entrar no quarto , não se vê logo que isto não passa de uma mona que a boa da Paula tomou ?... olhem ; até tem o vestido cheio de vinho.

— Mona não Sra. ! acudio D. Carolina ; a minha cara Paula nunca teve tam feio costume ; e se está molhada com vinho , a culpa é desta Sra. que, ha pouco, lhe despejou meia garrafa por cima... oh!.. é bem cruel , que mesmo vendo-se a minha dor, digão semelhantes coizas!...

No meio de toda esta balburdia era de ver-se o zelo e a sollicitude da menina travessa !.. observav a-se aquella Moreninha de quatorze annos, que parecêra sómente capaz de brincar e ser estouvada, correndo de uma para outra parte, prevenindo tudo, e apparecendo sempre onde se precisava apressar um serviço , ou acudir a um reclamo. Só cuidava de si quando devia enxugar as lagrimas.

Junto do leito apparecerão os quatro estudantes. Curto foi o seu exame. O rosto, e o bafo da doente bastarão para denunciar-lhes com evidencia a natureza da molestia.

— Isto não vale a pena , dice Felippe em tom baixo a seus collegas ; é uma mona de primeira ordem.

— Está claro : vamos socégar estas senhoras.

— Não tornou Felippe sempre em voz baixa ; aturdidas pelo caso repentino e preoccupadas pela

sobriedade desta mulher — nenhuma dellas quer ver o que está diante de seos olhos, nem sentir o cheiro que lhes está entrando pelo nariz : minha irmã ficaria inconsolavel, brigaria connosco, e não nos acreditaria, se lhe dicessemos, que sua ama se embebedou; e por tanto podemos aproveitar as circunstancias, zombar de todas ellas, e divertir-nos fazendo uma conferencia.

— Oh diabo !.... isso é do cathecismo dos charlatães !

— Ora não sejas tollo ; não pareces estudante devemos lançar mão de tudo, que nos possa dar prazer, e não offenda os outros,

— Mas que iremos dizer nesta conferencia, senão que ella está espirituosa demais ?.... perguntou Augusto.

— Diremos tudo, que nos vier a cabeça, ficando entendido que as honras pertencerão ao que maior numero de asneiras produzir : o caso é, que nos não entendão, ainda que tambem nos não entendamos.

— Ha de ser bonito, tornou Augusto a vista de tanta gente que por força conhecerá esta pataquada.

— Qual conhecer ! aqui ninguem nos entende ; tornou Felippe, que voltando-se para os circunstantes dice com voz theatralmente solemne « Meos Senhores ! rogamus breves momentos de attenção ; nós queremos conferenciar.

Movimento de curiosidade.

Seguiu-se novo exame da enferma, no qual os quatro estudantes fingirão observar o pulso, a lingua,

o rosto , e os olhos da enferma; ascultarão, e percutirão-lhe o peito , e fizerão todas as outras pesquisas do costume.

Depois elles se collocarão em um dos angulos do quarto. Felippe teve a palavra.— Profundo silencio.

— Acabastes , Senhores de fazer-me observar uma enfermidade que não deixa de pedir serias atenções , e sobre a qual eu vou respeitosamente submeter o meo juizo. Poucas palavras bastão. A molestia , de que nos vamos occupar, não é nova para nós ; creio mesmo Senhores , que qualquer de vos já a tem padecido muitas vezes... °

— Está enganado.

— Não respondo aos apartes. Eu diagnostico uma — Bacchites —. Concebe-se perfeitamente, que as cte-sias desenvolvidas pela decomposição dos etheres espasmódicos e engendrados no alambique intestinal, uma vez que a compressão do diaphragma lhes cauze vibrações sympathicas , que os fassão caminhar pelo canal collocado até o periosseo dos pulmões...

— C'est trop fort !...

— D'ahi passando a gorge perturbem a chymificação da hematose, que por isso se tornando em lymphá hemostática vá de um jacto cauzar um tricoccephalo no esphenoide, podendo mesmo produzir uma proctorrhagia nas glandulas de Meyer, até que penetrando pelas camaras opticas no sphincter do cerebello cauze um retrocesso prostatico , como pensão os modernos authores e promovão uma rebelião

entre os individuos cerebraes ; por consequencia isto é nervoso. —

— Muito bem concluido.

— O tratamento que proponho é concludente : algumas gottas de ether sulfurico n'uma taça de liquido fontaneo assucarado ; o cozimento dos fructos do coffea arabica torrados, ou mesmo o thea sinensis : e quando isto não baste , o que julgo impossivel , as nossas lancetas estão bem afiadas , e duas libras de sangue de menos , não farão falta a doente : dice.

— Como elle falla bem ! murmurou uma das moças.

Fabricio tomou a palavra.

— Sangue ! sempre sangue ! eis a medicina romantica do insignificante Brucé ! mas eu detesto tanto a medicina sanguinaria , como a estercoraria herbaria , sudoraria , e todas as que acabão em aria. Desde Hippocrátes, que foi o maior charlatão do seo tempo, até os nossos dias, tem triumphado a ignorancia; mas já emfim brillhou o sol da sabedoria... Hahnemann !... ah !... quebrai vossas lancetas , Senhores ; para curar o mundo inteiro basta-vos uma botica homeopathica com o Amazonas ao pé !.. queimai todos os vossos livros ; porque a verdade está só e exclusivamente no alcorão do nosso Mafoma , no organon do grande homem ! ah ! se depois do divino systema morre por acazo alguem, é por se não ter ainda descoberto o meio de dividir em um milhão de partes cada simples atomo da materia ! Senhores , eu

concordo com o diagnostico do meo collega ; mas devo combater o tratamento por elle offerecido. Uma taça de liquido fontaneo assucarado e acidulado com algumas gottas de ether sulfurico, é em minha opinião capaz de envenenar a todos os habitantes da China ! O mesmo direi do cozimento do coffea arabica...

— Mas porque não tem morrido envenenados os que por vezes o tem já tomado?..

— Eis ahí a consideração, que os leva ao erro ! Senhor meo collega, é porque a acção malefica desses medicamentos não se faz sentir logo ás vezes só apparece depois de cem , duzentos , e mais annos : eis a grande verdade !... Mas eu tenho observações de molestias da natureza da que nos occupa, e que vão mostrar a superioridade do meo systema : oiçao-me. Uma mulher padecia este mesmo mal ; já tinha soffrido trinta sangrias, haviam-lhe mandado applicar mais de trezentas bixas purgantes sem conta , vomitorios as duzias , e tizanas aos milheiros : quiz o seo bom genio, que ella recorresse a um Homeopatha, que com trez dozes , das quaes cada uma continha apenas a trimilionesima parte de um quarto de grão de nihilitas nihilitatis, a poz completamente restabelecida, e, quem quizer, póde ir vel-a na rua.. é certo que não me lembro agora onde ; mas posso affirmar, que ella mora em uma caza, e que hoje está nedia, gorda, com boas cores, e até remoçou , e ficou mais bonita. Outro facto..

— Basta ! basta !..

— Pois bem basta , e propoudo a applicação da

nihilitas nihilitatis na doze da trimilionesima parte de um quarto de grão , dou por terminado o meo discurso.

— O Sr. Leopoldo tem a palavra.

— Senhores , eu devo confessar , que restão-me muitas duvidas a respeito do diagnostico , e por tanto julgo util recorrermos ao magnetismo animal para vermos se a enferma levada ao somnambulismo nos aclara sua enfermidade. Alem disto eu tenho fé, de que não ha molestia alguma, que possa resistir a maravilhosa applicação dos passes, que tanto abismarão Paracelso e Kisker. Ainda mais : se o diagnostico do collega que fallou em primeiro lugar, é exacto, dobrada razão acho para sustentar o meo parecer ; porque em fim, sé similia similibus curantur, necessariamente o magnetismo tem de curar a bacchites. Voto pois para que comecemos já a applicar-lhe os passes.

Seguiu-se o discurso de Augusto , que por longo de mais parece prudente omittir. Em resumo basta dizer, que elle combateo as raras theorias de Felippe; mas concordou com o tratamento por elle proposto, e fallou com arte tal , que D. Carolina o escolheu para assistente de sua ama.

Augusto determinou as applicações convenientes ao cazo ; mas não tendo entrado no numero dellas a essencial lembrança de um— escalda-pés — cahio a tropa das mezinheiras sobre o desgraçado estudante, que se vio quasi doido com a balburdia de novo alevantada no quarto.

— Menos ruido , minhas senhoras, dizia o rapaz ; isto pôde ser fatal a doente.

— Ora..... eu nunca vi negar-se um — escalda-pés — !..

— Ainda em cima de não lhe mandar applicar uma ajuda , esquece-se tambem do — escalda-pés — !..

— Se não lhe derem um — escalda-pés — , eu não respondo pelo resultado !..

— Olhem como a doente está risonha só por ouvir fallar em escalda-pés !..

— Aquillo é pressentimento!

— Sr. Doutor, um — escalda-pés — !..

— Pois bem , minhas Senhoras dice Augusto para se ver livre dellas , deem-lhe o preconisado — escalda-pés — !

E fugindo logo do quarto foi pensando comsigo mesmo , que as coizas que mais contrarião o medico são : primeiro — a saude alheia ; segundo — um máo enfermeiro — e por ultimo em fim — as senhoras mezinheiras.



XIV.

Pediluvio sentimental.

Ria-se, jogava-se, brincava-se: todos se haviam já esquecido da pobre Paula. Na verdade tambem, que por ter a ama de D. Carolina tomado seo copo devinho demais não era justo que tantas moças e moços em boa disposição de brincar, e umas poucas de velhas determinadas a maçar a meio mundo ficassem a noite inteira pensando na carraspana da rapariga. E alem disso quatro — semi-doutores — já haviam pronunciado — favoravel prognostico —; como pois se arrojaria Paula a morrer contra a ordem expressa dos quatro Hippocratissimos Senhores?...

Era porisso que todos brincavão alegremente, menos o Sr. Keblerc, que diante de meia duzia de garrafas vazias roncava prodigiosamente; grande Alle-mão para roncar!.. era uma escala inteira, que elle

solfejava com bemoes, bequadros, e sustentidos !.. dir-se-ia, que entoava um hymno..... a Baccho.

Os rapazes estavam nos seus geraes : a principio, como é seu velho costume, haviam festejado, cumprimentado, e applaudido as Sras. idosas, que se achavão na sala, principalmente aquellas, que tinham trazido consigo moças; mas passada meia hora adeos etiquetas, e ceremonias !.. estabelecco-se um cordão sanitario entre a velhice, e a mocidade: a Sra. D. Anna achou occasião opportuna para ir dar ordens ao chá: D. Violante occupou-se em desenvolver a um velho rocciro os meios mais adequados para se preencher o deficit provavel do Brazil para o anno financeiro de 44 a 45 sem augmentar os direitos de importação, nem crear impostos, abolindo-se pelo contrario a decima urbana: Já se vê que D. Violante tinha casas na Cidade. Restavão quatro Sras., que julgarão a proposito jogar o embarque, que na verdade as divertia muito com o episodio do az gallar o septe: havia emfim outra meza, em que alguns Senhores viuvos, cazados, e velhos pays perdião ou ganhavão dinheiro no— écarté— jogo muito bonito e muito variado, que nos vierão ensinar os Srs. Francezes— grandes inventores sem duvida !....

A rapazia empregava melhor o seu tempo. Tambem jogava; mas na sua roda não havia nem meza, nem cartas, nem dados. O seu jogo tinha um director, que excepção de regra entre os mais, não podia ter menos de cincoenta annos: era um homem de estatura muito menos que ordinaria, tinha o rosto

muito vermelho, cabellos e barbas ruivas; gordo, de pernas arqueadas ajuntava ao ridiculo de sua figura muito espirito: não estava bem, se não entre rapazes: por felicidade delles sempre se encontra desses... Tal o director da roda dos moços. O Sr. Baptista, este o seo nome, era fertil em jogos; quando um aborrecia, vinha logo com outro melhor. Já se havia jogado o do— toucador — e o do— enfermo —. O terceiro agradou tanto, que se repetia pela duodecima vez com applauso geral, principalmente das moças: era sem mais, nem menos o jogo da palhinha.

Caso celebre!... já se vio que coincidência!.. ora expliquem se são capazes... tem-se jogado a palhinha doze vezes, e em todas as doze tem a sorte feito com que Felippe abraça D. Clementina, e Fabricio D. Joanninha!... e sempre no fim de cada jogo qualquer das duas recua um passo, como se pouca vontade ouvesse nellas de dar o abraço, e fazendo-se coradinha exclama:

— Quantos abraços!... pois outra vez?...

— Eu já não dei inda agora!... ora isto!...

Entre os rapazes porem ha um, que não está absolutamente satisfeito: é Augusto. Será porque no tal jogo da palhinha tem por vezes ficado viuvo?... não: elle esperava isso como castigo de— *sua inconstancia*—. A cauza é outra: a alma da ilha de... não está na sala: Augusto vê o jogo ir indo seo caminho muito em ordem, não se rasgou ainda nenhum lenço, Felippe ainda não gritou com a dor de nenhum beliscão, tudo se faz em regra, e muito direito, a tra-

vessa, a inquieta, a buliçosa, a tentação-sinha não está ahí: D. Carolina está ausente.

Com effeito Augusto sem amar D. Carolina, (elle assim o pensa), já faz della idéa absolutamente diversa, da que fazia ainda a poucas horas: agora segundo elle a interessante Moreninha é na verdade travessa; mas a cada travessura ajunta tanta graça, que tudo se lhe perdoa. D. Carolina é o prazer em ebulição: se é inquieta, e buliçosa, está em sel-o a sua maior graça: aquelle rosto moreno, vivo, e delicado, aquelle corpinho ligeiro, como a abelha perderia metade do que vale, se não estivesse em continua agitação. O Beija-flor nunca se mostra tam bello, como quando se pendura na mais tenue flor, e voça nos ares: D. Carolina é um Beija-flor completo.

Neste momento a Sra. D. Anna entrou na sala, e depois dirigindo-se a grande varanda da frente sentou-se defronte do jardim. Baptista acabava de dar fim ao jogo da palhinha, e começava novo: Augusto pedio, que o dispensassem, e foi ter com a dona da casa.

— Não joga mais, Sr. Augusto? dice ella.

— Por ora não, minha Senhora.

— Parece-me pouco alegre.

— Ao contrario... estou satisfeitissimo...

— Oh! seo rosto mostra não sentir, o que me dizem seos labios: se aqui lhe falta alguma coiza...

— Na verdade, que aqui não está tudo, minha Senhora.

— Então que falta?..

— A Sra. D. Carolina.

A boa Senhora rio-se com satisfação; seu orgulho de avó acabava de ser incensado: era tocar-lhe no fraco.

— Gosta de minha netta, Sr. Augusto?..

— É a delicada, e encantadora borboleta deste jardim: respondeo elle mostrando as flores.

— Vá buscal-a, dice a Sra. D. Anna, apontando para dentro.

— Minha Sra., tanta honra!..

— O amigo de meo netto deve merecer minha confiança: esta caza é dos meos amigos, e tambem dos delle. Carolina está sem duvida no quarto de Paula, vá vel-a, e consiga arrancal-a de junto de sua ama.

A Sra. D. Anna levou Augusto pela mão até o corredor, e depois o empurrou brandamente.

— Vá, dice ella, e receba isto como a mais fraca prova de minha estima para com o amigo de meo netto.

Augusto não esperou ouvir nova ordem: endireitou para o quarto de Paula com presteza, e alegria. A porta estava cerrada, abriu sem ruido, e parou no limiar.

Tres pessoas havião nesse quarto: Paula deitada, e abatida sob o peso de sua soffrivel mona: era um objecto triste, e talvez ridiculo, se não padecesse: a segunda era uma escrava, que acabava de depor junto do leito a bacia, em que Paula deveria tomar o pediluvio recommendado: objecto indifferente: a ter-

ccira era uma menina de quatorze annos, que desprezava a sala, em que burbulhava o prazer, pelo quarto, em que padecia uma pobre mulher: este objecto era nobre!...

D. Carolina, e a escrava tinham as costas voltadas para a porta, e porisso não vião Augusto: Paula olhava; mas não via, ou antes não sabia, o que via.

— Anda Thomazia, dá-lhe o escalda pés; dice D. Carolina. Pela sua voz conhecia-se, que tinha chorado.

A escrava abaixou-se: puxou os pés da pobre Paula; depois pondo a mão n'agua tirou-a de repente, e sacudindo-a.

— Está fervendo!.. dice.

— Não está fervendo, respondeo a menina: deve ser bem quente, assim dicerão os moços.

A escrava tornou a por a mão, e de novo retirou-a com presteza tal que bateo com os pés de Paula contra a bacia.

— Estonteada!.. sahe... affasta-te..; exclamou D. Carolina arregaçando as mangas de seo lindo vestido.

A escrava não obedeceo.

— Affasta-te d'ahi! dice a menina com tom imperioso, e depois abaixou-se no lugar da escrava, tomou os pés de sua ama, apertou-os contra o peito chorando, e começou a banhal-os.

Bello espectaculo era o ver essa menina delicada curvada aos pés de uma rude mulher, banhando-os com socego, mergulhando suas mãos tam finas, tam lindas nessa mesma agoa, que fizera lançar um grito

de dor a escrava, quando ahi tocara de leve com as suas tam grosseiras, e calejadas !.. Os ultimos vislumbres das impressões desagradaveis, que ella cauzara a Augusto, de todo se esvairão. Acabou-se a creança estouvada... ficou em seo lugar o Anjo de candura!

Mas o sensível estudante vio as mãos-sinhas tam delicadas da piedosa menina já roxas, e adivinhou, que ella estava engolindo suas dores para não gemer; porisso elle não poude soster-se, e adiantando-se, dice:

— Perdoe, minha Senhora....

— Oh!... o Sr. estava ahi?..

— E tenho testemunhado tudo!

A menina abaixou os olhos confusa, e apontando para a doente, dice:

— Ella me deo de mamar.

— Mas nem porisso deve a Sra. condemnar suas lindas mãos a serem queimadas, quando algum dos muitos escravos, que a cercão, poderia encarregar-se do trabalho, em que a vi tam piedosamente occupada.

— Nenhum o fará com geito...

— Experimente.

— Mas a quem encarregarci?...

— A mim, minha Sra.

— O Sr. fallava de meos escravos..

— Pois nem para escravo eu presto?...

— Senhor!...

— Veja, se eu sei dar um pediluvio...

E nisto o estudante abaixou-se, e tomou os pés de

Paula, enquanto D. Carolina junto d'elle o olhava com ternura.

Quando Augusto julgou, que era tempo de terminar, a jovensinha recebeu os pés de sua ama, e os envolveo na toalha, que nos braços tinha.

— Agora deixemol-a descansar, dice o moço.

— Ella corre algum risco?.. perguntou a menina.

— Affirmo, que acordará amanhã perfeitamente boa.

— Obrigada!

— Quer dar-me a honra de acompanhal-a até a sala? dice Augusto offerecendo sua mão direita a bella Moreninha.

Ella não respondeo; mas olhou-o com gratidão, e acceitando o braço do mancebo deixou o quarto de Paula.



XV.

Um dia em quatro palavras.

Ao romper do dia de S. Anna estavam todos na ilha de.... descansando nos braços do somno : era isso muito natural depois de uma noite como a da vespera , em que tanto se havia brincado.

Com effeito os jogos de prendas tinham-se prolongado excessivamente : a chegada de D. Carolina e Augusto lhes deo ainda dobrada viveza e fogo. A bonita Moreninha tornou-se mais travessa , do que nunca , mil vezes bulhenta , perturbava a ordem dos jogos, de modo que era preciso começar de novo, o que já estava no fim ; outras tantas rebelde não cumpria certos castigos que lhe impunhão : não deo um só beijo , e aquelle que atreueo-se a abraçá-la , teve em recompensa um beliscão.

Finalmente ouviu-se a voz de — vamos dormir— ,

e cada qual tratou de fazer por conseguil-o. O ultimo que se deitou foi Augusto e ignora-se o por que , sahio elle de luz na mão a passear pelo jardim , quando todos se achavão accommodados : de volta de seo passeio nocturno atirou-se entre Fabricio e Leopoldo, e immediatamente adormecco. Os estudantes dormirão juntos.

São seis horas da manhã, e todos dormem ainda a somno solto. Um author póde entrar em toda a parte , e pois não ! não !. alto lá ! no gabinete das moças não senhor ; no dos rapazes ainda bem.... a porta está aberta ... eis os quatro estudantes estirados n'uma larga esteira ... e como roncão ?! mas que faz o nosso Augusto ?... ri-se murmura frases imperceptiveis... suspira.... então que é isso lá ?... dá um beijo em Fabricio ... acorda espantado , e ainda em cima empurra cruelmente o mesmo , a quem acaba de beijar ?....

Oh belleza ! oh inexplicavel poder de um rosto bonito , que não contente com as zombarias, que faz ao homem que véla o illude e ainda zomba delle dormindo !

Estava o nosso estudante sonhando, que certá pessoa de quem elle teve até aborrecimento , e que agora começa com os olhos travessos a lhe fazer cegas no coração, vinha terna e amorosamente despertá-lo ... que elle fingira continuar a dormir, e ella se sentára a sua cabeceira que traquinas, como sempre, em vez de chamal-o, queria rir-se acordando-o pouco a pouco... que para isso approximava seo

rosto do delle e assoprando-lhe os labios ria-se ao ver as contracções, que produzia a titillação cauzada pelo soprô ... que elle ao sentir tam perto dos seus os lindos labios della, estava ardentemente dezejoso de furtar-lhe um beijo: mas que temia vel-a fugir ao menor movimento..... que finalmente não podendõ mais resistir a seus fervidos dezejos , assentára de ; quando se approximasse o bello rosto , ir de um salto colher o voluptuoso beijo n'aquella boquinha de botão de roza... que o rosto chegou a distancia de meio palmo, e (—Aqui parou o sonho, e principiou a realidade) e elle deo um salto, e em lugar de pregar um terno beijo nos labios de D. Carolina, foi com toda força e estouvamento bater com os beiços e nariz contra a testa de Fabricio ; e como se o pobre collega tivesse cûlpa de tal infelicidade , deo-lhe dous empurrões dizendo :

— Sahe-te d'ahi peste !.. ora quando eu sonhava com um anjo acordo-me nos braços de satanaz !

Corra-se porem um véo sobre quanto se passou até que se levantárão do almoço. A sociedade se dividio logo depois em grupos ; uns conversavão, outros jogavão, dous velhos ferrárão-se no gamão as moças espalliarão-se pelo jardim e os quatro estudantes tiverão a pessima lembrança de formar uma mesa de voltarete.

E apezar do poder todo da cachaça do jogo de cada vez que qualquer delles dava cartas, ficava na mesa um lugar vazio, e junto do arco da varanda que olhava para o jardim, collocava-se uma sentinella !..

Já se vê que o voltarete não podia seguir marcha muito regular. Augusto por exemplo distraia-se com frequencia tal que as vezes passava com basto e espadilha, e era codilhado todas as mãos, que jogava de feito. A Moreninha já fazia travessuras muito especiaes no coração do estudante, e elle que se accusava de haver sido injusto para com ella, agora a observava com cuidado e prazer para em compensação render-lhe toda justiça. D. Carolina brilhava no jardim, e mais que as outras por graças e encantos, que todos sentião, e que ninguem poderia bem descrever: confessava-se, que não era bella; mas jurava-se, que era encantadora: alguém quereria que ella tivesse maiores olhos; porém não havia, quem resistisse a viveza de seos olhares: os que mais apaixonados fossem da doce melancolia de certos semblantes, em que a languidez dos olhos, e brandura de custosos rizos estão exprimindo amor ardente e sentimentalismo, concordarião por força, que no lindo rosto moreno de D. Carolina nada iria melhor. do que o prazer, que nelle transluz, e o sorriso engraçado e picante, que de ordinario enfeita seos labios; além disto sempre em brincadora guerra com todos, e em interessante contradição consigo mesma ella a um tempo solta um ai e uma rizada, graceja fazendo-se de grave, falla jurando não dizer palavra, apresenta-se escondendo-se, sempre quer jamais querendo.

Nunca tambem se havia mostrado a Moreninha tam jovial e feiticeira: mas para isso boas razões

havião: esse era o dia dos annos de sua querida avó, e a pobre Paula sua estimada ama estava completamente restabelecida.

Eis uma deliciosa invasão!... dez moças entrão de repente na varanda, e n'um momento tudo se confunde e amotina: D. Carolina atira no meio da mesa do voltarete uma mão cheia de flores, em quanto Felippe faz tenção de dirigir-lhe um discurso admoestador, ella furtalhe a espadilha, e vóa para tornar a apparecer logo depois. É impossivel continuar assim; da-se por acabado o jogo, e a Moreninha acusta de um unico surrizo faz as pazes com o irmão.

— Parabens, Sra. D. Joaquina, dice Augusto, já triumphou de uma de suas rivaes!

— Como?... perguntou ella.

— Ora que esta minha prima nunca entende as figuras do Sr. Augusto! acudio D. Carolina, explique-se Sr. Doutor!

-- Sua prima, minha Sra., a aurora, e a roza disputão sobre qual primará na viveza da côr, e eu vejo, que ella já tem presa no cabello uma das duas rivaes.

— Eu o encarrego com prazer da guarda fiel desta minha competidora... seja o seo carcereiro! dice D. Quinquina querendo tirar uma linda roza do cabello para offerecel-a a Augusto.

— Oh minha Sra.! seria um cruel castigo para ella, que se mostra tam vaidosa!

— Pois regeita?...

— Certo que não ; accito ; mas rogo um outro obsequio.

— Qual ?...

— Que por orá lhe conceda seos cabellos por homenagem.

— Pois bem... será satisfeito ; eu guardarei a sua roza.

— Mas cuidado não haja , quem liberte a bella captiva, dice Leopoldo.

— Protesto que a heide furtar ; accressentou D. Carolina.

— Desafio-lhe a isso — respondeo-lhe a prima.

Então começou uma luta de ardiz e cuidados entre a Moreninha, e D. Quinquina. Aquella já tinha debalde esgotado , quantos estratagemas lhe poude suggerir seo fertil espirito, e emfim fingindo-se fatigada veio socegradamente conversar junto de D. Quinquina, que não menos viva conservava-se na defensiva.

Depois de meia hora de habil affectação a menina travessa com um rapido movimento fez cair o leque de sua adversaria : Leopoldo abaixou-se para levantá-lo, e D. Quinquina um instante desapercibida curvou-se tambem , e soltou logo um grito sentindo a mão da prima sobre a roza ; com a sua foi acudir a esta ; houve um conflicto entre duas finas mãos-sinhas, que mutuamente se beliscarão , e em resultado desfolhou-se completamente a roza.

— Morreo a bella captiva !... morreo a pobre captiva !... gritarão as moças.

— D. Carolina está criminosa! dice D. Clementina.

— Vai ao jury minha Sra.!

— É verdade vamos leval-a ao jury!

A idéa foi recebida com applauso geral: só Felippe se oppoz.

— Não! não! dice elle, Carolina é muito rebelde, se fosse condemnada, não cumpriria a sentença.

— Oh! maninho! não diga isso.

— Voce jura obedecer?...

— Eu juro por você.

— Tanto peor: era mais um motivo para se tornar perjura.

— Pois bem: dou a minha palavra; não é sufficiente?...

— Basta! basta!

Organisou-se o jury: Fabricio foi encarregado da presidencia, um outro moço servio de escrivão, e cinco moças sairão por sorte para juradas; D. Clementina terá de ser a relactora da sentença. A Augusto declararão suspeito na cauza. Felippe foi escolhido para advogado da ré, e Leopoldo da authora.

A sessão começou.

Longo fora enumerar, tudo que se passou em duas horas muito agradaveis, e por isso muito breves tambem. Toda a companhia veio tomar parte n'aquelle divertimento improvisado, e até, quem o diria? os dous velhos deixarão o taboleiro do gamão. Resuma-se alguma coiza.

As testemunhas forão D. Gabriella e uma outra.

que derão provas de bastante espirito: o interrogatorio de D. Carolina fez rir a quantos o ouvirão. O debate dos advogados esteve curioso.

Leopoldo accusou a ré demonstrando, que tinha havido a circumstancia aggravante da premeditação, e que o crime se tornava ainda mais feio por ser causado pelo ciume: procurou provar, que D. Carolina conscia de seos encantos e belleza, queria ser senhora absoluta de todos os corações e até de todos os seres; que ella se encheria de zelos supondo com razão, que Augusto desse subido valor a roza por lhe ser dada por uma moça bella, como a authora; e emfim que o ciume da ré era tam excessivo, que já da tarde antecedente jurára a perda d'aquella flor por desconfiar. que o Zephiro brincava mais com ella, do que com seos cabellos.

Felippe não se deixou ficar atraz. Argumentou dizendo, que era impossivel decidir. que mão tinha dado a morte a bella captiva; que não ouvera premeditação; porque a ré não quizera matar; mas sim libertar; que se havia crime, só o commettera a authora por prender uma innocente flor; e que por ultimo ainda quando fosse a ré, a que desfolhara a roza, e mesmo dando-se o proposito de o fazer, dever-se-ia attribuir tal acção a piedade; pois que dona Quinquina a estava matando pouco a pouco com o veneno da inveja collocando-a tam perto de suas faces, que tanto a vencião em rubor e viço.

As juradas recolherão-se ao *toilette*, e cinco minu-

tos depois voltarão com a sentença, que foi lida por D. Clementina.

O jury declarou D. Carolina criminosa, e a condemnou a indemnisar o domno da roza com um beijo.

— Para fazer tal, dice a ré, não carecia eu de sentença do jury; tome um beijo, minha prima.

— Não é a mim, que o deve dar, respondeo a authora, o dono da roza é o Sr. Augusto.

— De roza fez-se então o rosto de D. Carolina.

— O beijo! o beijo! gritarão as juradas.

— Você deo sua palavra!

— Ella hesitou alguns momentos ... depois aproximou-se de Augusto, e com seo sorrizo feiticeiro, e irresistivel nos labios dice:

— O Sr. me perdoa?...

— Não! não! não! clamarão de todos os lados.

Mas a menina parecia contar com o poder de seos labios; porque sorrindo-se ainda do mesmo modo tornou a perguntar com meiguice e ternura.

— Me perdoa?...

— Não! não!

— Porém como resistir a seo sorrizo?... como dizer, que não, a quem pede, como ella? exclamou Augusto enthiasmado.

D. Carolina estava pois perdoada.

— Agradecida! dice ella com vivo accento de gratidão, e estendeo sua dextra para Augusto, que não podendo ceder tudo com tam criminoso desinteresse tomou entre as suas aquella mão-sinha de

Cherubim, e fez estalar sobre ella o beijo mais gostoso, que tinham até então dado seus labios.

Amanhã deste dia foi assim passada; e a tarde votou-se aos preparativos do saráo.



XVI.

○ Saráo.

Um saráo é o bocado mais delicioso , que temos de telhados abaixo. Em um saráo todo mundo tem que fazer : o diplomata ajusta com o cópo de champagne na mão os mais intrincados negocios ; todos murmurão e não ha, quem deixe de ser murmurado : o velho lembra-se dos minuets e das cantigas do seo tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época : as moças são no saráo , como as estrellas no Céu : estão no seo elemento ; aqui uma cantando suave cavatina eleva-se vaidosa nas azas dos applausos , por entre os quaes surde as vezes um — bravissimo inopinado — . que solta de lá da sala do jogo o parceiro , que acaba de ganhar sua partida no écarté, mesmo na occasião , em que a moça se espicha completamente desafinando um sustenido : d'ahi a pouco

vão outras pelos braços de seus pares se deslizando pela sala, e marchando em seu passeio mais a compasso, que qualquer de nossos batalhões da guarda nacional, ao mesmo tempo, que conversão sempre sobre objectos innocentes, que movem olhaduras e risadinhas apreciaveis. Outras criticão de uma gorducha vóvó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de doce, que veio para o cha, e que ella leva aos pequenos, que, diz, lhe ficarão em caza. Ali vê-se um ataviado — *dandy* —, que dirige mil finezas a uma Sra. idosa, tendo os olhos pregados na sinhá; que ao lado se senta. Finalmente no sarão não é essencial ter cabeça nem boca; porque para alguns é regra durante elle, — pensar pelos pes — e fallar pelos olhos.

E o mais é que nós estamos n'um sarão: innumerosos bateis conduzirão da Còrte para a ilha de.... Sras. e Srs. recommendaveis por character. e qualidades: alegre numerosa, e escolhida sociedade enche a grande caza, que brilha, e mostra em toda parte borbulhar o prazer e o bom gosto.

Entre todas essas elegantes e agradaveis moças, que com aturado empenho se esforção por ver qual dellas vence em graças, encantos, e donaires, certo que sobrepuja a travessa Moreninha, — prínceza d'aquella festa.

Habil menina é ella! nunca seu amor proprio prezidio com tanto estudo seu toucador, e com tudo dir-se-ia, que o genio da simplicidade a penteara e vestira. Enquanto as outras moças havião esgotado

a paciência de seos cabellereiros , posto em tributo toda a habilidade das modistas da rua do Ouvidor , e coberto seos collos com as mais ricas e preciosas joias ; D. Carolina dividio seos cabellos em duas tranças ; que deixou cair pelas costas , não quiz ornar o pescoço com seo adereço de brilhantes , nem com seo lindo collar de esmeraldas ; vestio um finissimo, mas simples vestido de garça que até peccava contra a moda reinante por não ser sabejamente comprido ; e vindo assim apparecer na sala , arrebatou todas as vistas e attenções.

Porém se um attento observador a estudasse, descobriria , que ella adrede se mostrara assim para ostentar as longas e ondadas madeixas negras em bello contraste com a alvura de seo vestido branco ; para mostrar todo nú o elevado collo de alabastro , que tanto a aformosea , e que seo peccado contra a moda reinante não era senão um meio subtil, de que se aproveitara para deixar ver o pe-sinho mais bem feito e mais pequeno, que se pode imaginar.

Sobre ella estão conversando agora mesmo Fabricio , e Leopoldo : terminão sem duvida a sua practica : não importa ; vamos ouvil-os.

— Está na verdade encantadora !... repetio pela quarta vez aquelle.

Dansas com ella ?... perguntou Leopoldo.

Não : já estava engajada para doze quadrilhas.

Oh ! lá vai ter com ella o nosso Augusto. Vamos apreciar-o.

Os dous estudantes approximarão-se de Augus-

to, que acabava de rogar a linda Moreninha a mercê da terceira quadrilha.

Leva taboa, dice Fabricio ao ouvido de Leopoldo, é a mesma, que eu lhe havia pedido.

Mas a joven-sinha pensou um momento antes de responder ao pretendente: olhou para Fabricio e com particular mover de labios pareceo mostrar-se descontente; depois rio-se e respondeo a Augusto:

Com muito prazer.

Mas minha Sra. dice Fabricio vermelho de despeito e aturdido com um beliscão, que lhe dera Leopoldo; a cinco minutos já estava engajada até a decima segunda.

É verdade, tornou D. Carolina, e agora só acabo de ratificar uma promessa: o Sr. Augusto pcederá dizer se hontem pedio-me, ou não a terceira contradansa.

Juro... balbuciou Augusto.

Basta! acudio Fabricio interrompendo-o, é inutil qualquer juramento de homem depois das palavras de uma Sra.

Fabricio e Leopoldo retirarão-se, e D. Carolina que tinha illudido o primeiro, vendo brilhar o prazer na face de Augusto, e temendo que d'aquella occurrencia tirasse este alguma explicação lisongeira demais, quiz applicar um correctivo, e erguendo-se tomou o braço de Augusto: aproveitando o passeio, dice:

Agradeço-lhe a condescendencia, com que ia tomar parte na minha mentira:... foi necessario,

que eu praticasse assim : quero antes dansar com qualquer, do que com aquelle seo amigo.

— Offendeo-lhe, minha Sra?...

— Certo que não; mas diz-me coizas, que não quero saber.

— Então ... que diz elle?..

— Falla tantas vezes em amor ...

— Meo Deos ! é um crime, que eu tenho estado bem perto de commetter !

— Pois bem : foi essa a unica razão.

Mas eu temo perder a minha contradansa..... alguns momentos mais e serei réo, como Fabricio.

A culpa será de seos labios.

Antes dos seos olhos, minha Sra.

Cuidado, Sr. Augusto! lembre-se da contradansa !

Pois será precisò dizer . que a detesto?...:

Basta não dizer . que me ama.

É não dizer o que sinto : eu não sei mentir.

Ainda a pouco ia jurar falso ...

Nas palavras de um anjo, ou de uma...

Acabe !

Tentação-sinha ...

Perdeo a terceira contradansa.

Misericordia ! eu não fallei em amor !...

Neste momento a orquestrá assignalou o começo do saráo. É preciso anticipar . que nos não vamos dar ao trabalhó de descrever este : é um saráo , como todos os outros : basta dizer o seguinte.

Os velhos lembrarão-se do passado ; os moços

aproveitarão o presente ; ninguém cuidou do futuro. — Os solteiros fizeram por lembrar-se do casamento ; os cazados trabalharão por esquecer-se d'elle. — Os homens jogarão , fallarão em politica, e requestrarão as moças ; as Sras. ouvirão finezas, tratarão de modas , e criticarão desapiedadamente umas das outras. — As filhas derão carreirinhas ao som da musica ; as mãys já idosas receberão cumprimentos por amor d'aquellas ; as avós por não ter que fazer nem que ouvir levarão todo tempo a endireitar as toucas e a comer doce. — Tudo esteve debaixo destas regras geraes : só resta dar conta das seguintes particularidades.

D. Carolina sempre dansou a terceira contradansa com Augusto ; mas para isso foi preciso, que a Sra. D. Anna empenhasse todo o seo valimento: a tyramna princezinha da festa esteve realmente desapiedada ; não quiz passear com o estudante.

A interessante D. Violante fez o diabo a quatro : tomou doze sorvetes , comeo pão de ló, como nenhuma tocou em todos os doces , obrigou alguns moços a tomal-a por par . e até dansou uma walsa de corropio.

Augusto apaixonou-se por seis Sras., com quem dansou : o rapaz é incorrigivel. E assim tudo mais.

Agora são quatro horas da manhã : o saráo está terminado : os convidados vão retirando-se, e nós entrando no *toilette* vamos ouvir quatro bellas conhecidas nossas , que conversão com ardor e fogo.

— É possível?... exclama D. Quinquina dirigin-

do-se a sua mana, pois é verdade que esse Sr. Augusto lhe fez uma declaração de amor?...

— Como quer, que lhe diga maninha?... asseverou que meos olhos pretos davão a sua alma mais luz, do que a seos olhos todos os candelabros da sala nesta noite, e mesmo do que o sol nos dias mais brilhantes.... palavras delle.

— Que insolente!... tornou D. Quinquina elle mesmo que me jurou ser eu a mais bella a seos olhos, e a mais cara a seo coração; porque meos cabellos crão fios d'oiro, e a côr de minhas faces o rubor de um bello amanhecer!... palavras delle. —

— Que atrevido!... bradou D. Clementina, o proprio que me affirmou ser-lhe impossivel viver sem alentar-se com a esperança de possuir-me; porque eu sabia ferir corações com minhas vistas, e curar profundas magoas com meos surrizos!... palavras delle.

— Oh que moço abominavel! dice por sua vez D. Gabriella, e ousou dizer-me, que me amava com tam subida paixãõ, que se fóra por mim amado, e podesse dezejar e pedir algum extremo, não me perderia, como a outras, para beijar-me na face; porque das virgens do Ceo somente se beijão os pes e de joelhos!... palavras delle.

— Mas isto é um insulto feito a todas nós!...

— Como se estará elle rindo!...

— Qual! se elle está apaixonado...

— Apaixonado?... e por quem?...

— Por nós quatro... talvez por outras mais: elle pensa assim.

— Que maldicto Brasileiro com alma de moiro !...
 — E havemos ficar assim ?...
 — Não, acudio D. Joanninha, vamos ter com elle; desmascaremol-o...

— Isso é nada para quem não tem vergonha !

— Pois troquemos os papeis : finjamos que estavamos tratadas para desafiar-lhe os requebros ... ridicularisemol-o , como for possivel...

— Sim... obriguemo-lo a dizer qual de nós é a mais bonita , cada uma lhe pedirá um anel de seus cabellos ... uma prenda ... uma lembrança... ponhamol-o doido...

— Muito bem pensado : vamos!...

— Deos nos livre ! a vista de tanta gente ?...

— Então quando , e onde ? :..

— Uma idéa!... seja a zombaria completa : escreva-se uma carta anonima convidando-o para estar ao romper do dia na gruta.

— Bravo ! então escreva...

— Eu não : escreva você...

— Deos me defenda ! escreva D. Gabriella , que tem boa lettra...

— Então nenhuma escreve.

— Pois tiremos por sorte !

A idéa foi recebida com approvação ; e a sorte destinou para secretaria D. Clementina , que tirando de seu album um lapis e uma tira de papel escreveu sem hesitar : « Sr. ; uma joven que vos ama, e que de vós escutou palavras de ternura, tem um segredo a confiar-vos : ao raiar da aurora a encontrareis no banco

de relva da gruta: sede circumspecto, e vereis, a que por meia hora ainda quer ser apenas — uma incognita. —

— Bem! dice D. Quinquina, eu me encarrego de fazer-lhe receber a carta: saiamos.

As quatro moças não saír, quando um suspiro as suspendeo: mais alguém estava no *toilette*. D. Joanninha medrosa, de que uma testemunha tivesse presenciado a scena, que se acabava de passar, voltou-se para o fundo do gabinete, e o susto para logo se lhe dissipou.

— Veção como ella dorme!... dice.

Com effeito recostada em uma cadeira de braços D. Carolina estava profundamente adormecida.

A Moreninha se mostrava na verdade encantadora no molle descuido de seo dormir: a mercê de um doce resfolegar os dezejós se agitavão entre seos seios; seo pe-sinho bem a mostra, suas tranças dobradas no collo... seos labios entre-abertos e como por costume amoldados a aquelle sorrir cheio de malicia, e de encanto, que já lhe conhecemos, e finalmente suas palpebras cerradas e coroadas por bastos e negros supercilios a tornavão mais feiticeira, que nunca.

D. Clementina não poudé resistir a tantas graças; correo para ella... dous rostos angelicos se approximarão... quatro labios còr de rosa se tocarão, e esse toque fez acordar D. Carolina.

Um beijo tinha despertado um anjo; se é que o anjo realmente dormia.

XVII.

Forão buscar lá, e sairão tosquçadas.

Se ouve alguém, que quizesse servir a D. Quinquina, ou se foi ella mesma, quem poz a carta anonyma no bolso da jaqueta de Augusto, é coiza que pouco interesse dá, o certo é que o estudante indo tirar o lenço para assoar-se achou o interessante escriptinho: então correu logo para um lugar solitario, e só depois de devorar o convite sem assignatura foi que lembrou-se, que ainda se não havia assuado e que o pingo estava cae não cae na ponta do nariz: emfim ainda com o lenço acudio a tempo, e depois entendeo, que para melhor decidir o que lhe cumpria fazer n'aquella conjunctura, deveria avivar o cerebro sorvendo uma boa pitada de rapé; portanto lançou a mão ao segundo bolso de sua jaqueta, e eis que lhe sae com

bom princeza um outro escriptinho, como o primeiro.

— Bravo! exclamou o nosso estudante, temiveis mão-sinhas serião estas se se dessem ao exercicio não de encher; mas de vasar as algibeiras da gente.

E sem mais dizer abriu e leu o escripto.

« Senhor » Uma moça, que nem é bonita nem namorada, mas que quer interessar-se por vós, entende dever prevenir-vos, que no banco de relva da gruta não achareis ao amanhecer uma incognita; porém sim quatro conhecidas, que pretendem zombar de vós, porque esta mesma noite jurastes amar a cada uma dellas em particular. Não procureis adivinhar quem vos escreve, porque apczar de ser vossa amiga, serci todavia por agora uma — incognita. —

— Muito bonito! muito bonito!... dice Augusto beijando o bilhete, estou exactamente representando um papel de romance! mas quem sabe se ainda acharei mais cartas!...

E nisto pensando foi correndo um por um todos os bolsos de seus vestidos sem esquecer o do — relógio — ; e até passou os dedos por sua basta cabelleira, presumindo que talvez introduzissem algum escripto no enorme canudo de cabellos, que lhe escondia as orelhas.

Porém nada mais havia: também duas cartas tam curiosas já crão de sobra em uma só noite: O estudante pensou no conteúdo de ambas, e ainda reflexionava se lhe cumpria fugir ou aceitar um cer-

tame com quatro moças, que elle já adevinhava quaes erão, quando a primeira roza da aurora se desabriu no horizonte. Augusto correo para a gruta encantada.

Chegando ao pé foi de mansinho se approximando... sentio rumor... e ouviu que alguém dizia em tom baixo.

— Oh!... se elle vier!...

— Eil-o aqui, minhas bellas Sras., exclamou o estudante que entendeu não lhes dever nunca dar tempo a tomar a offensiva: eis-me aqui!...

As moças, que estavam todas sentadinhas no banco de relva, còmo quatro pombas rôlas enfiladas no mesmo galho, erguerão-se sòbresaltadas ao ver entrar inopinadamente o estudante: era isso mesmo, o que elle queria; pois continuou.

— As Sras. veem, que acudi de prompto ao honroso convite, e que me enthusiasmo vendo quatro auras em lugar de uma só! bello amanhecer é este sem duvida.... mas exposto ao fogo abrasador de oito olhos brilhantes... eu me sinto arder... juro, que tenho sede... eis ali uma fonte... mas, meo Deos, é a fonte encantada, que descobre os segredos, de quem está comnosco!... bem! bem! melhor! uma gotta desta lympha de fadas!...

— Ó que é, que elle está dizendo mana? exclamou D. Quinquina apontando para Augusto que tinha entre os labios o copo de prata.

— É preciso decidir-nos a começar. dice D. Gabriella.

— Principie você, dice D. Joanninha.

— Eu não, comece você...

— Eu não, que sou a mais moça...

Então o estudante, que tinha acabado de esgotar o seu copo d'água, voltou-se para ellas, e dando a seu rosto uma expressão animada, e a suas palavras estudado accento:

— Começo eu, minhas Sras., dice, e começo por dizer-vos, que aquella fonte é realmente encantada: sim! eu tenho a mercê de sua água adivinhado bellos segredos: escutai; vós... perdoai, e consenti, que vos trate assim, emquanto vos fallar inspirado por um poder sobrenatural; vós viestes aqui para maltratar-me e zombar de mim por haver amado a todas vós n'uma só noite; que ingratição!... eu vos poderia perguntar, como o poeta

Assim se paga um coração amante?!

mas desgraçadamente a fada, que preside a aquella fonte, quer mais alguma coisa ainda, e me dá uma cruel missão! ordena-me, que eu diga a cada uma de vós em particular algum segredo do fundo de vossos corações para melhor provar os seus encantamentos. Pois bem. é preciso obedecer: qual de vós quer ser a primeira?... eu não ousó fallar alto; porque pelo jardim talvez estejam passeando alguns profanos. Qual de vós pois quer ser a primeira?...

Nenhuma se moveo.

— Será preciso, que eu escolha?... continuou o tagarella: escolherei, minhas Sras. escolherei....

illuminai-me, boa fada! quem será?... será... será a Sra. D. Gabriella.

— Eu?! respondo a menina recuando.

— A Sra. mesma, dice Augusto trazendo-a pela mão para junto da fonte; vinde, Sra., para bem perto do lugar encantado; agora silencio... ouvi.

— Elle está mangando connosco, murmurou D. Clementina.

Augusto já estava fallando em voz baixa a D. Gabriella.

— Vós, Sra. ainda não amastes a pessoa alguma: para vós amor não existe, é um sonho apenas; só olhaes como real a galanteria: vós querieis zombar de mim; porque vos protestei os mesmos sentimentos, que havia protestado a mais tres companheiras vossas; e todavia estais incurso em igual delicto; pois só por cartas vos correspondeis com cinco mancebos.

— Senhor!...

— Oh! não vos impacientes: quereis provas?... ha quatro dias uma vendedeira de empadas, que se encarrega de vossas cartas, enganou-se na entrega de duas, trocou-as, e deo, se bem me lembra a fada, a de lacre azul ao Sr. Juca, e a de lacre verde ao Sr. João-sinho.

— Ora... ora... Sr., quem lhe contou essas invenções?...

— A fada, e fez mais ainda. Vós não achareis em vosso album o escripto desesperado do Sr. João-sinho, que vos foi entregue no momento de vossa

partida para esta ilha ; sou eu, que o tenho , a fadarm'o deo a pouco com sua mão invisivel.

— Impossivel ! balbuciou D. Gabriella recorrendo ao seo album.

Ella não podia encontrar o escripto.

— Sr. Augusto , dice então toda vergonha e acanhamento, eu lhe rogo, que me dê esse papel.

— Pois não quereis ouvir mais nada ?..

— Basta , o que tenho ouvido , e que não posso bem comprehender, mas dê-me, o que lhe pedi.

— D'aqui a pouco, Senhora ; na hora de minha partida para Côrte; porêm com uma condição.

— Póde dizel-a.

— Sois sobremancira delicada, Senhora; este excesso vos deve ser nocivo; quereis fazer-me o obsequio de ir descançar, e dar-me a honra de aceitar a minha mão até a porta da gruta?...

— Com muito prazer.

Então os dous se dirigirão para fóra ; passando junto das tres companheiras dona Gabriella poude apenas dizer-lhes :

— Até logo.

Chegando a porta Augusto fallou já em outro tom.

— Minha Senhora, espero, que me faça a justiça de crer, que fico extremamente penalizado por não poder dilatar pormais tempo a gloria de acompanhal-a; mas sabe, o que ainda tenho de fazer.

— Obrigada , respondeo D. Gabriella; não poupe as outras.

Não é possível hem descrever a admiração das tres.

Augusto chegou-se a D. Quinquina, e tomando-lhe a mão dice:

— Minha Senhora é chegada a nossa vez.

D. Quinquina deixou-se levar para junto da fonte: as moças tinham perdido toda a força; o que diante dellas se passava, pedia uma explicação, que não estava ao seu alcance dar. Augusto começou.

— Senhora, eu poderia dizer-vos, pelo que me conta a boa fada, que vós sois como as outras de vossa idade, tam voluveis, como eu; mas para tal saber não precisava eu beber da agua encantada; podia tambem gastar meia hora em fallar-vos do vosso galanteio com um tenente da guarda nacional por nome Gusmão...

— Senhor !...

— Por nome Gusmão, que leva o seu despotismo amoroso ao ponto de exigir, que não valseis, que não tomeis sorvetes, que não deis dominus tecum, quando ao pé de vós espirrar algum moço, e que não vos riaes, quando elle estiver serio.

— Quem lhe dice isto, Senhor ?..

— A fada, Senhora, e ainda me dice mais; por exemplo, contou-me, que no baile desta noite passeando com um velho militar, vós recebestes da mão delle um lindo cravo, e a seos olhos o escondestes com gesto apaixonado no palpitante seio; mas d'ahi a um quarto de hora essa mesma flor tam ternamente aceita deveria ir parar no bolso de um bello joven chamado Lucio, se acaso não fosse roubada pela fada, que preside esta fonte.

— Eu não entendo nada, do que o Sr. está dizendo: isso não é comigo.

— Eu me explico: o Sr. Lucio vio ser dado e recebido o presente, e fingindo-se zeloso vos pediu esse cravo muito notavel; porque alem da flor aberta, haviam sete flores em botão: ora dizei: não é verdade? pois o Sr. Lucio queria esse cravo; mas vós lh'o não podieis dar, porque o velho militar não tirava os olhos de vós: ora conversando com o Sr. Lucio acordastes ambos, que elle iria esperar um instante no jardim e que um pequeno escravo, por nome Tobias, lhe levaria a flor; e como o tal Tobias ainda não conhecia o Sr. Lucio, este lhe daria por senha as seguintes palavras—sette botões—: não foi assim?..

D. Quinquina guardou silencio: tudo era verdade; ella estava côr de nacar: Augusto proseguio.

— Isto se passou estando vós na grande varanda sentados em um banco e com as costas voltadas para uma janella da sala do jogo: ora a fada esteve recostada a essa janella, ouviu quanto dicestes, e como lhe é dado tomar todas as figuras: tomou a de moço, foi ao jardim, e quando vio o Tobias dice— sette botões—e o cravo foi logo da fada, e é agora meo: eil-o aqui.

— Isso é uma invenção... eu não conheço essa flor.

— Bem: então consentireis, que eu a traga esta manhã no meo peito?.. se não confessaes.. eu a mostrarei... o Sr. Coronel ainda se não retirou... e...

— Perdoe-me... balbuciou enfim D. Quinquina deixando cabir uma lagrima na mão de Augusto; dê-me esse maldicto cravo.

— Eu vol-o darei na hora da minha partida Senhora , porem ouvi mais...

— Basta...

— Pois bem basta ; mas eu vejo que vossa face está humedecida : seria uma lagrima , se o relento da noite não molhasse tambem a roza ; quereis descançar sem duvida : poderei gosar o prazer de conduzir-vos até a porta da gruta ?..

— Sim Senhor.

Duas guerreiras tinham sido batidas ; só a curiosidade retinha as outras ; Augusto se chegou para ellas , e fallou a D. Clementina.

— Agora nós, Senhora.

Ella deixou-se levar pela mão até junto da fonte : o estudante começou :

— Quereis factos de ante hontem , ou da noite passada Senhora ?..

—Eu não entendo , o que o Sr. quer dizer.

—Pergunto, Senhora, se vos dá gosto, que eu vos repita, o que comvosco se passou quando tomaveis um sorvete ao lado de um joven de cabellos negros .. o que com vosco conversou o meu collega Felippe , quando tomaveis chá .

— Eu não preciso saber nada disso.

— Então dir-vos-ei , o que mais vos interessa : socegarei mesmo os vossos cuidados e os do Snr. Felippe a respeito da perda de certo objecto...

— Snr. Augusto !...

— Senhora - foi a fada desta mysteriosa fonte quem vos roubou um precioso embrulho , que con-

tinha uma trança de vossos cabellos , e que deveria ser achado embaixo da quarta rozeira da rua, que vai ter ao caramanchão e essa trança pára hoje em minhas mãos ... eil-a aqui...

— Oh dè-ma !...

— Não preferis antes, que eu a entregue ao feliz, para quem a destinaveis ?..

— Não eu lhe pesso , que m'a dè ...

— Eu estou prompto a obedecer-vos , Senhora ; mas só na hora da minha partida. Vós quatro quereis zombar de mim: não concebo até onde iria vossa vingança ; preciso de refens , que segurem a paz entre nós ; estes são os meos quereis saber mais alguma cousa ?...

— Eu já sei, que o Senhor sabe de mais !?

— Então...

— Quer como as duas primeiras , offerecer-me a mão e obrigar-me a desamparar o campo ?.. venço, Snr. , e sou eu que lhe pesso que me acompanhe até a porta da gruta...

— Eu estou prompto Senhora , para servir-vos em tudo.

Só restava D. Joanninha : era a vez della.

— Eu vos deixei para o fim, dice Augusto, porque a vós é que eu mais admiro ; porque vós sois exactamente a unica d'entre ellas , que tem amado melhor, e que mais infeliz tem sido.... eu vos explicarei isto sois todavia um pouco excessiva em exigencias....

— Que quer dizer , Sr. Augusto ?.

— Que quereis muito quando ordenais a um estudante, que vos escreva quatro vezes por semana pelo menos : que passe por defronte de vossa casa quatro vezes por dia ; que vá a miúdo ao theatro, e aos bailes, que frequente; e até que não fume charutos de Havana nem de Manilha por ser falta de patriotismo !

— Quem lhe dice isso Sr. ?.,

— A fada Senhora, que sabe, que amas a um moço a quem daes a honra de chamar — querido primo. —

— É uma vil traição !..

— Exactamente diz o mesmo a nossa boa fada: e ainda mais Senhora: quer que eu vos aconselhe, que desprezeis esse joven infiel, que não sabe pagar o vosso amor ... eu poderia dar-vos provas...

— Não as tenho eu bastantes, exclamou D. Joanninha com sentimento, quando lhe ouço repetir o que deveria ser sabido delle e de mim somente ?..

Augusto ia fallar, ella o interrompeo.

— Sr., eu agradeço o beneficio que recebi o Sr. quiz zombar de mim, como das outras; mas não o fez; ao contrario atalhou em principio uma grande enfermidade, que talvez fosse d'aqui a pouco tempo incuravel!... eu galanteio tambem as vezes: porem sei amar até o extremo. Adeos, Sr.! eu posso apenas agradecer-lhe, dizendo, que tenho tanta confiança na sua descripção e no seu character, que nem mesmo lhe recomendo o cuidado do meo segredo.

D Joanninha ia deixar a gruta Augusto lhe offereceo o braço.

— Agradecida, dice ella, permitta que eu entre só em casa.

Augusto ficou só: esteve alguns momentos lembrando-se da scena que acabava de ter lugar: finalmente dice soltando uma rizada:

— Vierão buscar lá e sairão tosquiadas!..

E já estava para por o pé fóra da gruta, quando uma voz branda e sonóra, o suspendeo, dizendo:

— Agora, Snr. Augusto, é chegada a sua vez.



XVIII.

Achou quem o tosqueasse,

Escutando aquellas inesperadas palavras, que o chamavão para a mesma posição, em que elle tinha collocado as quatro moças, Augusto voltou-se de repente, e vio no fundo da gruta a interessante Moreninha, que enchia o copo de prata.

— Minha Sra. ! balbuciou o estudante confuso.

D. Carolina respondeo-lhe primeiro com o seo costumado sorriso, e depois assim:

— Não se dirá, que um homem zombou impune-mente de quatro Senhoras: uma outra toma o cuidado de vingal-as: Sr. estudante, eu tambem sou adepta ao culto desta fada, e vou invocal-a em meo auxilio.

A menina travessa bebeo em seguida a estas palavras o seo copo d'agoa, e depois imitando o estilo de Augusto que se achava junto della, dice:

— Quereis, que vos falle do passado, do presente, ou do futuro?...

— De todas essas épocas... ao menos para ouvir por mais tempo os vaticínios, e palavras de tam amavel Sibylla.

— Pois então principiemos pelo passado. Oh! que bellas revelações me faz a fada!.. sim... eu estou lendo no livro de vossa vida... estou vendo tudo!.. estou dentro de vosso espirito, e de vosso coração?

— Oh! sim! eu juro, que isso é verdade; atalhou o estudante.

A menina fingio não entender a allusão, e continuou.

— Senhor... vós amastes muito cedo... creio... sim foi de idade de treze annos...

Augusto recuou um passo; ella proseguio.

— Amastes... sim... a uma menina de sete annos, com quem brincastes aborda do mar.

— E quem era ella?... como se chamava?... perguntou Augusto com fogo, talvez pensando, que D. Carolina estava com effeito adevinhando, e podia dizer-lhe, o que elle mesmo ignorava.

— Posso eu sabel-o? respondeo a Moreninha, a fada só me diz, o que se passou em vosso coração, e vós por certo, que tambem não sabeis, quem era essa menina, e só a conheceis pelo nome de — minha mulher—.

— Prosiga, minha Senhora.

— Poderia contar-vos uma longa historia de velho moribundo, esmeralda, camafeu; mas basta de vossa

mulher; permiti, que vos diga, que mostrava ser uma creança doidinha, que cedo começava a fazer loucuras.

— Que cruel juizo!..

— Oh! não vos agasteis: eu a respeito bastante em attenção a vós; porein vamos acabar com o vosso passado. Ouve um tempo, em que quizestes figurar entre os vossos amigos, como galanteador de damas; por justo e bem merecido castigo fostes desgraçado! todas ellas zombarão de vós!...

E a menina interrompeo-se para rir-se da cara, que fazia Augusto.

— Ora por esta não esperava eu!... dice o estudante.

— A primeira joven, que requestastes, foi uma Moreninha de deseseis annos, que jurou-vos gratidão e ternura, e casou-se oito dias depois com um velho de sessenta annos; não foi assim?..

E a menina de novo desatou a rir.

— Minha Senhora, de que gosta tanto?..

— Ora... é que a fada está me dizendo; que ainda em cima vossos amigos, quando souberão de tal, derão-vos uma roda de cassoletas!...

— Então a Sra. D. Anna lhe contou tudo isso?...

— Juro-vos, Sr., que minha avó não me falla em semelhantes objectos. Consenti, que eu continue: a segunda foi uma joven coradinha, a quem em uma noite ouvistes dizer n um baile, que— creis um pobre menino, com quem ella se divertia nas horas vagas—: não foi assim?...

— Prosiga, minha Senhora.

— A terceira foi uma moça pallida, que zombou solemnemente tanto de um primo, que tinha, como de vós. Eis alguns de vossos principaes galanteios. Exasperado com o infeliz resultado delles, e vivamente tocado das letras, e da musica de certo lundû, que se vos cantou, tomastes outro partido, e desde então vós pretendeis fazer passar por— borboleta de amor—.

— Borboleta?!.. sim... sim... lembro-me agora, que a Sra. passeava pelo jardim... já sei, de quem forão certas carreirinhas, e portanto comprehendo, que vós sabeis tudo a custa.....

— A custa da fada, Senhor; e escuso estender-me mais; porque vós estaes bem certo, de que eu devo saber ainda muito...

— Sim... mas diga sempre.

— Não : antes quero fallar-vos do vosso— presente—.

— Pelo amor de seos bellos olhos, minha Senhora, vamos antes, ao que eu não sei, vamos ao meo futuro.

— Sois sobejamente sofregô!.. não vedes, como isso vai contra a boa ordem da narração?..

— Mas a desordem é hoje a moda!.. o bello está no desconcerto... o sublime, no que se não entende; o feio é só, o que podemos comprehender; isto é romantico... queira ser romantica... vamos ao meo futuro.

— Pois bem; vamos ao vosso futuro: principiarei, como pretendia fazer, se fallasse do presente de vos-

sa vida; dizendo-vos, que vós não sois inconstante, como affectaes...

— Misericordia !

— Mas que estaes a ponto de o ser: digo-vos, que perdereis uma certa aposta, que fizestes com tres estudantes.

— Como é isso?... então a Senhora sabe...

— A fadã, que me revelou isso, leo o termo na carteira, de quem o guardou.

— A fada?... sim... a feiticeira o lêo... comprehendendo.

— Vós não sois inconstante; porque tendes até hoje cultivado com religioso empenho o amor de vossa mulher; mas vós o ides ser; porque não longe está o dia, em que a esqueceréis por outra...

— A culpa será dos olhos dessa outra; porém quem sabe?..

— Desejo, que não; comtudo eu já vos vejo em principio, e temo, que vades ao fim: sereis perjuro... tereis de escrever um romance... e perdoai-me, se vos desejo este mal, eu quizera, que ao pé de meo irmão, que vos apresentará o termo de aposta, apparecesse a vossos olhos a mulher trahida. Do vosso futuro eis quanto me dice a fada.

— E dice bastante para me confundir.

— Quereis que vos falle agora de vosso presente?..

— Oh!... se quero! no presente está a minha gloria.

— Hontem no baile dicestes palavras de ternura pelo menos a seis senhoras.

— Esta agora é melhor!.. e quem o poudenotar?..

— Provavelmente a fada vos observava.

— Então a fada... a feiticeira fazia isso?..

— Depois do baile puzerão-vos duas cartas no bolso.

— Que mãos delicadas...

— Não m'ó sabe dizer a fada; porem vós viestes para esta gruta acudindo a um convite, e fingistes adivinhar segredos de corações; não era verdade; a fada nada vos revelou; o que dicestes, sabieis antes, e a fada me dice como.

— Explique-me pois, minha Senhora.

— Quando involuntariamente fui causa de vos entornarem caffè nas calças, vós fostes mudar de roupa, e entrastes para o gabinete das senhoras: lá ouvistes tudo, que affectastes adivinhar a pouco.

— E quem me vio entrar?..

— A fada sem duvida. O cravo de D. Quinquina, fostes vós, que recebestes no jardim; e na noite dos jogos de prendas fostes vós ainda, que com uma luz na mão procurou, e achou a trança de cabellos de D. Clementina embaixo da quarta rozeira da rua, que vai para o caramanchão.

— Mas quem observou, o que eu fiz as escondidas, e com tanto cuidado?..

— A fada, que segundo penso, vos tem sempre seguido com os olhos.

— A fada?.. a feiticeira me segue sempre com os olhos?.. Oh! como sou feliz! a feiticeira é a Senhora!..

Senhor ! sois pouco modesto: que me importaria vossos passos, e vossas acções?..

— Perdão ! perdão!.. eu sou um tresloucado... um incivil... um doido... não sei, o que faço, nem o que digo; mas continue...

— Basta ! vós duvidastes da fada, e porisso eu termino aqui.

— Não ! não, minha Senhora! é preciso dizer-me mais alguma coisa ainda!... por força a fada lhe deveria ter revelado ! ella, que adivinha tudo, que esta dentro do meo coração, diga, o que ainda se passa nelle.

— Nada mais me dice.

— Beba outro copo d'agoa...

— Não julgo necessario.

— Pois então...

— Cumpre retirar-me.

— Não por certo ! perdoe-me, minha Senhora; mas eu devo descobrir todos os meos segredos, a quem conhece tam boa parte delles...

— Eu me contento com o pouco que sei.

— Ouça uma só palavra...

— Não sou curiosa.

— Pois a Senhora...

— Sei, que sou senhora; mas sou excepção de regra: não quero saber.

— Embora, eu lhe direi ainda contra a vontade...

— E para isso toma-me a sahida?..

— É só para lhe dizer, que eu amo...

— Já sei: a sua mulher.

- Não é isso: a uma bella moça...
- Ella o deve ser agora.
- Muito espirituosa...
- Já ella o era em creança.
- E que se chama...
- Ah!.. espreitão-nos da entrada da gruta!..

Augusto correo a examinar, quem era a indiscreta testemunha: não apparecia pessoa alguma: comprehendeo então, que fôra ainda um meio, de que se lembrara D. Carolina para não deixal-o concluir sua declaração, e disposto a lançar-se ao pés da menina voltou-se já com o nome da bella nos labios, e....

D. Carolina tinha desaparecido da gruta.



XIX.

Entremos nos corações.

O que é bom dura pouco : as festas estão acabadas, nossas bellas conhecidas bordão; nossos alegres estudantes estão de livro na mão. Mas pelo que toca a estes, qual é, digão-me, qual é o estudante . que depois de uma patuscada de tom, não fica por oito dias incapaz de comprehender a mais insignificante lição? isto succede assim: essa pobre gente vê por toda parte, e misturando-se com todos os pensamentos, no livro, em que estuda, nas estampas, que observa, na dissertação, que escreve, o baile, as moças, e os prazeres, que appreciou. O nosso Augusto, por exemplo, está agora bronco para as lições, e impertinente com tudo. Rafael é quem paga o pato: se o innocente moleque lhe aprompta o chá muito cedo, apanha meia duzia de bolos; porque quer ir vadiar

pelas ruas, se no dia seguinte se demora só dez minutos, leva duas pescoçadas para andar mais ligeiro: não ha emfim cousa alguma, que possa contentar o Sr. Augusto: está aborrecido da medicina, tem feito duas gazetas nas aulas, de ministerial, que era, passou-se para a opposição; não quer mais ser assignante de periodicos, não ha para seos olhos lugar nenhum bonito no mundo; aborrece a côrte, detesta a roça, e só gosta de ilhas.

Deveremos fazer-lhe uma visita: elle está em seo gabinete, e um pouco menos carrancudo; porque Leopoldo, o seo amigo do coração, o acompanha, e tem a paciencia de lhe estar ouvindo pela duodecima vez a narração, do que com elle se passou na ilha de...

Segundo parece, Augusto acaba de relatar, o que occorreo na gruta entre elle e a bella Moreninha; porque Leopoldo lhe perguntou:

— E por onde fugiria ella?...

— Por uma difficil sahida que eu não havia observado, respondeo Augusto, e que exactamente se praticava no fundo da gruta.

— Que diabinho de menina!

— Quanto mais se tu notasses a graça e malicia, com que ella, quando eu entrei na sala, me perguntou socegradamente: « esteve dormindo na gruta, Sr. Augusto? »

— Então ella gostou da tua semi-declaração?!...

— Não... não... se ella tivesse gostado, não me fugiria.

— Ora é boa! não devia fazer outra cousa.

— Se ella gostasse de mim!... mas porque me não deo um só signal de ternura?... tambem eu as vezes tam adiantado fui desta um tollo, um basbaque! tremi diante de uma creança, que não tem quinze annos, e não sube dizer duas palavras.

— Estás doido Augusto, e doido varrido; acredita, que D. Carolina foi mais sensivel aos teos cumprimentos, que aos de nenhum outro; e senão diz; porque senão deixou ella dormir, como as outras Sras., e foi a hora de tua partida passear pela praia; e ver-te embarcar?... porque ficou ali passeando até desapparecer o teu batelão?...

— Isso não significa nada.

— Ora ature-se um namorado!... mas venha cá, Sr. Augusto, então como é isto?... estamos realmente apaixonado?...

— Quem te dice semelhante asneira?...

— A tres dias que não fallas senão na irmã de Felippe . e...

— Ora viva! quero divertir-me.. digo-te, que a acho feia... não é lá essas cousas... parece ter máo genio... realmente notei-lhe muitos defeitos... sim... mas as vezes..., olha Leopoldo, quando ella falla, ou... mesmo quando está calada... ainda melhor... quando ella dança.... ou mesmo quando está sentada... ah! ella rindo-se... e até mesmo seria... quando ella canta.. ou toca... ou brinca... ou corre... com os cabellos a négligé, ou divididos em bellas tranças... quando.... para que dizer mais?... sempre, Leopoldo, sempre ella é bella... formosa... encantadora... angelica!!

— Então que historia é' essa?... acabas divinizando a mesma pessoa, que principiando chamaste feia?...

— Pois eu dice, que ella era feia? é verdade, que eu.. no principio... mas depois... ora! estou com dôres de cabeça: este maldicto Velpeau! que lição temós amanhã?...

— Tratar-se-á das apresentações de...

— Temos maçada?... quem te perguntou por isso agora?... fallemos de D. Carolina, do baile... do...

— Eis-ahi outra! não acabastes de perguntar-me, qual era a lição de amanhã?...

— Eu?... pode ser... esta minha cabeça!...

— Não é a tua cabeça, Augusto, é o teu coração.

Ouve então um momento de silencio: Augusto abriu um livro, e fechou-o logo depois; tomou rapé... passeou pelo quarto duas ou tres vezes, e finalmente veio de novo sentar-se junto de Leopoldo.

— É verdade, dice, não é a minha cabeça; a causa está no coração. Leopoldo, tenho tido pejo de te confessar; porém não posso mais esconder estes sentimentos, que eu penso, que são um segredo, e que todo mundo m'os lê nos olhos! Leopoldo, aquella menina, que aborreci no primeiro instante, que julguei insupportavel, e logo depois espirituosa, que d'ahi a algumas horas comecei a achar bonita, no curto trato de um dia, ou melhor ainda em alguns minutos de uma scena de amor. e piedade, em que a vi de joelhos banhando os pés de sua ama, plantou no meo coração um dominio forte...

um sentimento filho da admiração talvez ; mas sentimento que é novo para mim, que não sei, como o chame; porque o amor é um nome muito frio , para que o pudesse exprimir !... eu já me não conheço... não sei, onde irá isto parar... eu amo ! ardo ! morro !

— Modera-te , Augusto ; acalma-te ; não é graça : olha , que estás vermelho como um pimentão !

— Oh ! tudo naquella ilha fatal se assanhou para enfeitar-me ! tudo ! até a propria mentira !...

— É tu acreditaste muito nessa Sra?...

— Escuta, Leopoldo : uma vez , que com a avó de Felippe conversava na gruta , eu fatigado e sequioso bebi um copo d'agoa da fonte do rochedo : então a nossa boa hospeda contou-me uma fabulosa e singular tradição d'aquella fonte. A agoa dizia-se milagrosa , e quem bebesse della não sahiria da ilha sem amar algum de seos habitantes : eis aqui pois uma mentira ! mas uma mentira, que excitou minha imaginação ; uma mentira , que me perseguio lá dous dias , e que me persegue ainda hoje , uma mentira enfim , que se transformou em verdade ; porque eu bebi d'aquella agoa , e não pude deixar a ilha sem amar . e muito um de seos habitantes !...

— Deveras, que isso não deixa de ser interessante ! mas que effeito esperas tu , que provenha de toda essa moxinifada?...

— Que effeito?... o... amor.

— Amor?... amor não é effeito nem cauza nem principio nem fim , e é tudo isso ao mesmo tempo :

é uma cousa, que ... sim ... finalmente para encurtar rasões; amor é o diabo. Dize-me pois sinceramente fallando, qual ò resultado, que pensas tirar de tudo isso, que me contaste.

— Que resultado?... o ... amor.

— E elle a dar-me com o maldicto amor! Augusto, fallemos serios; essa tua exaltação estava muito em ordem n'um moço, que quizesse desposar D. Carolina; porém tu nem cuidas em casamento, nem, se em tal pensasses, te lembrarias, roceiro como és, de escolher para mulher uma menina, que foi criada, educada, e pode-se dizer, que mora na côrte.

— Esta agora não é má!... deveras que ainda me não passou pela mente a idéa do casamento, nem chegará a tal ponto minha loucura; mas supponhamos o contrario disso, que mal tu achas, em que um roceiro se case com uma moça da cidade?...

— Que mal?... ora escuta: devendo ir morar na roça a moça tem necessariamente de mudar de costumes e de vida; comprehende pois, quanto atormentará o coração do pobre marido a vista dos dissabores e contrariedades, que soffrerá na solidão e monotonia campestre a Sra. amamentada no seio dos prazeres e festins da côrte; quanto o devem entristecer os suspiros e saudades, de que será testemunha, quando a amada companheira recordar-se de sua familia, de suas amigas, do theatro, do passeio, dessa cadeia de delicias enfim, que apesar della a ligará ainda a seo passado.

— Oh ! não ! não ! Leopoldo, se o marido for amado por ella ! quando se ama deveras , e se está com o objecto do amor , não se recorda , não se deseja , não se quer mais nada !...

— Tu fallas em amor , Augusto ?... inda bem que somos ambos estudantes da roça , e posso dizer-te agora , o que entendo sem medo de offender a susceptibilidade de cortezão algum . Pois ainda não observaste , que o verdadeiro amor não se dá muito com os ares da cidade ?... que por natureza e habito as nossas roceiras são mais constantes , que as cidadoas ?... olha : aqui encontramos nas moças mais espirito , mais jovialidade , graça , e prendas ; porém nellas não acharemos nem mais belleza , nem tanta constancia . Estudemos as duas vidas . A moça da còrte cresce e vive commovida sempre por sensações novas , e brilhantes , por objectos , que se multiplicão , e se renovão a todo momento , por prazeres e distracções , que se precipitão : ainda contra vontade , tudo a obriga a ser voluvel : se chega a janella em um instante só , que variedade de sensações ! seos olhos tem de saltar da carruagem para o cavalleiro ; da Sra. , que passa para o menino que brinca ; do sequito do casamento para o acompanhamento do enterro ! sua alma tem de sentir ao mesmo tempo o grito de dor , e a risada de prazer ; os lamentos , os brados de alegria , e o ruido do povo : depois tem o baile com sua atmosfera de lisonjas e mentiras , onde ella se acostuma a fingir , o que não sente , a ouvir frases de amor a todas as horas , a

mudar de galanteador em cada contradança : depois tem o theatro, onde cem oculos fitos em seo rosto parecem estar dizendo — és bella! — . e assim enchendo-a de orgulho, e muitas vezes de vaidade: finalmente ella se faz por força e por costume tam inconstante, como a sociedade, em que vive, tam mudavel, como a moda de seos vestidos. Queres agora ver . o que se passa com a moça da roça?...

Ali está ella na solidão de seos campos talvez menos alegre; porém certamente mais livre : sua alma é todos os dias tocada dos mesmos objectos; ao romper d'alva é sempre e só a aurora, que bruxolea no horizonte; durante o dia são sempre os mesmos prados, os mesmos bosques e arvores : de tarde sempre o mesmo gado, que se vem recolhendo ao curral; a noite sempre a mesma lua, que pratea seos raios na liza superficie do lago! assim ella se acostuma a ver e amar um unico objecto; seo espirito, quando concebe uma idéa, não a deixa mais, abraça-a, anima-a, vive eterno com ella; sua alma, quando chega a amar é para nunca mais esquecer. é para viver e morrer por aquelle que ama. Isto é assim, Augusto, considera, que é lá em nossos campos, que mais brilhão esses sentimentos, que são a mesma vida, e que não podem acabar senão com ella!...

— Como estaes exagerado, Leopoldo! juraria, que dezejas casar com alguma moça da roça!

— Oh!... se esse dezejo me dominar, certamente que o satisfarei com uma das muitas bonitas cachopinhas da minha terra.

— Eu logo vi, que nos teos raciocinios e observaçoẽs andava o genio da prevençaõ; escuso-me porẽm de responder-te ; pois que fallaste em regra geral , e desse modo concedes...

— Que ha muitas excepçoẽs sem duvida.

— Bem! quando não tu me forçarias a tomar a palavra para defender a linda Moreninha, que tanto me captiva.

— Então, Augusto, teremos por ventura um romance?...

— Que romance?...

— Perderás a aposta, e ao completar-se o mez....

— D'aqui até lá.... se eu pudesse esquecel-a!.... mas aquella menina não é como as outras ; é uma tentação.... um diabinho.

— Quando pois começas a escrever?

— Estás tollo? respondeo Augusto tomando por um momento seo antigo bom humor . eu ainda pretendo nestes quinze dias mudar de amor tres vezes.

Basta porẽm de estudantes : já temos ouvido bastante o nosso Augusto , e demorar-nos mais tempo em seo gabinete fõra querer escutar ainda as mesmas cousas; porque o tal mocinho, que quer campar de beija-flor , parece que cahio no visco dos olhos e graças da joven belleza da ilha de.... e está sinceramente namorado della : ora todos sabem , que os amantes tem um prazer indizivel em matraquear os ouvidos, dos que os attendem , com uma historia muito comprida e mil vezes repetida , que reduzindo-se á expressãõ mais simples ficaria em zero , ou

quando muito nos seguintes termos : « eu olhei , e ella olhou — eu lhe dice , ella me dice — póde ser . não póde ser » ; deixemos portanto o senhor Augusto entregue a seos cuidados de moço : e tanto mais , que já conhecemos o estado , em que se acha . Vamos agora entrar no coraçãozinho de um ente bem amavel , que não tem , como aquelle , uma pessoa , a quem confie suas penas , e por isso soffre talvez mais . Faremos uma visita á nossa linda Moreninha .

Tambem suas modificações tem apparecido no caracter de dona Carolina depois dos festejos de Santa Anna . Antes delles era essa interessante jovensinha o prazer da ilha de.... : irreconciliavel inimiga da tristeza ella ignorava , o que era estar melancolica dez minutos , e praticava o despotismo de não consentir , que alguém o estivesse : junto della por força ou por vontade tudo tinha de respirar alegria ; sabia tirar partido de todas as circumstancias para fazer rir . e boa , affavel , e carinhosa para com todos amoldava os corações á sua vontade : o idolo , o delirio , de quantos a praticavão , era ella a vida d'aquelle lugar , e empunhava com suas graças o sceptro do prazer . Hoje suas maneiras são outras ; mudou todo o seo viver ; foge da familia , que a busca ; e emquanto suas musicas se empoeirão , seo piano passa dias inteiros fechado , suas bonécas não mudão de vestido ; ella vaga solitaria pela praia perdendo seos bellos olhares na vastidão do mar ; ou sentada no banco de relva da gruta descansa a cabeça em sua mão , e pensa.... em que?... quaes serão os solitarios pensamentos de uma

menina de menos de quinze annos?... e as vezes suspira.... um suspiro?.... eis o que é já um pouco explicativo.

Assim como o grito tem o echo, a flor o aroma, a dor o gemido, tem o amor o suspiro : ah ! o amor é um demoninho, que não pede licença para entrar no coração da gente, e hospede quasi sempre importuno por peor trato . que se lhe dê, não desconfia, não se despede, vai-se collando e deixando ficar, sem vergonha nenhuma faz-se dono da casa alheia, toma conta de todas as accões , leva seo dominio muito cedo aos olhos, e as vezes dá taes saltos no coração, que chega a ir encarapitar-se no juizo , e então , adcos minhas encommendas !

Pois muito bem ; parece, que a tal tentação anda fazendo peloticas no peito da nossa cara menina : tambem não ha molestia de mais facil diagnostico : uma mocinha, que não tem cuidados; com quem a mamây não é impertinente ; que não sabe dizer . onde lhe dóe ; que não quer . que se chame medico ; que suspira sem ter flatos; que não vê, o que olha; que acha todo guizado mal temperado . é porque já ama; portanto dona Carolina ama : mas a quem?...

Ah senhor Augusto ! senhor Augusto ! a culpa é toda sua sem duvida. Esta bella menina acostumada desde as faxas a exercer um poder absoluto sobre todos, que a cercão , não poude ouvir o estudante vangloriar-se de não ter encontrado ainda uma mulher, que o captivasse deveras, sem sentir o mais vivo desejo de reduzil-o a obediente escravo de seus capri-

chos : ella poz então em acção todo o poder de suas graças ; ideou mesmo um plano de atáque... estudou a natureza, e os fracos do inimigo... observou-o; bateo-se : o combate foi fatal a ambos talvez ; e no fim delle a orgulhosa guerreira apalpou o seo coração , e sentio, que nelle havia penetrado um dardo ; consultou a sua consciencia, e ouviu, que ella respondia « se venceste, tambem estás vencida. »

Com effeito dona Cãrolina ama o feliz estudante; e uma mistura de saúdades e de temor da inconstancia do seo amado é provavelmente a cauza de sua tristeza : ajunte-se a isto a novidade, e os cuidados de um amor nascente e primeiro, o incommodo de um sentimento novo, inexplicavel, que lhe enchia o innocente coração , e ver-se-á, que ella tem suas razões para andar melancolica.

E portanto toda familia está assaltada do mesmo mal : ha-na ilha uma epidemia de máo humor , que tem chegado a todos desde a senhora dona Anna até a ultima escrava. Além de quanto se acaba de expor, acresce, que Felippe se deixou ficar na cidade a semana inteira sem querer dispensar uma só tarde para vir visitar sua querida avó , e a tão bonita maninha.

Eis porem o que se chama accusação injusta ! diz o dictado, que fallai no máo, apromptai o páo : Felippe estava esperando pelo dia de sabbado para aproveitar o domingo todo no seio de sua familia : eil-o ahi, que recebe a benção de sua avó , e beija a fronte de sua irmã.

— Pensei, diz aquellá, que não querias mais vêrnos!

— E quasi que deixei a viagem para amanhã, minha boa avó.

— O ingrato ainda o diz; ouves Carolina?... então porque?...

— Para vir na companhia de Augusto, que deve passar o dia connosco.

Estas palavras tivérão poder electrico : dona Carolina para occultar a perturbação, que a agitava, correu a esconder-se em seo quarto.

Lá.... hem as escondidas.... ella derramou uma lagrima : doce lagrima!... era de prazer.



XX.

Primeiro domingo : elle marca.

Augusto madrugou, e muito : quando a aurora começou a apparecer . já elle havia vencido meia viagem , e seo desejo era ir acordar na ilha de... uma pessoa , que tinha o máo costume de dormir até alto dia ; porisso instava com os remeiros para que forcejassem , e em quanto seo batelão se deslissava pelas agoas rapido , como uma flexa pelos ares, elle o accusava de pesado e vagaroso : tinha a muito descoberto a ilha de...; os objectos forão pouco a pouco se tornando mais e mais distinctos: vio a casa ... vio o rochedo , em que outr'ora a Tamoya deveria ter cantado seos amores , e de sobre o qual cantara a oito dias D. Carolina a sua balada... depois distinguio sobre esse rochedo negro um ponto... um objecto branco , que foi crescendo , sempre crescen-

do, que emfim lhe pareceo uma figura de mulher que ostentava a alvura de seos vestidos... depois, elle tinha desviado um pouco os olhos, quando os voltou de novo para o rochedo, a figura branca havia desaparecido, como um sonho.

Emfim o batelão abordou a ilha de ... Augusto correo a casa, de que tantas saudades soffrera; todos já se tinham levantado... ninguem dormia ainda, e D. Carolina estava vestida de branco.

— Eu lhe agradeço bem, Sr. Augusto, dice a Sra. D. Anna depois dos primeiros cumprimentos, eu lhe agradeço sua boa visita; nós temos passado oito dias de nojo; e foi preciso, que Felippe nos trucesse a noticia de sua vinda para reviver nossa antiga alegria; Carolina, por exemplo, desde hontem a noite já tem estado soffrivelmente travessa.

— Eu... minha avó sempre tive fama de desinquieta e prazenteira... e se hontem me adiantei, foi porque chegou-me um companheiro para traquinar comigo...

— Não o negues, menina, tens estado melancolica, e abatida toda esta semana: erão saudades da agradavel companhia, que tivemos: que erão saudades, conheci eu pelos suspiros, que soltavas; e tambem não vai mal nenhum em confessal-o.

D. Carolina voltou o rosto: Augusto arregalou os olhos, e sentio que a ventura lhe inundava o coração.

— O mesmo por lá nos succedeo, dice Felippe tomando a palavra, estivemos todos carrancudos, e

seja dito em amor da verdade, Augusto, mais do que nenhum outro, gostou de nosso trato e nossa companhia; realmente foi elle, o que mostrou soffrer maiores saudades...

— É verdade Sr. Augusto?... perguntou a boa hospeda.

— Minha Sra. a visita, que vim ter o gosto de fazer, é a melhor resposta, que posso dar.

D. Carolina tinha os olhos em um livro de musica; mas seos ouvidos e sua attenção pendião dos labios de Augusto... ouvindo as ultimas palavras do estudante ella se surriio brandamente.

-- De que estás rindo Carolina?... perguntou Felippe.

— De um eugraçado pedacinho da cavatina do Figaro no Barbeiro de Sevilha ...

Então ella examinou o livro, e vio, que havia mentido, porque o que tinha diante dos olhos era uma collecção de modinhas da imprensa do Laforge.

Duas horas depois servio-se o almoço. Mas durante essas duas horas que se passarão muito depressa, Augusto teve de agradecer as obsequiosas attensões da avó de Felippe, que dizia ter por elle « notavel predilecção », e tambem de reparar com esmero e minuciosidade no objecto de seos recentes cultos. Em resultado de suas observações concluiu, que D. Carolina, estava bonita como d'antes, porém mais languida; que as vezes reparava suas indiscrições, e que outras, quando mais parecia occupar-se com seos alegres trabalhos, olhava-o a furto com uma

certa expressão de receio, pejo, e ardor . que a embelezava ainda mais.

Durante o almoço a conversação divagou sobre innumerous objectos: finalmente teve de ir belir com um pobre lençinho , que estava na mão de D. Carolina , e que se ahí não estivesse, passaria despercebido.

— Eu julgo que elle está trabalhosa e perfeitamente marcado , dice Augusto.

— É ir muito longe . respondeo a menina, ahí o tem , observe-o de mais perto... repare , que barafunda vai por aqui...

— Ora eu acho tudo o melhor possível... ao muito poder-se-ia dizer . que este x foi marcado por mão de moça travêssa...

— Quer dizer . que foi pela minha; adivinhou.

— Tem uma bella prenda , minha Sra.

— Que é muito commum.

— E nem porisso mercede menos.

— Eu não entendo assim... aprecio bem pouco , o que todo mundo pode ter. Quem não sabe marcar ?...

— Eu , minha Sra.

— É porque não quer.

— É porque não posso; eu não me poderia haver com uma agulha na mão...

— Um dia de paciencia lhe seria sufficiente.

— Querem ver . acudio Felippe , que minha maninha reduz Augusto a aprender a marcar ?...

— Então seria isso alguma asneira ?...

— Não por certo; maninha póde mesmo dar-te algumas lições.

— Nada, respondeo a menina, sou muito raivosa, e a primeira linha, que elle rebentasse, eu o chamaria a bolos.

— Se é uma condição, que offerece, eu a aceito, minha Sra.; ensine-me com palmatoria.

— Veja, o que diz!

— Repito-o.

— Pois bem: palmatoria não... porque enfim podia doer-lhe muito; mas de cada vez, que eu julgar necessario, dar-lhe-ei um puxão de orelha.

— Menina! dice a Sra. D. Anna.

— Mas minha avó eu não estou pedindo a elle, que venha apreuder comigo.

— Porém podes ensinar-lhe com bons modos.

— É, o que pretendo fazer.

— Elle hade aproveitar muito.

— Terá os meos elogios.

— E se por acaso errar alguma vez...

— Levará um puxão de orelha.

— Se me é permittido, dice Augusto, aceito as condições.

— Pois bem, respondeo D. Carolina, está o Sr. matriculado na minha aula de marcar, e d'aqui a uma hora principiaremos a nossa lição.

— E então elle não passeia comigo?... perguntou Felippe.

— Depois da lição, respondeo a mestra fazendo-se de grave, antes não lhe dou licença.

Levantarão-se da mesa : algum tempo foi destinado a descansar ; Felippe desafiou Augusto para uma partida de gamão, e em continente forão travar combate na varanda : Felippe derrotou seo competidor em tres jogos consecutivos ; estavam no começo do quarto , e tocou na sala uma campainha : os dous estudantes não derão attenção a isso , e continuarão : o jogo tornou-se duvidoso ; qualquer dos dous podia dar ou levar gamão ; Augusto acabava de lançar uns dous e az , que desconcertarão seo antagonista ; quando D. Carolina apparecco , e dirigindo-se ao seo discipulo dice com engraçada seriedade :

— O Sr. não ouviu tocar a campainha?...

— Então isso era comigo?...

— Sim Sr. ; são horas de lição ; e espero que para outra vez não me seja preciso vir chamal-o.

— Aceito a admoestação , minha bella mestra mas rogo-lhe o obsequio de consentir , que termine esta partida.

— Não Sr.

— É uâ mão de honra !

— Peior está essa!...

— Ora esta é boa ! acudio Felippe . então quer você...

— Não tenho a dizer-lhes , o que quero , nem o que não quero ; são horas de lição ... vamos.

— E é preciso obedecer ; concluiu Augusto levantando-se.

D'ahi a pouco estava tudo em via de regra : Augusto sentado em uma banquinha aos pes de sua

bella mestra escutava com os olhos fitos no rosto della as explicações necessarias : as vezes D. Carolina não podia conservar impertubavel sua affectada gravidade , e então os surrizes da bella mestra e do aprendiz graciosamente se trocavão : ella se mostrava mais pacifica , e elle menos attento, do que haviam promettido ; porque era já pela quarta vez que a bella mestra recommçava suas explicações, e o aprendiz cada vez a entendia menos.

Felippe appareceo na sala prompto para ir caçar . e convidou o seo amigo para com elle partilhar no mesmo prazer : todo mundo adevinha, que Augusto dice, que não : elle poderia responder, que não queria caçar ; porque estava pescando ; mas contentou-se com dizer :

— Minha bella mestra não dá licença.

— Tome cuidado no modo de pegar nessa agulha !... gritou ella com máo modo , e sem se importar com Felippe.

— Está bem , dice este saindo , eu não os posso aturar.

E depois acrescentou surrindo-se :

— Fique-se ahi Sr. Alcides aos pes de sua bella Omphale !...

— Ouvio, o que elle dice?... perguntou Augusto.

— Já lhe tenbo repetido tres vezes , que não é assim , que se pega na agulha.

— Ora... minha Sra.

— Ora minha Sra.... ora minha Sra. !... eñ não sou eu a Sra.... sou sua mestra...

— Minha bella mestra !

— Digo-lhe que já me vai faltando a paciencia... o Sr. não attenta no que faz... já tem quatro vezes rebentado a linha, e é a decima segunda, que lhe cahe o dedal.

— Não se exaspere, minha bella mestra, eu o vou apanhar, e não cahirá mais nunca.

Augusto curvou-se, e ficou quasi de joelhos diante de D. Carolina; ora o dedal estava bem junto dos pés della, e o aprendiz ao apanhal-o tocou, ninguem sabe se de proposito, com seos dedos em um d'aquelles delicados pés-sinhos: esse contacto fez mal; a menina estremecco toda; Augusto olhou-a admirado: os olhos de ambos se encontráráo, e os olhos de ambos tinham fogo. Um momento se passou: o socego se restabelecco.

— Já não posso mais! exclamou a bella mestra; rebentou o Sr. pela quinta vez a linha... não dá um ponto, que preste.... não ha outro remedio...

E dizendo isto lançou uma das mãos á orelha do aprendiz, que de subito deo um grito, e acudio com as suas: ora essas mãos se encontráráo... debateráo-se... e nesse ensejo, os dedos da bella mestra foráo docemente apertados pela mão do aprendiz: novo choque electrico, novo fogo de olhares!... que aproveitavel lição!...

— Menina! tenha modo, o Sr. Augusto não é criança: exclamou a Sra. D. Anna, que a dez passos cosia, e que só podia ver a exterioridade, do que se passava entre a bella mestra, e o aprendiz.

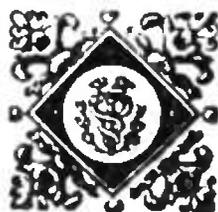
A lição se prolongou até o meio dia, e mais de mil vezes se repetio a mesma scena do encontro das mãos: D. Carolina não conseguiu puxar uma só vez a orelha do estudante, e o aprendiz não perdeu uma só occasião de apertar os dedos de sua bella mestra. Augusto se comprometteo a apresentar na primeira lição um nome marcado pela sua mão. Tudo foi ás mil maravilhas.

O resto do dia se passou, como se havia passado o seo principio para Augusto, e D. Carolina.

Elles não se chamarão mais por seos nomes proprios: amor lhes tinha ensinado outros: erão « meo aprendiz, e minha bella mestra. »

A madrugada seguinte foi triste, porque presidio as despedidas do aprendiz, e sua bella mestra; mas ainda assim foi bem doce; porque ambos meigamente se dicerão:

— Até domingo.



XXI.

Segundo domingo: brinca com bonécas.

Raiou o bello dia, que seguiu a sete outros passados entre sonhos, saudades, e esperanças. Augusto está viajando: já não é mais aquelle mancebo cheio de duvidas e temores da semana passada; é um amante que acredita ser amado, e que vai radiante de esperanças levar a sua bella mestra a lição de marca, que lhe foi passada. O prognostico de D. Carolina na gruta encantada se vai verificando; Augusto está completamente esquecido da aposta que fez, e do camafeu, que outr'ora deu a sua mulher: um bonito rosto moreninho fez olvidar todos esses episodios da vida do estudante: D. Carolina triumphá, e seo orgulho de despota-sinha, de quantos corações conhece, deveria estar altaneiro, se ella não amasse tambem.

Como da primeira vez Augusto vê o dia amanhe-

cer-lhe no mar — e como na passada viagem avista sobre o rochedo o objecto branco, que vai crescendo mais e mais, a medida que seo batelão se aproxima, até que distinctamente conhece nelle a elegante figura de uma mulher, bella por força ; mas desta vez, não como da outra, essa figura se demora sobre o rochedo, não desaparece como um sonho, é uma bonita realidade, é D. Carolina, que só desce delle para ir receber o feliz estudante que acaba de desembarcar.

— Minha bella mestra !...

— Meo aprendiz ! já sei que traz o nome bem marcado.

— Oh !.. sempre precisarei, que me queira puxar as orelhas.

— Não... eu não farei tal na lição de hoje.

— E se eu merecer ?..

— Talvez.

— Então errarei toda a lição.

Elles se sorrirão : mas Felippe acaba de chegar, e todos tres vão pela avenida se dirigindo a casa.

Ter a ventura de receber o braço de uma moça bonita, e a quem se ama, apreciar sobre si o doce contacto de uma bem torneada mão, que tantas noites se tem sonhado beijar; roçar as vezes com o cotovelo um lugar sagrado, voluptuoso, e palpitante; sentir sobre sua face o perfumado bafo, que se esvaio d'entre os labios virginaes e nacarados, cujo sorrir se considera um favor do Ceo; o apanhar o legue, que escapa da mão que estremeceo: tudo isso.... mas

para que divagações? que mancoço ha ali de dezeses annos por diante que não tenha experimentado esses doces enleios tam leves para a reflexão tam graves e apreciaveis para a imaginação de quem ama?.. pois bem, Augusto os está gosando neste momento; mas porque só a elle é isto de grande entidade, e convendizer apenas, o que absolutamente se faz preciso, pode-se sem inconveniente abreviar toda a historia de duas boas horas, dizendo-se — almoçarão. E chegou a hora da lição.

— Vamos, dice D. Carolina a Augusto, que estava já assentado a seus pés e em sua banquinha — vamos meo aprendiz, o Senhor comprometteo-se a trazer-me um nome marcado pela sua mão: que nome marcou?..

— Entendi que devia ser o nome da minha bella mestra.

Ella não esperava outra resposta.

— Vamos pois ver a sua obra, continuou, e creia, que estou pouco disposta a perdoar-lhe — como fiz na lição passada. Venha a marca.

Augusto apresentou então um finissimo lenço aos olhos da sua bella mestra, que teve de ler em cada angulo delle o nome — Carolita — e no centro o distico « minha bella mestra »: tudo estava primorosamente trabalhado: preciso é confessar, o aprendiz havia marcado melhor do que nunca o tivera feito D. Carolina.

Augusto esperava com anciedade ver brilhar nos olhos de sua bonita querida o puer da gratidão:

fruia já de antemão o terno agradecimento, com que contava, quando vio com espanto que sua bella mestra ia gradualmente corando, e por fim se fez vermelha de colera e despeito.

— Nunca a a mão grosseira de um homem poderia marcar assim ! dice ella a custo.

— Mas minha bella mestra...

— Eu quero saber quem foi ! exclamou com força

— Eu não entendo...

— Foi uma mulher ! isso não carece que me diga; uma moça que lhe marcou este lenço para o Senhor vir zombar, e rir-se de mim, de minha credulidade... de tudo!..

— Minha Senhora...

— Vejão ... já nem me quer chamar sua mestra !. agora só sabe dizer « minha Senhora !.. »

A interessante joven acabava de ser inesperadamente assaltada de um accesso de ciume : Augusto estava espantado e a Sura. D. Anna levantando os olhos ao escutar a ultima exclamação de sua neta , vio-a correndo para ella.

— Que é isto menina ?. perguntou.

— Veja minha querida avó... aqui está a marca , que elle me traz !.. eu queria um nome muito mal feito ... uma barafunda , que se não entendesse ... o pano suado e feio ... tudo máo ... tudo pessimo ; eu me riria com elle : sabe porem o que fez?.. foi para a corte tomar outra mestra.... que não ha de ter a minha paciencia, nem o meo prazer ; mas que marca melhor que eu ... que é mais bonita !.. veja minha

querida avó... elle tem outra mestra !.. outra bella mestra !..

E dizendo isto occultou o rosto no seio da extrema Senhora e começou a soluçar.

— Que loucura é essa, menina ?.. que tem que elle tomasse outra mestra ?.. pois por isso choras assim ?.

— Mas nem me quer dizer o nome della !.. que me importa , que seja moça ou bonita ?.. nada tenho com isso ; porem quero saber-lhe o nome só o nome !..

Então ella ergueo-se e com os olhos ainda molhados, com a voz entrecortada ; mas com toda a belleza da dor e delirio do ciume , voltou-se para Augusto e perguntou :

— Como se chama ella ?..

— Juro, que não sei.

— Não sabe ?..

— Quiz trazer um lenço bem marcado para ostentar meos progressos , e motivar alguns gracejos , e mandei-o encomendar a uma senhora muito idosa, que vive destes trabalhos.

— Muito idosa ?..

— É a verdade.

— Não lhe derão este lenço ?

— Paguei-o.

— Pois eu rasgo...

— Pode-o fazer..

Eil-o em tiras.

— Que fazes — Carolina ? exclamou a Sra. D.

Anna querendo, já tarde, impedir que sua neta rasgasse o lenço.

— Fez o que cumpria minha Senhora, acudiu Augusto, estermidou o máo genio, que acabava de fazer-lhe chorar.

— E que importa que eu rasgasse um lenço?... minha querida avó peço-lhe licença para dar um dos meos ao Sr. Augusto.

A Sra. D. Anna, que começava a desconfiar da natureza dos sentimentos da mestra e do aprendiz, julgou a proposito não dar resposta alguma; mas nem isso desnorteou a viva mocinha, que tirando de sua cesta de costura um lenço recentemente por ella marcado, o offereceo a Augusto dizendo:

— Eu não admitto uma só desculpa, não desejo ver a menor hesitação, quero que aceite este lenço.

Augusto olhou para a Sra. D. Anna como para ler-lhe n alma, o que ella pensava d'aquillo.

— Pois regeita um presente de minha neta?. perguntou a amante avó.

A resposta de Augusto foi um beijo na prenda de amor

— Agora que já estamos bem dice elle, vamos a minha lição.

— Não! não, respondeo a bella mestra basta de marcar: não me sahi bem do magisterio; chorei diante de meo aprendiz: não fallemos mais nisto.

— Então fui julgado incapaz de adiantamento?..

— Ao contrario, pelo trabalho que me trouxe, vi, que o Senhor estava adiantado de mais: porem sou

eu — quem tenho outros cuidados ...

— Já tem cuidados?..

— Quem é que d'elles carece?.. o pay de familia tem os filhos, o Sur. os seus livros, e eu, que sou criança — tenho as minhas bonéas : quer vel-as?..

— Com o maior prazer.

Um momento depois a sala estava invadida por uma enorme quantidade de bonéas, cada uma das quaes tinha seus parentes, seus vestidos, joias, e um numero extraordinario de bugiarias, como qualquer moça da moda as tem em seu toucador.

Ora o tal bixinho chamado amor é capaz de amoldar seus escolhidos a todas as circumstancias e de obrigal-os a fazer quanta parvoíce ha neste mundo. O amor faz o velho criança, o sabio doido, o rei humilde captivo: faz mesmo as vezes, com que o feio pareça bonito, e o grão de areia um gigante : o amor seria capaz de obrigar a um coxo a brincar o tempo será, a um surdo o companheiro companhão, e a um cego o procura quem te deo : o amor foi o inventor das cabelleiras, dos dentes postiços, e de outros certos postiços, que mas alto lá, que isto é bolar com muita gente : em fim o amor esta fazendo um estudante do quinto anno de medicina passar um dia inteiro brincando com bonéas.

Com effeito, Augusto já sabe de cor e salteados todos os nomes dos membros d'aquella muito numerosa familia : conhece os diversos grãos de parentesco, que existem entre elles : acalenta as bonéas pequenas, despe umas e veste outras, conversa com todas,

examina o guarda-roupa... baptiza, casa ... em uma palavra dobra-se aos prazeres de sua bella mestra, como uma varinha ao vento.

No entanto a Sra. D. Anna os observa cuidadosa: tem sympathizado muito com Augusto: mas nem por isso quer entregar todo o futuro do objecto, que mais ama no mundo ao só abrigo do nobre character, e sérias qualidades, que tem no mancebo reconhecido.

Como de costume, a tarde teve de ser empregada em passeios a borda do mar, e pelo jardim. O maior inimigo de amor é a civilidade; Augusto o sentio, tendo de offerecer seu braço á Sra. D. Anna; mas esta lhe fez cahir a sopa no mel rogando-lhe que o reservasse para sua neta.

Felippe acompanhava sua avó e na viva conversação, que entretinhão o nome de Augusto foi mil vezes pronunciado.

Uma vez Augusto e Carolina, que ião a diante, ficarão muito distantes do par, que os seguia.

A mão da bella Moreninha tremia convulsivamente no braço de Augusto, e este apertava ás vezes contra seu peito, e como involuntariamente, essa delicada mão; alguns suspiros vinhão tambem perturbál-os mais e a dez minutos elles se não tinhão dito uma palavra.

Em uma das ruas do jardim duas rolinhas mariscavão: mas ao sentir passos voárão e assentando-se não longe em um arbusto começarão a beijar-se com ternura; e esta scena se passava aos olhos de Augusto e Carolina.

Igual pensamento talvez brilhou em ambas aquellas almas ; porque os olhares da menina e do moço se encontráráo ao mesmo tempo, e os olhos da virgem modestamente se abaixáráo , e em suas faces se acendeo um fogo , que era o do pejo. E o mancebo apontando para as pombas , dice :

— Ellas se amão !

E a menina murmurou apenas :

— São felizes !

— Pois acredita que em amor possa haver felicidade?...

— Ás vezes.

— Acaso já tem a Senhora amado ?

— Eu?... e o Senhor ?..

— Comecei a amar á poucos dias.

À virgem guardou silencio : e o mancebo depois de alguns instantes perguntou tremendo :

— E a Sra. já ama tambem ?

Novo silencio ; ella pareceo não ouvir ; mas suspirou : elle fallou menos baixo.

— Já ama tambem ?..

Ella abaixou ainda mais os olhos e com voz quasi extincta dice :

— Não sei ... talvez.

— E a quem ?..

— Eu não perguntei , a quem o Senhor amava.

— Quer, que lh'o diga ?..

— Eu não pergunto.

— Posso eu fazel-o ?.

— Não... não lh'o impesso.

— É a Senhora.

D. Carolina fez-se cor de roza e só depois de alguns instantes ponde perguntar forcejando um sorrizo :

— Por quantos dias ?

— Oh !.. para sempre !! respondeo Augusto apertando-lhe vivamente o braço : depois ainda continuou :

— E a Senhora ... não me revela o nome feliz ?..

— Eu ... não posso...

— Mas porque não póde ?.

— Porque não devo.

— E nunca o dirá ?..

— Talvez um dia.

— E quando ?..

— Quando estiver certa, de que elle não me illude.

— Então... elle é voluvel ?..

— Ostenta sel-o...

— Oh !... pelo ceo !.. acabe de matar-me !.. basta o nome pronunciado bem em segredo bem no meo ouvido . para que ninguem o possa ouvir . nem a briza o leve... pelo ceo !..

— Senhor !..

— Um, só nome, que pesso !..

— É impossivel !.. en não posso !..

— Se eu perguntasse ...

— Oh !.. não !..

— Serei eu ?...

A virgem tremeo toda e não ponde responder : Augusto lhe perguntou ainda com fogo, e ternura :

— Serei eu ?..

A interessante Moreninha quiz fallar... não poudo; mas , sem o pensar - levou o braço do mancebo até o peito , e lhe fez sentir como o seo coração palpitava.

— Serei eu?..... perguntou pela terceira vez Augusto com requintada ternura.

A joven-sinha murmurou uma palavra , que pareceo mais um gemido, que uma resposta ; porem que fez transbordar a gloria e enthusiasmo na alma do seo amante : ella tinha dito somente:

— Talvez. —



XXII.

Máo tempo.

Tristes dias tem-se arrastado. Augusto está desesperado. Voltando da ilha de.... depois d'aquelle bello dia da declaração de amor, achou na côrte seo pay e em poucos momentos teve de concluir da severidade, com que era tratado, que já alguém o havia prevenido das suas loucuras, e dos muitos pontos, que ultimamente tinha dado nas aulas. A mais bem merecida reprehensão, e um discurso cheio de conselhos, e admoestações veio por fim dar-lhe a certeza, de que o seo bom velho estava sciente de tudo.

Para coroar a obra, contra a costume do maior numero dos nossos agricultores, que quando vem á cidade estão no caso do — fogo viste linguíça? —, e ainda bem não puzerão os pés no largo do paço já tem os olhos na Praia Grande, (que por estes bons

cincoenta annos ha de continuar a ser Praia Grande apesar de a terem crismado Nitheroy) o pay de Augusto não fallava em voltar para a roça, e a julgar-se pelo socego e vagar, com que tratava os menos importantes negocios, parecia haver esquecido a moagem e a safra.

Chegou o sabbado. O nosso Augusto depois de muitos rodeios e ceremonias pediu finalmente licença para ir passar o dia de domingo na ilha de... e obteve em resposta um — não — redondo: jurou, que tinha dado sua palavra de honra de lá se achar nesse dia, e o pay, para que o filho não cumprisse a palavra, nem faltasse a honra, julgou muito conveniente tranca-lo no seo quarto.

Mania antiga é essa de querer triumphar das paixões com fortes meios: erro palmar principalmente no caso, em que se acha o nosso estudante: amor é um menino doidinho e maleriado, que quando alguem intenta refreal-o, chora, escarapela, espernea, escabuja, morde, belisca, e incommoda mais que solto e livre; prudente é facilitar-lhe, o que deseja, para que elle disso se desgoste; soltal-o no prado, para que não corra; limpar-lhe o caminho, para que não passe; acabar com as difficuldades e opposições, para que elle durma, e muitas vezes morra: amor é um anzol, que quando se engole, agadanha-se logo no coração da gente, donde se não é com geito destravado, por mais força, que se faça, mais o maldicto rasga, esburaca, e se profunda. Portanto muita industria deve ter, quem o quer pôr na rua, e para conseguil-o

convem ir despedindo-o com bons modos, parlamentares offerecimentos, e nunca bater-lhe com a porta na cara; porem os homens, mal passam de certa idade só se lembrão do — seo tempo — para gritar contra o — actual — e esquecem completamente os ardores da mocidade. O resultado disto é o mesmo, que tirará o pay de Augusto da energia, e violência, com que procura apagar a paixão do filho.

Já era tarde. Augusto amava de veras e pela primeira vez em sua vida; e o amor mais forte que seo espirito exercia nelle um poder absoluto e invencivel. Ora não ha idéas mais livres, que as do preso; e pois o nosso encarcerado estudante soltou as velas da barquinha de sua alma, que voou atrevida por esse mar immenso da imaginação: então começou a criar mil sublimes quadros, e em todos elles lá apparecia a encantadora Moreninha toda cheia de encantos e graças; vio-a com seo vestido branco esperando-o de cima do rochedo.... vio-a chorar por ver, que elle não chegava, e suas lagrimas queimavão-lhe o coração; ouvio-a accusal-o de inconstante, e ingrato.... d'ahi á pouco pareceo-lhe, que ella soluçava... escutou um grito de dor semelhante a esse, que soltára no primeiro dia, que elle tinha passado na ilha! aqui foi o nosso estudante ás nuvens, saltou exasperado fóra do leito, em que se achava deitado, passeou a largos passos por seo quarto, accusou a crueldade dos pays, experimentou, se podia arrombar a porta, fez mil planos de fuga, esbraveou, escabellou-se, e como nada disto lhe valesse, atirou com todos os seus li-

vros para baixo da cama, e deitou-se de novo, jurando, que não havia estudar dous mezes. Carrancudo, e teimoso mandou voltar o almoço, o jantar - e a cêa, que lhe troucerão, sem tocar n'um só prato; e sentindo, que seo pay abria a porta do quarto sem duvida para vir consolal-o, e dar-lhe salutaes conselhos, voltou o rosto para a parede, e principiou a roncar, como um endemoninhado.

— Já dormes, Augusto?... perguntou o bom pai, abrindo as cortinas do leito.

A unica resposta que obteve, foi um ronco, que mais semelhou-se a um trovão.

O experimentado velho fingio ter-se deixado enganar, e retirando-se trançou ainda a porta ao pobre estudante.

Uma noite de amargor foi então, a que se passou para este: na solidão e silencio da treva a alma do homem, que padece, é mais que nunca toda de sua dor; concentra-se, mergulha-se inteira em seo sofrimento; não concebe, não pensa, não vela, e não se exalta senão por elle. Isto aconteceu a Augusto, de modo que ao abrir-se na manhã seguinte a porta do quarto o pay veio encontral-o ainda acordado com os olhos em fogo, e o rosto mais enrubescido, que de ordinario.

Augusto quiz dar dous passos, e foi preciso, que os braços paternaes o sustivessem para livral-o de cair.

— Que fizeste, louco?... perguntou o pay cuidadoso.

— Nada , meo pay . passei uma noite em claro ; mas.... eu não soffro nada.

Oh!... elle queria dizer, que soffria muito!...

Immediatamente foi-se chamar um medico , que contra o costume da classe fez-se esperar pouco.

Augusto sujeitou-se com brandura ao exame necessario, e quando o medico lhe perguntou :

— O que sente?...

Elle respondeo com toda a fria segurança do homem determinado :

— Eu amo.

— E mais nada?...

— Oh, Sr. Doutor, julga isso pouco?...

E alem dessas palavras não quiz pronunciar mais uma unica sobre o seo estado. E com tudo elle estava em violenta exacerbação. O medico deo por terminada sua visita : algumas applicações se fizerão, e um dos collegas de Augusto, que o tinha vindo procurar, fez-lhe, o que chamou, uma bella sangria de braço.

A enfermidade de Augusto não cedeo porém com tanta facilidade, como a principio suppoz o medico : tres dias se passárão sem conseguir-se a mais insignificante melhora : uma mudança apenas se operou ; a exacerbação foi seguida de um abatimento e prostração de forças notavel : sua paixão , que tão bem se desenhava no ardor dos olhares, na viveza das expressões , e na audacia dos pensamentos , tomou outro typo : Augusto tornou-se pallido, sombrio , e melancolico : horas inteiras se passavão sem que uma só palavra fosse apenas murmurada por seos labios ;

prolongadas insomnias erão marcadas minuto a minuto por dolorosos gemidos, e seos olhos amortecidos, como que obsequiavão a luz, quando por acaso se entreabrião. Na visita do quarto dia o medico dice ao pay de Augusto :

— Não vamos bem.

Uma idéa terrivel appareceo então no pensamento do sensivel velho : — a possibilidade de morrer seo filho — a flor de suas esperanças;—e tal idéa derramou em seo coração todo esse fel, cujo amargor só pôde sentir a alma de um pay : entrou apressado e tremulo no quarto do querido enfermo, e vendo-o prostrado no leito, como insensivel, como meio morto, exclamou com lagrimas nos olhos :

— Oh meo filho!... meo filho!... por que me queres matar?...

Um brando favonio de vida passou pelo rosto de Augusto ; seos olhos se abrirão, um leve sorriso de gratidão lhe alizou os labios, tambem duas lagrimas ficarão penduradas em suas palpebras, e elle tomando e beijando a mão paterna murmurou com voz sumida e terna :

— Meo pay.... tão bom!...

Doces frases, que retumbárão com mais doçura ainda no coração do velho !

— Querido louco!... dice elle . tu me obrigas a fazer loucuras !

E sahio do quarto e logo depois de casa ; mas voltando passadas algumas horas, entrou de novo na camara do doente . fez retirar todas as pessoas, que ali

se achavão, e ficando a sós com elle , deo-lhe provavelmente algum elixir tão admiravel , que as melhoras começarão a apparecer, como por encantamento, no mesmo instante. Que milagres não será capaz de fazer o amor dos pays?...

Novidades do mesmo genero perturbavão a paz e os prazeres da ilha de... D. Carolina tambem padecia. Os nossos amantes acabavão de chegar ao sentimental, e com seo sentimentalismo estavão azedando a vida, dos que lhes querião bem. Os namorados sãc semelhantes ás crianças : primeiro divertem-nos com suas monices , depois incommodão-nos choramigando.

A bella Moreninha tinha visto romper a aurora do domingo no rochedo da gruta, e tendo debalde esperado o seo estudante até alto dia, voltou para casa arrufada. No almoço não ouve prato, que não accusasse de mal temperado...; faltava-lhe o tempero do amor ; o chá não se podia tomar, o dia estava frio de enregelar, toda a gente de sua casa a olhava com máos olhos ; seo proprio irmão tinha um defeito imperdoavel, era estudante ; pertencia a uma classe , cujos membros erão sem excepção, sem excepção nenhuma (bradava ella lindamente enraivecida) falsos máos , mentirosos, e até.... feios. A tarde sentio-se incommodada, retirou-se, não ceiou , e não dormio.

Tudo neste mundo é mais ou menos compensado; o amor não podia deixar de fazer parte da regra; elle que de um nadasinho tira motivos para o prazer de dias inteiros , que de uma flor já murxa engendra o

mais vivo contentamento; que por um só cabello faz escarcéos taes , que nem mesmo a sorte grande os causaria ; que por uma cartinha de cinco linhas põe os labios de um pobre amante em inflammação aguda com o estalar de tantos beijos; se não produzisse também agastados arrufos, as vezes algumas cólicas, outras amargores de boca, palpitações , ataques de hypochondria , pruido de canelas et cætera , seria tão completa felicidade cá em baixo, que a terra chegaria a lembrar-se de ser competidora do Ceo.

Um exemplo dessa regra está sendo a nossa cara menina. Coitadinha ! vai passando uma semana de ciumes e amarguras : acordando-se ao primeiro trinar do canario ella busca o rochedo e com os olhos embebidos no mar canta muitas vezes a balada de Ahy , repetindo com fogo a estrophe , que tanto lhe condiz por principiar assim :

« Eu tenho quinze annos

« E sou morena e linda. »

E quando o sol começa a fazer-se quente deixa o rochedo para passar o dia inteiro no fundo do seo gabinete , ou ao lado de sua boa avó , que mal pôde consolal-a ; porque conhecendo já a causa da tristeza da querida neta, teme vel-a fugir vermelha de pejo , se não fingir com finura que ignora o estado de seo coração.

O dia de sexta feira trouxe ainda algumas novidades a ilha de... A Sra. D. Anna recebeu cartas que a tornarão talvez menos triste , mas sem duvida muito pensativa ; a presença da linda neta parecia

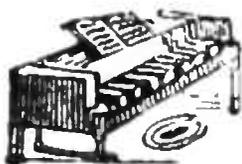
alentar mais essas reflexões , que se prolongarão até a tarde do dia seguinte , em que um velho e particular amigo de sua família veio da côrte visitá-la , e com a respeitavel senhora ficou duas horas conferenciando a sós.

Esse homem despedio-se em fim da Sra. D. Anna, deixando-a cheia de prazer , e no momento em que saltava dentro do seu batel vendo a interessante Moreninha que tristemente passeava aborçada do mar , saudou-a com esta simples palavra , e apontando para o Ceo :

— Esperança !.

D. Carolina levantou a cabeça , e vio , que já o batel cortava as ondas ; mas como para corresponder a tam animador cumprimento , ella por sua vez apontou tambem para o Ceo, e pondo a outra mão no lugar do coração , dice :

— Esperarei.



XXIII.

A esmeralda e o camafeu.

D. Carolina passou uma noite cheia de pena e cuidados ; porém já menos ciumenta e despeitada : a boa avó livrou-a desses tormentos : na hora do chá fazendo com habilidade e destreza cair a conversação sobre o estudante amado dice :

— Aquelle interessante moço , Carolina parece pagar-nos bem a amizade , que lhe temos : não entendes assim ?...

— Minha avó ... eu não sei.

— Dize sempre : pensarás acaso de maneira diversa ?.

A menina hesitou um instante , e depois respondeu.

— Se elle pagasse bem , teria vindo domingo.

— Eis uma injustiça Carolina ; desde sabbado a

noite , que Augusto está de cama prostrado por uma enfermidade cruel.

— Doente ? ! exclamou a linda Moreninha extremamente commovida doente?.. em perigo?..

— Graças a Deos, a dous dias ficou livre delle, de hoje já pode chegar a janella : assim me mandou dizer Felippe.

— Oh !... pobre moço !.. se não fosse isso , teria vindo ver-nos !..

E pois todos os antigos sentimentos de ciúme e temor da inconstancia do amante se trocarão por anciosas inquietações a respeito de sua molestia.

No dia seguinte ao amanhecer a amorosa menina despertou e buscando o toucador a uma semana esquecido , dividio seos cabellos nas duas costumadas bellas tranças , que tanto gostava de fazer ondear pelas espadoas ; vestio o estimado vestido branco e correo para o rochedo.

— Eu me alinhei , pensava ella , porque em fim.. hoje é domingo, e talvez... como hontem já pode chegar a janella, consiga com algum esforço vir ver-me.

E quando o Sol começou a reflectir seos raios sobre o lizo espelho do mar ella principiou tambem a cantar sua balada :

« Eu tenho quinze annos ,

» E sou morena e linda «

Mas como por encantamento no instante mesmo e.n que ella dizia no seo canto :

« Lá vem sua piróga

« Cortando leve os mares; »

Um lindo batelão appareceo ao longe voando com aza intumescida para a ilha. Com força e commoção desusadas bateo o coração a D. Carolina, que calou-se para só empregar no batel — que vinha, attentas vistas cheias de amor e de esperança. Ah !, era o batel-suspirado.

Quando o ligeiro barquinho se aproximou sufficientemente, a bella Moreninha distinguio dentro delle Augusto sentado junto de um respeitavel ancião, a quem não poude conhecer : então ella vendo que chegavão a praia fingio não tel-os sentido e continuou sua balada :

« Era fim abica a praia

« Em fim salta apressado ...

Augusto com effeito saltava nesse momento fóra do batel ; depois deo a mão a seu Pay para ajudal-o a desembarcar, e D. Carolina, que ainda não mostrava dar fé delles proseguio seu canto, até que quando dizia :

« Quando ha de elle correr

« Somente p'ra me ver?..

Sentio que Augusto corria para ella. Prazer immenso inundava a alma da menina para que possa ser descrito : como todos preveem a balada foi nessa estrophe interrompida, e D. Carolina accitando o braço do estudante desceo do rochedo e foi cumprimentar o pay delle.

Ambos os amantes comprehenderão, o que queria dizer a palidez de seus semblantes, e os vestigios de um padecer de oito dias : guardarão silen-

cio ... não tiverão uma palavra para pronun ciar ..
 tiverão só olhares para trocar e suspiros a verter :
 e para que mais?..

A Sra. D. Anna recebeo com sua costumada af-
 fabilidade o pay de Augusto , e abraçou a este com
 ternura. Ao servir-se o almoço ella lhe perguntou :

— Por que não veio meo neto?...

— Ficou para vir mais tarde com nossos dous
 amigos Leopoldo e Fabricio.

— Então teremos um excellente dia.

— Eu o espero.

Uma hora depois o pay de Augusto , e a Snra.
 D. Anna conferenciavão a sós : e os dous namorados
 achavão-se defronte um do outro no vão de uma
 janella.

E elles continuavão no seo silencio; mas olhavão-se
 com fogo.

Augusto parecia querer communicar alguma cou-
 sa bem extraordinaria a sua interessante amada .
 poreu sempre estremecia ao entre-abrir os labios.

E D. Carolina conscia já de sua fraqueza, e como
 lembrando-se dos pezares que tinha soffrido , não
 sabia mais servir-se de seos sorrisos com a malicia
 do tempo da liberdade e mostrava-se esquecida de
 seo viver de alegrias , e travessuras.

Alguma grande resolução obrigava o moço a estar
 silencioso , como tremendo pelo exito della?..

No fim de muito tempo elles havião conseguido
 dizer-se :

— O mar está bem manso.

— O dia está sereno.

Felizmente para elles a Sra. D. Anna os convidou a entrar no gabinete : Augusto para ali se dirigio tremendo ; D. Carolina curiosa : quando elles se sentárão , o ancião fallou.

— Augusto , eu acabo de obter desta respeitavel senhora , a honra de te julgar digno de pretenderes a mão de sua linda neta : agora resta que alcances o — sim — da interessante pessoa que amas. Falla.

Tanto D. Carolina como o pobre estudante ficarão còr de nacar : ouverão bons cinco minutos de silencio : o pay de Augusto instou para que elle fallasse , e o bom do rapaz não fez mais que olhar para a moça com ternura , abrir a boca , e fechal-a de novo sem dizer palavra.

A Sra. D. Anna tomou então a palavra , e dice sorrindo-se :

— Em fim é necessario , que os ajudemos : Carolina o Snr. Augusto te ama , e te quer para sua esposa , tu que dizes?..

Nem palavra.

Foi preciso que se repetisse pela terceira vez a pergunta , para que a menina sem levantar a cabeça murmurasse apenas :

— Minha avó... eu não sei.

— Pois creio , que ninguem melhor . que tu o poderá saber. Desejas que eu responda em teu nome?...

A bella Moreninha pensou um momento ... não poudo vencer-se , surrio-se , como se surria d'antes ,

e erguendo a cabeça dice :

— Eu rogo , que d'aqui a meia hora se va receber a minha resposta na gruta do jardim.

— Quererás consultar a fonte?. pois bem, iremos

D. Carolina sahio com ar meio acanhado , e meio maligno. Passados alguns instantes a Sra. D. Anna , como quem estava certa do resultado da meia hora de reflexão , e já por tal podia gracejar com os noivos dice a Augusto.

— O Senhor não quer reflectir tambem no jardim?..

O estudante não esperou segundo consellio, e para logo dirigio-se a gruta. D. Carolina estava assentada no banco de relva : seo rosto sem poder occultar a commoção e o peijo , que lhe produzia o objecto, de que se tratava, tinha com tudo retomado o antigo verniz do prazer e malicia : vendo entrar o moço , dice :

— Eu creio que ainda se não passou meia hora!..

— Ah!. podia eu esperar tanto tempo?..

— Acaso veio perguntar-me alguma cousa?..

— Não minha senhora ; eu só venho ouvir a minha sentença.

— Então ... pede-me para sua... esposa?..

— A Senhora o ouviu a pouco.

— Pois bem , Sur. Augusto , veja como verificou-se o prognostico , que fiz do seo fucturo ! não se lembra, que aqui mesmo lhe dice, « que não longe estava o dia, em que o senhor havia esquecer sua mulher? »

— Mas eu nunca fui casado murmurou o estudante.

— Oh ! isso é uma recommendação contra a sua constancia !..

— E quem tem culpa de tudo , senhora ?..

— Muito a tempo ainda me lança em rosto a parte que tenho na sua infidelidade : pois eu emendarei a mão agora. O senhor ha de cumprir a palavra que deo a sete annos !

Augusto recuou dous passos.

— O senhor é um moço honrado , continuou a cruel Morezinha e por tanto cumprirá a palavra que deo, e só casará com sua desposada antiga.

— Oh !.. agora já é impossivel !

— Ella deve ser uma bonita moça !.. teria razão de queixar-se contra mim , se eu roubasse um coração, que lhe pertence..... até por direito de antiguidade : ora eu, apesar de ser travessa, não sou má; e por tanto o senhor só será esposo dessa menina.

— Jamais !..

— Juro-lhe que ha de sel-o.

— E quem me poderá obrigar?...

— Eu pedindo.

— A senhora ?..

— E a honra mandando.

— Para que pois animou o amor que pela senhora sinto ?..

— Para satisfazer a minha vaidade de moça : somente para isso. Eu o ouvi gabar-se de que nenhuma mulher seria capaz de conserval-o em amoroso

enleio por mais de tres dias, e desejei vingar a injuria feita a meo sexo : trabalhei confesso, que trabalhei por prendel-o , fiz talvez mais , do que devia , so para ter a gloria de perguntar-lhe uma vez , como agora o faço « então , senhor quem venceo . o homem ou a mulher ?..

— Foi a belleza !.

— Porem já passou o tempo do galanteio ; e eu devo lembrar-lhe o dever que com a paixão esquece. Escute : de idade de treze annos o senhor amou uma linda e travessa menina que contava apenas sete.

— Já a senhora em outra occasião me dice isso mesmo.

— Junto ao leito de um moribundo jurou . que havia de amal-a para sempre.

— Foi um juramento de criança.

— Embora , foi um juramento : trocòu com elle ahi mesmo prendas de amor : e quando a menina lhe apresentar a que recebeo , e lhe pedir a que lhe offereceo , e o senhor acceitou ?..

— Ah Senhora !..

— Quando o velho moribundo dando-lhe o breve de côr branca dice : « tomai este breve cuja côr exprime a candura da alma d'aquella menina ; elle contem o vosso camafeu ; se tendes bastante força para ser constante , e amar para sempre aquelle bello anjo, dai-lh'ò, para que ella o guarde com desvelo : » por que deo o senhor o breve a menina ?..

— Por que eu era um louco ! .. uma criança !..

— E nem ao menos se lembra , de que o velho dice com voz inspirada « Deos paga sempre a esmola que se dá ao pobre !.. lá no fucturo vós o sentireis !« não tem o senhor esperança de ver realisar-se essa bella profecia ?... não se lembra de ouvil-a ?... pois ella souu bem docemente no meo coração , quando as escondidas a escutei repetida nesta gruta por seos labios !..

— Oh ! mas por que Deos não me prendeo a essa menina com laços indissolueis antes que eu visse o lindo anjo desta ilha ?..

— E como senhor , posso eu acreditar nos seos protestos de ternura e constancia , se já o vejo faltar a fé a uma outra !.. Senhor ! senhor ! o que foi que prometteo á sete annos passados ?...

— Então eu não pensava no que fazia !..

— E agora pensa no que quer fazer ?..

— Penso que sou um desgraçado , um louco !.. penso , que é uma barbaridade inqualificavel , que em quanto eu padeço , e soffro mil torturas , deixe a senhora brincar nos seos labios o sorriso , com que costuma encantar para matar... penso...

— Acabe !

— Penso que devo fugir para sempre desta ilha fatal ; deixar aquella cidade detestavel , abandonar esta terra de minha patria , onde não posso ser outra vez feliz !.. penso , que a lembrança do meo passado faz a minha desgraça , que o presente me enlouquece . e me mata , que o fucturo... oh ! já não haverá fucturo para mim !.. adeos senhora , !

— Então parte?..

— E para sempre.

D. Carolina deixou cair uma lagrima e fallou ainda mas já com voz fraca e tremula.

— Sim deve partir vá talvez encontre aquella , aquem jurou amor eterno ... ah senhor ! nunca lhe seja perjuro !

— Se eu a encontrasse !..

— Então ?.. que faria ?..

— Atirar-me-in a seos pes abraçar-me-iã coz elles , e lhe diria : perdoai-me , perdoai-me , senhora eu já não posso ser vosso esposo ! tomai a prenda, que me destes...

E o infeliz amante arrancou de debaixo da camisa um breve que convulsivamente apertou na mão.

— O breve verde !... exclamou D. Carolina , o breve, que contém a esmeralda !...

— Eu lhe diria, continuou Augusto , recebei este breve, que já não devo conservar ; porque eu amo outra, que não sois vós, que é mais bella e mais cruet , que vós !...

A scena se estava tornando pathetica : ambos choravão , e só passados alguns instantes a inexplicavel Moreninha ponde fallar, e responder ao triste estudante.

— Oh ! pois bem , dice; vá ter com sua antiga desposada; repita-lhe, o que acaba de dizer, e se ella ceder.... se perdoar.... volte , que eu serci sua.... esposa.

— Sim... eu corro !... mas , meo Deos , onde poderei achar essa moça, a quem não tornei a ver, nem poderei conhecer?... aonde, meo Deos?... aonde?...

E tornou a deixar correr o pranto por um momento suspendido.

— Espere ; tornou D. Carolina ; escute , senhor. Houve um dia , quando minha mãy era viva, em que eu tambem soccorri um velho moribundo ; como o Sr. e sua camarada , matei a fome de sua familia, e cubri a nudez de seos filhos : em signal de reconhecimento tambem esse velho me fez um presente ; deo-me uma reliquia milagrosa, que, asseverou-me elle . tem o poder uma vez na vida, de quem a possue, de dar o que se deseja : eu cozi essa reliquia dentro de um breve; ainda não lhe pedi coisa alguma ; mas trago-a sempre comigo ; eu lh'a cedo.... tome o breve, descoza-o , tire a reliquia , e a mercê della encontre sua antiga amada , obtenha o seo perdão , e me terá por esposa.

— Isto tudo me parece um sonho, respondeo Augusto, porem dê-me, dê-me esse breve!

A menina com effeito entregou o breve ao estudante , que começou a descozel-o precipitadamente. Aquella reliquia, que se dizia milagrosa , era sua ultima esperanza, e semelhante ao naufrago , que no derradeiro extremo se agarra a mais leve taboa , elle se abraçava com ella. Só falta a derradeira capa do breve.... eil-a , que cede , e se descoze.... salta uma pedra.... e Augusto enthiasmado, e como delirante cae aos pés de D. Carolina exclamando :

— O meo camafeu !... o meo camafeu !...

A Sra. D. Anna , e o pay de Augusto entrão nesse instante na gruta , e encontrão o feliz e fervoroso amante de joelhos, e a dar mil beijos nos pés da linda menina , que tambem por sua parte chorava de prazer.

— Que loucura é esta ? perguntou a Sra. D. Anna.

— Achei minha mulher !... bradava Augusto , encontrei minha mulher !... encontrei minha mulher !...

— Que quer dizer isto , Carolina ?...

— Ah , minha boa avó ! respondeo a travessa Moreninha ingenuamente , nós eramos conhecidos antigos.



EPILOGO.

A chegada de Felippe, Fabricio e Leopoldo veio dar ainda mais viveza ao prazer, que reinava na gruta: o projecto de casamento de Augusto e D. Carolina não podia ser um mysterio para elles, tendo sido, como foi, elaborado por Felippe de accordo com o pay do noivo, que fizera a proposta, e com o velho amigo, que ainda no dia antecedente viera concluir os ajustes com a Sra. D. Anna; e portanto o tempo, que se gastaria em explicações, passou-se em abraços.

— Muito bem ! muito bem ! dice por fim Felippe; quem poz o fogo ao pé da polvora fui eu, que obriguei Augusto a vir passar o dia de S. Anna connosco.

— Então estás arrependido?...

— Não por certo, apesar de me roubares minha

irmã : finalmente para este thesouro sempre teria de haver um ladrão : ainda bem , que foste tu , que o ganhaste.

— Mas, meo maninho, elle perdeu , ganhando....

— Como ?...

— Estamos no dia viate de agosto : um mez!...

— É verdade !... um mez !... exclamou Felippe.

— Um mez !... gritarão Fabricio, e Leopoldo.

— Eu não entendo isto ! dice a Sra. D. Anna.

— Minha boa avó . acudio a noiva , isto quer dizer . que finalmente está presa a borboleta.

— Minha boa avó , clamou Felippe , isto quer dizer, que Augusto deve-me um romance.

— Já está prompto ; respondeo o noivo.

— Como se intitula?...

— A MORENINHA.





Doce e forçoso me é aqui agradecer aos meos amigos, e collegas o muito, que fizerão para a publicação deste romance. A elleſ e a todos os leitores rogo, que fechem os olhos aos senões e defeitos da primeira obra, que me atrevi a fazer imprimir. Sobre tudo notar-se-ão innumeraveis erros de orthographia, que a pesar meo escapárão; mas nos ultimos mezes de um anno lectivo tão trabalhoso como o em que estou, mal pude attender devidamente a todos os erros que formigavão nos capitulos do romance copiados por diversas pessoas, cada uma das quaes talvez segue orthographia differente: perdão e desculpa pois.







XIII.

Os quatro em conferencia.

Ninguem se arreceie pela nossa travessa : o grito de dor foi na verdade seo ; mas se alguem corre perigo , não é certamente ella. O caso é simples.

Morava com a Snra. D. Anna uma pobre mulher, por nome Paula , muito estimada de todos, porque o era da despota-sinha d'aquella ilha, de D. Carolina, a quem tinha servido de ama. Os desvelos e incommodos , que tivera na criação da menina , lhe erão sobejamente pagos pela gratidão e ternura da moça.

Ora todos se tinham ido para o jardim logo depois do jantar ; mas o nosso amigo Keblerc achára justo e prudente deixar-se ficar fazendo honras a meia duzia de lindas garrafas , das quaes se achava ternamente enamorado ; com tudo elle pensava, que seria mais feliz, se deparasse com um companheiro, que o

alguns escravos para o jardim gritando , que Paula acabava de ter um ataque.

A primeira pessoa , que entrou em casa , foi D. Carolina, que vendo a infeliz mulher estirada no assoalho , caio sobre ella exclamando com força : — Oh minha mãy !.... -- Foi este o seo grito de dor.

Momentos depois Paula se achava deitada n'uma boa cama, e rodeada por toda a familia ; porem havia algazarra tal, que mal se entendia palavra.

— Isto foi o jantar que lhe deo na fraqueza , gritou uma avellantada matrona, que se suppunha com muito geito para a medicina ; é fraqueza complicada com o tempo frio... não vale nada... venha um cópo de vinho ! — e dizendo isto foi despejando meia garrafa de vinho na boca da pobre Paula , que por mais que lepida e risonha o fosse engolindo a largos tragos , não poude livrar-se de que a interessante Esculapia lhe entornasse boa porção pelos vestidos.

— São maleitas ! exclamava D. Violante com toda a força de seos pulmões : são maleitas ! quem lhe olha para o nariz diz logo, que são maleitas ! eu já vi curar-se uma mulher , que teve o mesmo mal , com cauda de cobra moida torrada, e depois desfeita n'um copo d'agoa tirada de pote velho com um coco novo e com a mão esquerda, pelo lado da parede. É fazer isto já.

— São lombrigas ! gritava uma terceira.

— É ataque de estupor ! bradava quarta senhora.

— É espirito maligno ! acudio outra, que foi mais ouvida que as primeiras , é espirito maligno , que

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).